

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 530 | Ano XVIII | 16/10/2018

Missões Jesuíticas

Mundos que se revelam e se transformam

Carlos D. Paz

Alexandre Coello de La Rosa

Guilherme Galhegos Felipe

María Salinas

Ernelo Schallenberger

María Elena Imolesi

Célia Tavares

Miguel de Asúa

Norberto Levinton

Aliocha Maldavsky

Helenize Serres

Leia também

■ Idelber Avelar

Missões jesuíticas. Mundos que se revelam e se transformam

2

“**A**s missões certamente foram um ponto de encontro mútuo entre práticas e saberes próprios dos nativos e dos evangelizadores.” É assim que **Carlos Paz**, doutor em História pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, na Argentina, define a experiência do contato de jesuítas, associados às monarquias católicas ibéricas, com populações indígenas no espaço da redução, também chamado missão.

Historiadores destacam que é preciso romper com a máxima de que as ações da Companhia de Jesus estavam necessariamente associadas à imposição do cristianismo e das lógicas temporais europeias. Para eles é preciso levar em conta as transformações que ambas as culturas sofreram a partir das suas relações. Esta é a proposta das *Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas*, que acontecem, em sua XVII edição, na Unisinos – Campus São Leopoldo, nos dias 22 a 25 de outubro. A presente edição da **IHU On-Line** debate esse tema.

Alexandre Coello de La Rosa, professor da Universitat Pompeu Fabra - UPF, de Barcelona, Espanha, analisa as missões como um empreendimento que dá origem ao que mais tarde vai se definir como globalização. **Guilherme Galhegos Felipe**, doutor em História pela Unisinos, descreve as transformações que ocorrem a partir do momento da colonização, que coloca duas culturas distintas frente a frente no espaço de missão.

Os escritos de membros da Companhia de Jesus sempre foram fontes para a pesquisa historiográfica, embora muito questionados pela parcialidade. **María Salinas**, professora na Facultad de Humanidades da Universidad Nacional del Nordeste, na Argentina, retoma esse debate e propõe a necessidade de voltar a esses materiais com outros olhares. **Ernelo Schallenberger**, professor da Unioeste, entende que do encontro entre jesuítas e índios emergem novos estatutos sociais.

A Companhia de Jesus também está inscrita no contexto das transformações que vão ocorrer na transição do Medievo para a Modernidade. **María Elena Imolesi**, professora de

História Latino-americana na Universidad de Buenos Aires, Argentina, analisa como a identidade moderna vai sendo forjada na experiência missioneira.

A historiadora **Célia Tavares**, da UERJ, analisa as particularidades e consequências das ações dos jesuítas nas primeiras incursões na Índia. **Miguel de Asúa**, professor de História do Instituto de Pesquisa de Ciências e Engenharia Ambiental na Universidade de San Martín, na Argentina, aborda a experiência missioneira como fonte para pensar as ciências médicas e naturais no contexto histórico.

O arquiteto **Norberto Levinton**, doutor em História e pesquisador na Universidad del Salvador, na Argentina, estuda como as edificações e organizações espaciais das missões revelam mais do que uma supremacia de um povo sobre outro. **Aliocha Maldavsky**, doutora em História, observa que a ação de jesuítas não é algo uniforme e generalizado, assim como as relações que vão estabelecer com o poder temporal e populações nativas. **Helenize Serres**, doutora em História pela Unisinos, detalha descobertas de sua pesquisa sobre as chamadas estâncias missionárias.

Também pode ser lida a entrevista de **Idelber Avelar**, professor da Tulane University, em New Orleans, EUA, analisando a conjuntura política pós-eleitoral.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.



Ruínas da Igreja São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões/RS | Foto: Maira Dill

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Idelber Avelar:** “A nova direita é mais ideológica que a fisiológica dos Jucás e Eunícios”
- 12 ■ **Tema de capa | Carlos D. Paz:** A missão jesuítica: as complexas relações que vão além da expansão do cristianismo
- 20 ■ **Tema de capa | Alexandre Coello de La Rosa:** A experiência jesuítica num empreendimento de globalização
- 27 ■ **Tema de capa | Guilherme Felipe:** “Os outros” que se tocam na experiência de missão
- 31 ■ **Tema de capa | María Salinas:** A escrita jesuítica desvela narrativas da história da América colonial
- 36 ■ **Tema de capa | Ernelo Schallenger:** Processos migratórios dos séculos XVI e XVII promovem novos estatutos sociais
- 41 ■ **Tema de capa | María Elena Imolesi:** As ações missionárias e a formação da identidade moderna
- 48 ■ **Tema de capa | Célio Tavares:** A “hinduização” do cristianismo na experiência missionária no Oriente
- 54 ■ **Tema de capa | Miguel de Asúa:** A história natural e da ciência como valor missionário
- 59 ■ **Tema de capa | Norberto Levinton:** Da mistura de dois mundos, emerge a arquitetura missionária
- 63 ■ **Tema de capa | Aliocha Maldavsky:** A multiplicidade política nas missões da Companhia de Jesus
- 67 ■ **Tema de capa | Helenize Serres:** Estâncias missionárias como horizonte de relações
- 72 ■ **Publicações | Andrea Grillo:** O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial”
- 75 ■ **Outras edições**



ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnechi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia

Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Eric Machado.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS

CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

“A democracia está ameaçada no Brasil. Conseguiremos salvá-la?”



“Ao se sentirem desamparadas e não atendidas pelo sistema em vigor, muita gente se sentiu atraída e seduzida por propostas alternativas conservadoras.”

Daniel Aarão Reis é graduado e mestre em História e doutor em História Social. Professor da UFF. Disponível em <https://bit.ly/2Rlv1IH>.

É possível reduzir as desigualdades em tempo de crise



“Os 10% mais ricos ganham muito mais que a média e, além disso, ainda têm rendas muito desiguais entre si, o que não acontece entre os mais pobres.”

Carlos Corseuil é doutor em Economia e técnico de planejamento e pesquisa do Ipea. Marcos Hecksher é assessor especializado do Ipea e doutorando em População, Território e Estatísticas Públicas. Disponível em <https://bit.ly/2OSxW30>.

4

Eleições 2018 e a economia. Um cenário nada animador. “O maior desafio é político”



“A onda antissistema que foi capitalizada pelo Bolsonaro carrega consigo uma agenda econômica ultraliberal que não tem nenhuma chance de ter êxito em uma economia com as características da brasileira.”

Marcelo Manzano é doutor em Desenvolvimento Econômico e mestre em Economia Social e do Trabalho. Disponível em <https://bit.ly/2yswDOF>.

Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil



Para avaliar os impactos e os significados desta eleição, a IHU On-Line ouviu uma série de especialistas para analisar o primeiro turno de 2018.

Entrevistados: Roberto Romano, Clemente Ganz Lúcio, Ivo Lesbaupin, Rudá Ricci, Bruno Cava, Adriano Pilatti, Acauam Oliveira e Moysés Pinto Neto. Disponível em <https://bit.ly/2ytT19T>.

O cenário político desolador, a antipolítica das redes e a performance das candidaturas



“O sentimento geral é de que nenhuma candidatura atual é capaz de responder às demandas urgentes do seu tempo, de aparente esgotamento de ideias políticas radicais.”

Acauam Oliveira é graduado em Letras, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutor em Literatura Brasileira. É professor da UPE. Disponível em <https://bit.ly/2NBpu3t>.



Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Cuidado, somos perigosos!

“A minha história é a história de centenas de milhares de brasileiros. É possível que parte deles estejam contaminados pelo temor, afeto que reverbera o ódio de um projeto político covarde e autoritário. A todos estes, meu amor, minha tristeza e minha absoluta solidariedade.”

Artigo de Ricardo Machado, jornalista e doutorando em Comunicação, publicado no sítio do IHU em 10-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2yl07hx>.

“Há um desejo de ver a ditadura como uma utopia”. Entrevista com Lília Schwarcz

A antropóloga e escritora Lília Schwarcz já escreveu vários livros sobre a história de seu país e, neles, não há tantas passagens tão carregadas de tensão e significado como as eleições que se realizam neste domingo.

Entrevista de Tom C. Avendaño, publicada por El País, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 8-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2CF39RB>.

Está explodindo uma bomba que ninguém quis ver. Entrevista com Vladimir Safatle

Os posicionamentos de Jair Bolsonaro (PSL) sobre pautas identitárias, como os direitos das mulheres e LGBTs, dominaram o debate eleitoral no primeiro turno e atraíram o foco das atenções internacionais. Na leitura do filósofo Vladimir Safatle, professor da Universidade de São Paulo (USP), as declarações são utilizadas pelo candidato a partir de um cálculo estratégico para esvaziar a discussão política.

A entrevista é de João Soares, publicada por Deutsche Welle, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 8-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2C9Z8DI>.

Kim convida o papa, Santa Sé não comenta. Coreia está no centro da diplomacia vaticana

O “ditador” Kim Jong-un quer se encontrar com o papa Francisco e não vê a hora de recebê-lo “calorosamente”. Mais um movimento surpreendente do líder norte-coreano, neto de Kim Il-Sung, que extirpou os católicos do país. O porta-voz vaticano, Greg Burke, declarou que a audiência ocorrerá no dia seguinte a uma missa solene que o cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, celebrará em São Pedro pela paz na península coreana.

Reportagem de Maria Antonietta Calabrò, publicada em L’HuffingtonPost.it, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 10-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2Pp2shT>.

“Líderes responsáveis não têm o direito de se isentar diante da insanidade de Bolsonaro”

Fernando Limongi não esconde a angústia com o resultado do primeiro turno das eleições. Para ele, a vitória de Jair Bolsonaro joga o país no escuro, e aqueles que o apoiam estão minimizando riscos extremamente perigosos que o candidato do PSL trará caso vença o segundo turno. Limongi se mostrou chocado com a neutralidade assumida por grandes lideranças como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Reportagem de Carla Jiménez, publicada por El País, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 11-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2ORCKPS>.

Frei Betto: “Vejo paralelo entre o momento atual e a eleição de Hitler na Alemanha”

Em entrevista à Pública, o frade dominicano e escritor afirma que Bolsonaro é resultado da omissão do judiciário que permitiu a “lei esdrúxula da anistia recíproca” e que o PT “não cuidou de promover a alfabetização política do povo”.

A entrevista foi publicada por Agência Pública em 11-10-2018 e reproduzida pelo sítio do IHU em 13-10-2018, disponível em <http://bit.ly/2Eq3N79>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

**Oficina de Plantas
Medicinais – Parte III**

17/out

Horário
12h30

Ministrante
Profa. MS Denise Schnorr
– Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Oficina de Excel
avançado para análise
e sistematização
de dados**

17/out

Horário
15h às 17h

Ministrante
Prof. MS Renato Luiz Ro-
mera Carlson – Unisinos

Local
Sala de Informática –
Prédio B09, sala 8
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Dinâmica
macroeconômica
brasileira 2003-2017.
Crise e perspectivas**

18/out

Horário
17h30 às 19h

Conferencista
Prof. Dr. Fernando Maccari
Lara – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**No tempo das
catástrofes.
Apresentação da obra
de Isabelle Stengers**

23/set

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
MS Ricardo Machado –
Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Roda de conversa
sobre alimentação
orgânica e as
legislações dos
agrotóxicos**

24/out

Horário
13h às 14h

Participante
Marcelo Fernandes Ritter –
Emater

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Política fiscal
e trajetória
macroeconômica
brasileira no período
de 2003 a 2017**

24/out

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Manuel Pires –
IBRE/FGV

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

O avassalador *Silêncio* de Scorsese

 medium.com/@_ihu



**As mulheres transexuais
e a adequada execução
da pena privativa de
liberdade nas unidades
prisionais**

25/out

Horário
17h30 às 19h

Conferencista
Bel. Monique Costa
Machado

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Trajetória
macroeconômica
brasileira 2003-2017 e
as políticas de ciência,
tecnologia e inovação**

29/out

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. João Alberto de
Negri – IPEA

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**A 4ª Revolução
industrial e a ciber(in)
segurança**

31/out

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Carlos Affonso
Souza – Instituto de
Tecnologia e Sociedade
do Rio – ITS Rio

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

Ouse pensar
o que ninguém pensou.

ihu.unisinos.br

“A nova direita é mais ideológica que a fisiológica dos Jucás e Eunícios”

Idelber Avelar analisa a conjuntura política nacional depois do segundo turno das eleições de 2018

Patricia Facchin

8

A pesar de o PT ter eleito a maior bancada na Câmara dos Deputados, “isso não significa muito quando são 30 partidos representados e a maior bancada é pouco mais de 10% do total”, diz Idelber Avelar à IHU On-Line ao analisar o resultado das eleições deste ano. Na avaliação dele, o partido sofreu “todas as grandes derrotas simbólicas” que poderia ter sofrido, a exemplo da não eleição da ex-presidente Dilma, de Suplicy, de Fernando Pimentel e de Lindberg Farias.

Mas não foi somente o PT quem perdeu no último pleito. O mesmo aconteceu com a “direita que capitaneou o impeachment”, como Magno Malta, Romero Jucá, Edison Lobão, Garibaldi Alves, Eunício Oliveira, Cássio Cunha Lima, que foram “varridos” do Congresso, afirma na entrevista a seguir, concedida por e-mail.

A direita que saiu vitoriosa das eleições, menciona, “é bem mais ideológica que a direita fisiológica dos Jucás e Eunícios”. A antiga direita, compara, “era uma espécie de fiadora do pacto peemedebista e atuava dentro do governo indistintamente, sob tucanos e petistas”, enquanto a nova direita “não é uma coalizão de caciques oligárquicos locais. É uma direita enraizada na população, composta de pastores, militares, donos de terras e classe média urbana, e articulada pelo WhatsApp”.

Essa nova direita, adverte, não pode ser explicada somente pelo antipetismo, porque os “motivadores reais que os acompanham são o sentimento antisistêmico, o punitivismo e o afã anticorrupção. Eu diria que essa nova direita, mais que ter a cara de Bolsonaro, encontrou em Bolsonaro uma espécie de significante vazio no qual se expressar”.

Além da nova direita, quem surpreendeu nesta eleição foi a candidatura de Ciro Gomes, que se propôs como uma alternativa à esquerda. Ao avaliar o percentual de votos recebido por Ciro, Idelber esclarece que a “pergunta que se impõe, portanto, não é por que Ciro Gomes não conseguiu ser uma alternativa, e sim como é possível que ele tenha chegado a tantos votos. A razão pela qual ele não conseguiu ser alternativa é premissa da conversa: o maior líder político da história do país e o maior partido da atualidade, cinco vezes superior a qualquer outro em preferências do eleitor, decidiram destruí-lo, bloqueá-lo, impedir que ele chegasse ao segundo turno, como fizeram com Marina em 2014 — só que com a articulação de bastidores em vez de difamação pesada”.

Idelber Avelar é professor de Teoria Literária e Estudos Culturais na Tulane University, em New Orleans, EUA, e doutor em Estudos Espanhóis e Latino-Americanos pela Duke University.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que Ciro Gomes não conseguiu ser uma alternativa à esquerda?

Idelber Avelar – Acredito que Ciro Gomes fez uma campanha notável, em circunstâncias muito difi-

ceis. Boicotado por Lula, que implodiu a aliança que ele havia tentado construir com o PSB, atacado pela



“Está enterrada, evidentemente, qualquer possibilidade de que Geraldo Alckmin volte a postular a Presidência”

centro-direita tucana, que bloqueou suas vias de acesso ao centrão fisiológico, Ciro percorreu o país, defendeu seu projeto — tomando amplas liberdades com os números e com alguns fatos, é verdade — e chegou a quase 13% dos votos praticamente sozinho. Nesse sentido, o contraste com Marina não poderia ser mais nítido. Marina começou com um patamar de 20% dos votos, atingido duas vezes, e na condição de líder de um movimento. Mesmo assim, derreteu até 1%.

A pergunta que se impõe, portanto, não é por que Ciro Gomes não conseguiu ser uma alternativa, e sim como é possível que ele tenha chegado a tantos votos. A razão pela qual ele não conseguiu ser alternativa é premissa da conversa: o maior líder político da história do país e o maior partido da atualidade, cinco vezes superior a qualquer outro em preferências do eleitor, decidiram destruí-lo, bloqueá-lo, impedir que ele chegasse ao segundo turno, como fizeram com Marina em 2014 — só que com a articulação de bastidores em vez de difamação pesada. Sozinho, Ciro resistiu bravamente e teve uma votação respeitável. Ele sai dessa eleição maior do que entrou.

IHU On-Line – Qual tende a ser o futuro do PSDB depois da baixíssima votação de Alckmin?

Idelber Avelar – Depende do que acontecer em São Paulo e Minas Gerais, por certo, o que já é alegórico da condição anacrônica, à la República Velha, do partido. O PSDB sai bem encolhido, obviamente, mas é pro-

vável que sobreviva na condição de partido médio a pequeno, como grife para quatrocentões paulistas e para a velha classe dominante mineira. Certamente ele já não será o que foi entre 1994 e 2014, ou seja, líder de um polo de centro-direita que se opõe nacionalmente ao polo de centro-esquerda capitaneado pelo PT. Essa estrutura, essa dicotomia, ruiu. Se Doria vencer em São Paulo, é possível que ele debande e imploda o partido de vez. Se perder, aí certamente as raposas tucanas observarão o quadro antes de tomar decisões.

Em Minas, se vencer Anastasia, mantém-se um arranjo já antigo entre a classe dominante local, a casta política e o Judiciário, arranjo relativamente intocado pela Lava Jato. Está enterrada, evidentemente, qualquer possibilidade de que Geraldo Alckmin volte a postular a Presidência. Se com o latifúndio televisivo, a crise petista e a carência de líderes que caracterizaram 2018 ele não conseguiu, não vai conseguir nunca.

IHU On-Line – O senhor já disse que a esquerda sofreu “uma derrota acachapante” nas urnas e que “a direita fisiológica que capitaneou o impeachment também perdeu”. O que essas perdas significam? Um novo quadro político começa a se desenhar a partir desta eleição?

Idelber Avelar – Discordo de analistas sofisticados como Marcos Nobre que creem que o PT “sobreviveu excepcionalmente bem” às

eleições de 2018. Elegeu a maior bancada, mas isso não significa muito quando são 30 partidos representados e a maior bancada é pouco mais de 10% do total. Todas as grandes derrotas simbólicas que o PT poderia sofrer nesta eleição, ele sofreu. A ex-presidente Dilma Rousseff passou pelo vexame de ficar em quarto lugar contra nulidades na eleição para o Senado em Minas. Suplicy liderou toda a corrida e também ficou de fora em São Paulo. O governador mais importante que tinham, Fernando Pimentel, não chegou sequer ao segundo turno, e o Senador líder da “resistência” contra o impeachment, Lindberg Farias, também ficou de fora. O PT concorreu a Governador com nulidades nos dois principais estados da federação, sendo que no Rio de Janeiro foi explícita laranja das oligarquias políticas para impedir que o PSOL tivesse chance de vencer. No Rio Grande do Sul, que já foi bastião seu, ele já claramente não disputa poder há algum tempo, colapso consolidado este ano. Conquistou alguns palácios estaduais importantes no Nordeste, mas no Ceará, por exemplo, a vitória não é petista por si, ela é de um laranja dos Ferreira Gomes. De grande e importante, resta só a Bahia mesmo como bastião petista.

No entanto, a direita que capitaneou o impeachment também perdeu: Magno Malta, Romero Jucá, Edison Lobão, Garibaldi Alves, Eunício Oliveira, Cássio Cunha Lima, foram todos varridos. Algumas derrotas aí são marcantes simbolicamente. Um pastor com histórico

homofóbico, Magno Malta, perdeu a vaga no Senado para um homem gay assumido, casado e com filhos. Romero Jucá foi abatido um par de anos depois de participar, com Sérgio Machado, da profecia do “grande acordo nacional, com o Supremo, com tudo”. O acordão não parece ter lhe servido de muito, o que não deixa de ser um vexame emblemático em um ano em que Roraima elegeu sua primeira parlamentar indígena. Em suma, a oligarquia peemedebista que capitaneou o país no processo de impeachment foi derrotada também.

“Desapareceram as superbancadas de 90 a 100 deputados que PT, PSDB e MDB chegaram a ter em algum momento”

IHU On-Line – Num dos seus comentários sobre o resultado das eleições, o senhor disse que “venceu uma nova direita”. O que caracteriza essa nova direita e em que aspectos ela se diferencia do que o senhor chama de a direita fisiológica?

Idelber Avelar – A direita que venceu as eleições é bem mais ideológica que a direita fisiológica dos Jucás e Eunícios. Essa antiga direita era uma espécie de fiadora do pacto peemedebista e atuava dentro do governo indistintamente, sob tucanos e petistas. A nova direita é outra coisa, já emerge como antipetista e, ao contrário da outra, não é uma coalizão de caciques oligárquicos locais. É uma direita enraizada na população,

composta de pastores, militares, donos de terras e classe média urbana, e articulada pelo WhatsApp. A natureza da relação que se estabelecerá entre essa nova direita e o Executivo federal é coisa que ainda se verá, claro. Caso vença mesmo Bolsonaro, ela se alinhará com ele automaticamente nas pautas comportamentais, punitivistas, antidi-reitos reprodutivos e anti-LGBT, que não são pautas que eles possam abandonar sem custo político. Nas pautas de austeridade econômica que Bolsonaro terá necessariamente que passar se vencer, essa nova direita oferecerá bolsões de resistência que virão naturalmente das corporações que representam. Essa resistência elevará o valor da propina, já que o cenário agora está muito mais pulverizado.

IHU On-Line – A que o senhor atribui o crescimento da nova direita? Ela pode ser explicada pelo antipetismo ou há outras razões que a explicam? Essa nova direita tem a “cara” de Bolsonaro ou ele representa a “direita fisiológica”?

Idelber Avelar – O crescimento da nova direita é, em grande parte, produto do antipetismo, mas isso não é dizer muito. Essa é uma formulação tautológica, porque a nova direita se define, em grande parte, pelo próprio antipetismo. Mas ela não se define pelo antipetismo no sentido em que os intelectuais petistas mais obedientes e rasteiros o entendem, ou seja, como reação das elites frente aos avanços democráticos dos governos do PT. Essa tem sido uma mistificação com a qual o petismo explica diversos fenômenos do campo político dos últimos anos de forma unilateral.

Essa reação, assim como o próprio racismo, a misoginia e a homofobia, encontram morada nessa nova direita, mas somente quando ela já se legitimou pelo antipetismo. Os motivadores reais que os acompanham são o sentimento antissistêmico, o punitivismo e o afã anticorrupção.

Eu diria que essa nova direita, mais que ter a cara de Bolsonaro, encontrou em Bolsonaro uma espécie de significante vazio no qual se expressar. Ele nada tem de externo ao sistema político nem de impoluta alma anticorrupção, claro, mas encontrou-se — por motivos circunstanciais durante o processo de impeachment — em posição de expressar esses anseios.

IHU On-Line – Alguns analistas afirmam que Bolsonaro tem adotado as mesmas estratégias de Trump nos EUA, especialmente em relação a sua forma de se posicionar via redes sociais, estabelecendo uma comunicação direta com seu eleitorado, sem a edição da mídia. Percebe similaridades entre as estratégias dele e de Trump?

Idelber Avelar – Nesse aspecto há similaridades, sim. Nos dois casos há uma apropriação de pautas da esquerda, advindas da crítica a — e às vezes da obsessão persecutória e paranoica com — os meios de comunicação de massas. Mote constante no trumpismo e no bolsonarismo é a certeza de que a imprensa está esquerdizada e persegue seu candidato. O bolsonarismo também tem com o trumpismo a semelhança de basear-se em um ativismo relativamente espontâneo, enraizado na população e expressando-se em plataformas digitais.

Em outros aspectos, há diferenças importantes que se pontuar. Trump é um entertainer que se colocou em condições de vencer as primárias Republicanas e as eleições gerais exatamente porque mesmo os meios de comunicação que não lhe eram simpáticos lhe deram bastante tempo de tela, por puro interesse comercial. Bolsonaro não é um comunicador: fala mal e não usa a forma comício como Trump. Mas creio que podem ser comparados, sim, como duas expressões da articulação da nova direita via redes sociais.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o novo quadro que irá compor o Congresso?

Idelber Avelar – A Câmara ficou curiosa. Desapareceram as superbancadas de 90 a 100 deputados que PT, PSDB e MDB chegaram a ter em algum momento. A atual legislatura tem 11 partidos médios (de 25 a 60 deputados), 19 partidos pequenos (de 1 a 25 deputados) e nenhum partido grande. É uma gosma de fisiologismo que vai tornar impossível a vida de quem quer que seja o Presidente. Com uma pulverização assim, evidentemente, sobe o valor da propina.

A bancada ruralista teve algumas perdas, mas a bancada da bala se multiplicou com a eleição de militares e delegados. Desapareceu o papel magisterial do MDB, mas permanece por se ver se o arranjo descrito por Marcos Nobre com o nome de peemedebismo desapareceu mesmo. No peemedebismo, o sistema funciona com a produção de supermaiorias legislativas através de um jogo de chantagens e vetos a portas fechadas, que esconde os antagonismos políticos, levando-os para salas fechadas. É possível que os principais antagonismos do sistema político brasileiro já estejam exacerbados demais a ponto de implodir o arranjo peemedebista. É o que há que se ver na próxima legislatura.

IHU On-Line – Quais são os desafios políticos da esquerda, da velha direita e da nova direita daqui para frente?

Idelber Avelar – É curioso que você diferencie nova e velha direita, mas não uma nova e velha esquerda. Você tem razão: toda a esquerda tem sido velha, quem se renovou foi a direita. A velha direita vai sobreviver numa boa, esparramada por rincões regionais e vivendo do sistema político, como sempre; talvez não mantenha seu papel reitor no parlamento, mas está longe de ter morrido. O desafio político da nova direita, caso vença as eleições, vai ser governar o país sem lançá-lo completamente ao caos. O desafio da esquerda continua sendo o de sempre: superar o petismo, fazer a autocritica da narrativa do golpe, reativar alguma possibilidade de estar nas ruas, conversar com a população de forma menos arrogante e entender os anseios de uma faixa mais ampla do Brasil do que a sua tradicional base sindical e acadêmica.

IHU On-Line – O que se pode esperar de um próximo governo Haddad ou Bolsonaro?

Idelber Avelar – De Haddad, caso aconteça o que parece improvável, pode-se esperar um governo de responsabilidade fiscal, de relativa

independência ante o petismo — já que Haddad só se elege, por definição, se transcender o petismo — e de muita, intensa e pesada oposição de uma direita bolsonarista que não vai desaparecer da noite para o dia. É um cenário de bastante instabilidade, mas ainda é mais previsível que o cenário de um governo Bolsonaro, que ninguém realmente pode ter certeza do que será.

Ao mesmo tempo em que seria razoável esperar que a tendência normal a que o eleito se mova na direção do centro se imponha em algum momento, ainda assim seria um período de intensos ataques aos direitos humanos, às garantias jurídicas e a setores mais vulneráveis da sociedade. Considerando que Bolsonaro, ao contrário de Trump, não tem talento político de líder, e considerando que o Brasil tem instituições democráticas bem mais jovens e frágeis que as que atualmente mantêm o sistema político dos EUA funcionando apesar de Trump, o cenário é bem assustador e terrorífico. Creio que se trata de uma eleição entre o certamente ruim e o possivelmente catastrófico.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Idelber Avelar – Uma saudação a todos os anarquistas e trotskistas que se posicionaram.■

Leia mais

- **O cálculo caudilhesco e a falta de projetos para o país.** Entrevista especial com Idelber Avelar, publicada nas Notícias do Dia de 08-08-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2QScvws>.

- **Eleição de Trump expressa o ressentimento racializado e de classe nos EUA.** Entrevista especial com Idelber Avelar, publicada nas Notícias do Dia de 10-11-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ExViY2>.

- **A crise política e o balanço da devastação.** Entrevista especial com Idelber Avelar, publicada nas Notícias do Dia de 08-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2CkxgwG>.

- **Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil.** Algumas análises. Entrevistas especiais, publicadas nas Notícias do Dia de 08-10-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Ck02gQ>.

A missão jesuítica: as complexas relações que vão além da expansão do cristianismo

Carlos D. Paz | Tradução: Henrique Denis Lucas

“**A**s missões certamente foram um ponto de encontro mútuo entre práticas e saberes próprios dos nativos e dos evangelizadores. Tratou-se de um processo social, em constante retroalimentação - embora nem sempre de maneira notável à primeira vista -, onde as populações nativas tiveram um papel protagonista na forma como os jesuítas elaboraram conhecimentos sobre eles. Foram os próprios nativos que, por meio de expressões de uma política que reagia à invasão evangelizadora, condicionaram a forma em que a Companhia de Jesus escreveu sobre eles”, escreve Carlos Paz. E acrescenta: “para os próprios jesuítas, as missões eram muito mais do que uma simples expansão do cristianismo. As missões supunham um desafio por si só e para aqueles que, com o passar dos anos, exerciam seu ministério cheios de dúvidas, retomando dessa forma aquele ‘segundo momento’ em que suas escolhas os devolviam à profundidade da confirmação de suas vocações jesuítas, as missões foram uma experiência que marcou significativamente suas vidas”.

Carlos D. Paz é argentino, doutor em História pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, na Argentina. Realizou pós-doutorado em Sociologia, no Brasil, pesquisando os modos guaranis de administração da alteridade. Atualmente, pesquisa as transformações cosmopolíticas dos grupos chaquenhos e a construção e circulação de uma ideia de barbárie realizada pela Companhia de Jesus. Ainda está desenvolvendo uma investigação, com Eliane Fleck, da Unisinos, sobre a censura de obras jesuítas.

Eis o artigo.

Definir uma missão jesuíta é uma tarefa simples em comparação com o grande esforço despendido para esclarecê-la. Para podermos refletir sobre as missões, devemos primeiramente considerar as mesmas como: A) um sistema de organização social de uma complexidade diferente daquela existente entre os nativos americanos antes da chegada da Companhia de Jesus à América; B) como uma forma de governo das vontades, que impunha certa hierarquização que alterava as posições sociais no mundo indígena – as mesmas que eram definidas sociologicamente pela dinâmica social; C) um complexo emaranhado econômico implantado pela Ordem Inaciana na América e no resto do mundo. Era um projeto de transformação das bases sociais, políticas, ideológicas e simbólicas, que com diversos graus de sucesso, tentou-se aplicar em diferentes partes do globo.

O correto, na América, é falar em reduções. Isto é, o que conhecemos como missões é o resultado da política de concentração de grupos populacionais que possuíam padrões de mobilidade

“Definir uma missão jesuíta é uma tarefa simples em comparação com o grande esforço despendido para esclarecê-la”

sazonal de complexidade variável, chegando a quase alcançar o status de uma autarquia econômica. Uma mobilidade sobre um território extenso que definia espacialidades, entendendo-as como formas sociais de relacionamento e aproveitamento do território e dos bens que o próprio território era capaz de prover para suprir as necessidades daqueles que o transitavam.

A Companhia de Jesus tentava reduzir os grupos, no sentido de aglutinar a população, em um território que já poderia ser delimitado e representado posteriormente por meio de uma razão gráfica que proporcionaria sustento a uma cartografia encarregada de disponibilizar informações necessárias para o controle dos territórios, os espaços e as populações. Junto a isso, buscava-se inserir naquele conjunto de indivíduos um personagem central, que fosse oficializado como cacique, e que ordenasse e controlasse a vontade daqueles ali reduzidos, e que também atuasse como subordinado – ou pelo menos era isso o que se pretendia originalmente.

Deste modo, as reduções supõem uma transformação radical nos modos nativos de existência. Estabelecer-se em um lugar, com fronteiras parcialmente definidas e que constantemente tinha tentativas de tomada de controle por distintos meios, afetou os ciclos de mobilidade sazonal – que permitiam satisfazer as necessidades econômicas, sociais, políticas e simbólicas da população – e, com isso, os *nativos* começaram a experimentar de maneira lenta, gradual e progressiva algumas mudanças em suas formas de relação e organização, tanto social quanto política. Junto a isso, o que houve foi que essa mesma concentração de população necessitava de um personagem que funcionasse como um comissário das vontades de todos que residissem “dentro” das reduções, para os propósitos administrativos exigidos pela Companhia de Jesus e pela administração espanhola e portuguesa. Antes das reduções, diferentes povos indígenas permitiam que alguns sujeitos, conhecidos como *cabeças*, conduzissem, temporariamente, algumas ações políticas. A transformação radical que tinha de ser imposta, ou que ao menos tentou-se levar adiante, é que a pessoa escolhida como cacique cumprisse esta função em tempo integral, ou seja, mesmo quando não houvesse nenhum evento específico que reivindicasse a centralização do processo de tomada de decisão. Indubitavelmente, essa foi uma mudança significativa na vida dos nativos que gerou muitas discrepâncias entre aqueles que, antes das reduções, possuíam cotas de prestígio, mas que não concordaram com o cargo de caciques e foram colocados em uma posição subordinada.

Cada redução era autônoma, possuía sua própria organização social e econômica, e todas tinham como objetivo abrigar indivíduos que se reconhecessem como participantes de um mesmo grupo étnico – uma *nação*, na forma em que se referiam a uma população parcialmente homogênea, naqueles tempos. Então, as reduções se articulavam entre si por meio de uma rede de estradas que tentavam fixar um novo traçado sobre o território. As missões ajudavam-se mutuamente para lidar com as adversidades econômicas ou para conter ocasionais inimigos. Esta função de cordão fronteiro, articulado entre si por meio da circulação de distintos bens, é o que, sem dúvida, pode definir as missões como um espaço de transformação social ao mesmo tempo que demonstra uma clara funcionalidade política.

Missão, além da religião, envolve questões políticas e culturais

As missões jesuíticas são associadas, certamente de maneira quase mecânica e reducionista, à atividade evangélica desenvolvida por “corajosos” missionários entre os distintos grupos nativos do continente. Essa ideia forte, para além dos avanços que a historiografia especializada pode

oferecer em termos de desvendar a lógica interna dos diferentes grupos que aceitaram a instalação das reduções em seus territórios, baseia-se, estimo, na eficácia simbólica que possuem os filmes *A missão*¹, *Hábito Negro*², assim como, recentemente e em menor medida, *Silêncio*³, outro filme cult. O que o público observa nesses filmes é a postura evangélica encarnada por um sacerdote que realiza ações que colocam sua própria integridade em risco por conta da salvação da comunidade que tenta aproximar-se do rebanho cristão⁴.

Sem dúvida, a postura missionária tinha como finalidade promover a cristianização das populações com as quais se tinha contato – ainda que, na verdade, para fazer uma avaliação justa, temos de fazer referência à ideia de ocidentalização –, mas o religioso não foi o único aspecto pelo qual as missões se destacaram na América, assim como no resto do ecúmeno. As missões certamente foram um ponto de encontro mútuo entre práticas e saberes próprios dos nativos e dos evangelizadores. Tratou-se de um processo social, em constante retroalimentação – embora nem sempre de maneira notável à primeira vista –, onde as populações nativas tiveram um papel protagonista na forma como os jesuítas elaboraram conhecimentos sobre eles. Foram os próprios nativos que, por meio de expressões de uma política que reagia à invasão evangelizadora, condicionaram a forma em que a Companhia de Jesus escreveu sobre eles. É bem verdade que a Ordem tinha regras claras para a confecção desse texto que mostrava⁵ – e também encobria – a realidade nativa. Mas foram os próprios indígenas que habilmente permitiam aos padres o acesso ao conhecimento que lhes interessava ser divulgado, manipulavam medos e/ou as expectativas dos inicianos ou, então, geravam divergências entre estes e as autoridades coloniais, a fim de obter maiores rendimentos ao negociar aspectos de seu interesse.

É por isso que a política e a cultura nativa sobrevivem nos diversos escritos que foram realizados por inúmeros membros da Companhia de Jesus e, como um aspecto necessário a ser ponderado, não apenas naqueles que dão conta “exclusivamente” de algum grupo étnico em particular. É impossível não reconhecer que as etnografias culturais, redigidas durante a experiência reducional ou naquelas já formuladas em Exílio, estejam repletas de uma quantidade incomensurável de dados: fórmulas de expressão sobre o mundo natural – um mundo em que os nativos deveriam ser realocados, na tentativa de fugir de questões próprias da correção política daquele momento; conceitos e preconceitos sobre a realidade americana; debates intelectuais e até difamações, manifestadas pelos próprios sacerdotes do passado, sobre formas filosóficas típicas dos ameríndios.

Todas as declarações contidas nesses escritos precisam ser lidas novamente e não apenas com o auxílio de expressões teóricas, por exemplo, do célebre Michel de Certeau⁶, mas também é

1 *A missão* (1986), dirigido por Roland Joffé. Duração: 125 minutos. Vencedor do Oscar de melhor filme. O filme aborda os problemas gerados pelo Tratado de Limites de 1750 e como foi que a política europeia se manifestou entre os Guaranis no momento em que estes foram forçados a abandonar os territórios onde haviam erguido as reduções. O interesse por *A missão* como testemunho das missões jesuítas não é novidade, assim como tampouco é novidade discutir a eficácia simbólica deste filme. Uma primeira aproximação pode ser encontrada em James S. Saeger (1995) “The Mission and Historical Missions: Film and the writing of history” *The Americas*; Vol. 51; N. 3; pp. 393-415. Embora o objetivo de Saeger seja o de concentrar-se na descrição de alguns tópicos que não concordam com a história missionária Guaraní, a importância do texto está no ponderamento da capacidade referencial deste filme. (Nota do autor)

2 *Hábito Negro* (1991), dirigido por Bruce Beresford. Duração: 101 minutos. Narra as ações de um padre jesuíta entre grupos indígenas no Canadá. Um filme com talvez menos promoção do que *A missão* e *Silêncio*, mas também muito sugestivo para refletir sobre os estereótipos que são construídos sobre a ação missionária jesuíta. (Nota do autor)

3 *Silêncio* (2017), dirigido por Martin Scorsese. Duração: 2 horas e 42 minutos. Indicado a vários prêmios, *Silêncio* narra o “resgate” de um sacerdote, o Padre Ferreira, S. J., que parou de dar notícias sobre o Japão, perturbado por uma guerra de unificação, onde os cristãos eram perseguidos e martirizados. Lá, no centro da cena, replicando alguns tópicos próprios da escrita iniciano, estão localizados dois jovens missionários. Garpe, S. J., e Rodrigues, S. J., são aqueles que se lançam na busca por Ferreira, seu mestre, que é suspeito de ter apostatado. Um dado relevante é que este filme possui uma versão japonesa anterior, de 1971, baseada no mesmo livro, que difere nas imagens que transmite ao espectador e em como constrói sentidos. Sem dúvida, um aspecto que não é menor e sobre o qual temos alguns pontos de precisão. O “*silêncio*” de Deus diante da voz dos historiadores. Possibilidades heurísticas em torno da História Pública. *Congresso Internacional de Estudos Históricos Latino-Americanos - II CI-EHILA. Historiografias: Temas, desafios e perspectivas*. 13, 14 e 15 de setembro de 2017. UNISINOS. São Leopoldo. 15 de setembro de 2017: em colaboração com Artur Barcelos (FURG). (Nota do autor)

4 Há outro filme recente que retrata outros aspectos da vida dos jesuítas, neste caso, na China. Trata-se de *Le Portrait Interdit* (2017). Dirigido por Charles de Meaux. Duração: 1 hora e 43 minutos. Um filme que explora a vida de Jean-Denis Attiret como pintor na Corte do Imperador Quinlong, em meados do século XVIII, e explora o seu encontro com uma jovem imperatriz no âmbito da relação entre duas pessoas de mundos culturais muito diferentes, com posições sociais totalmente distintas e que estão ligadas por meio de gestos e olhares silenciosos. Além da história narrada, o que é interessante aqui é como o filme se apresenta, quase da mesma forma que em *Silêncio*, com disputas pelo controle e o uso que é feito das imagens, o que reflete o contraste entre duas epistemologias. Esse é um aspecto sobre o qual é necessário retornar mais de uma vez para tentar desvendar o fascínio que essas produções cinematográficas produzem. (Nota do autor)

5 Martin Morales, S. J., é quem propõe que a escrita jesuíta, por seu caráter inerente, é “uma escritura para mostrar e encobrir”, dados os procedimentos que a própria prática da escrita ordena a partir da seleção das informações que são transmitidas, assim como nas formas em que elas são transmitidas por meio de um sistema de cartas que prioriza níveis de informação em função do leitor que as receberá. A este respeito, consultar Morales, Martin, S.J. (Ed.) (2005) *A mis manos han llegado. Cartas de los Padres Generales a la antigua Provincia del Paraguay. (1608-1639)*. Vol I, Madrid-Roma: Universidade Pontifícia Comillas; Institutum Historicum Societatis Iesus. (Nota do autor)

6 Michel de Certeau (1925-1986): foi um historiador, jesuíta e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais. Intelectual jesuíta é autor de inúmeras obras fundamentais sobre a religião, a história e o misticismo dos séculos XVI e XVII. O IJU publica regularmente textos sobre Certeau. Entre eles, *Michel De Certeau, o pensador jesuíta citado pelo papa no seu discurso sobre a liberdade religiosa*, publicada nas Notícias do Dia de 28-9-2015, disponível em <http://bit.ly/2elkzm7>; *Há 30 anos, a morte do jesuíta francês Michel De Certeau, “excitador da mente”*, publicado nas Notícias do Dia de 11-1-2016, disponível em <http://bit.ly/2eciMRy>; e *De Certeau, um “sujeito de inquietação verdadeira”*, publicado nas Notícias do Dia de 12-1-2016, disponível em <http://bit.ly/2e0GBjw>. (Nota da IJU On-Line)

preciso concentrar-se em um verdadeiro exercício de *historie régressive*⁷, sobre as proposições que os indígenas colocaram diante dos olhos de seus evangelizadores. Isto se deve ao fato de que cada um deles – missionários e indígenas – avaliava constantemente as ações de seus *outros* com o claro interesse de obter a maior quantidade de benefícios quanto fossem possíveis, em função do que lhes interessava. Nesse processo de interação entre as perspectivas, não devemos esquecer a historicidade da cultura e a forma em que os indígenas modificavam os seus próprios traços culturais, que precisavam ser reorganizados para assim poder exercer uma *accomodatio* ainda maior do que aquele que alguns estudos sugerem ser possuída pelos jesuítas como fórmula para alcançar o sucesso em seus empreendimentos reducionistas.

A vivacidade do pensamento político ameríndio, possível de ser abordada a partir da mitologia, da arte verbal, do grafismo, de suas noções cosmológicas, das formas parentais e dos ciclos de vingança, bem como pelos diferentes rituais que retratavam sua sociabilidade e socialização, são ângulos dos quais o sujeito se reposiciona frente a sua própria história. Os nativos confrontavam ativamente as tentativas de aculturação promovidas pelos sacerdotes, que eram auxiliados, em alguns casos, por outros dispositivos de poder coloniais, tentando conter os ânimos indígenas.

A Companhia de Jesus, por outro lado, como instituição, empenhava-se em fornecer respostas para as tribulações que seus membros experimentavam entre os indígenas. Para este auxílio, compunham-se escritos que tentavam inspirar os sacerdotes acerca de alguns pontos-chave, para que, a partir da espiritualidade inaciana, fossem alcançados bons governos por parte daqueles que atuavam de forma missionária. Junto a isso, e com o objetivo de alargar a base social necessária para a ampliação do alcance da empresa reducional, buscou-se incentivar, por meio da escrita etnológica, novas vontades missionárias em Colégios e institutos de formação europeus. Vontades que eram traduzidas em novos jesuítas chegando ao continente. Portanto, mantendo a lógica de ler aquela forma de “escrever para mostrar”, formas ultrapassadas, em seu ritmo, em como conceber os indígenas e suas ações.

Para os próprios jesuítas, as missões eram muito mais do que uma simples expansão do cristianismo. As missões supunham um desafio por si só, e para aqueles que, com o passar dos anos, exerciam seu ministério cheios de dúvidas, retomando dessa forma aquele “segundo momento” em que suas escolhas os devolviam à profundidade da confirmação de suas vocações jesuítas, as missões foram uma experiência que marcou significativamente suas vidas. Em descrições variadas, especialmente naquelas redigidas após a Expulsão, encontramos traços de nostalgia pelo tempo compartilhado na América, bem como momentos de desentendimento que nos dão indícios sutis sobre o que aconteceu durante a experiência reducional e como essas experiências eram reformuladas posteriormente pela escrita que deveria ser enviada aos Superiores.

Tudo isso é o que permite a releitura desse corpo documental impresso. No entanto, as missões, os indígenas e os missionários vão muito além dos espaços que a escrita publicada permite conhecer. Pesquisas recentes estão mostrando que é extremamente importante prestar atenção às obras que não foram publicadas ou que não foram traduzidas do latim para as línguas românicas. Essas leituras, sem dúvida, trarão uma maior complexidade à problemática das missões jesuíticas e, inclusive, nos permitirão explorar com novo ânimo os aspectos que – da mesma forma que o binômio espiritualidade-imagem – esperam por perguntas que façam voltar a florescer aqueles mundos que tanto chamaram a atenção de alguns círculos intelectuais europeus, e, a partir desta afirmação, o que se impõe é a necessidade de nos perguntarmos como a História das Missões Jesuíticas foi lida pelo mundo não europeu.

Estudos sobre Missões Jesuíticas

As Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas⁸ é um evento acadêmico, já de longa

7 A ideia da história regressiva pertence a Marc Bloch e aparece em sua *Les caractères originaux de l'histoire rurale française*, Paris, 1931. Este célebre historiador faz referência a um método de estudo do passado que consiste em abordar um objeto de estudo usando um princípio de comparação, começando do mais recente ao mais antigo, concebendo a ideia de que a situação tardia – a mais atual e perto de nós – conserva traços possíveis de serem interpretados como ações de dinâmicas passadas. Prestando a máxima atenção para não criar anacronismos e menos ainda sucumbindo a um criacionismo de realidades que não aconteceram. Portanto, para alcançar resultados significativos de pesquisa utilizando deste método, é necessário ter um vasto conhecimento da realidade que está sendo abordada. (Nota do autor)

8 **Missões Jesuíticas** ou **Reduções Jesuíticas**: simplificação da expressão Território dos Sete Povos das Missões, que designa a região situada a noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, na atual fronteira entre o Brasil e a Argentina, a leste do vale do Rio Uruguai. As missões jesuíticas tiveram grande importância histórica para todo o Brasil. O Tratado de Madrid estabeleceu limites entre territórios espanhóis e portugueses, e os Sete Povos das Missões passaram a pertencer à Espanha, o que obrigaria os índios a mudarem-se para a outra banda do rio Uruguai. Esse foi um dos motivos que determinaram a Guerra Guaranítica, uma guerra que colocou os jesuítas, aliados aos índios Guaranis, contra os exércitos dos países ibéricos, marco da derrocada das povoações missioneiras. No Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos, realizado em setembro de 2006 na Unisinos, os sete povos foram tema de inúmeros minicursos e oficinas. Mais informações sobre as missões jesuíticas podem ser obtidas nas

data na América do Sul, e com uma ampla projeção internacional. Um espaço pioneiro de discussão em seu gênero, criado por Arno Alvarez Kern⁹, Bartomeu Melià¹⁰, Ernesto J. A. Maeder¹¹ (†) e Erneldo Schallenger¹². Concebido como um momento para a discussão sobre os aspectos mais relevantes da evangelização levada adiante com as populações guaranis, teve sua primeira edição em 1984 em Resistência (província de Chaco, na Argentina) e desde então vem se desenvolvendo bianualmente, de forma rotativa entre Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Chile.

Nas reuniões de trabalho, várias Universidades desses países receberam um grande número de pesquisadores que, com o passar do tempo, formaram sólidos grupos de trabalho. A agenda de trabalho das primeiras edições contemplava, de maneira ampla, o que se conhece na historiografia como o guarani-missionário. Uma aliança entre eles gerou a sociedade indígena e foi considerada como um modelo por toda uma historiografia que orientou, em grande parte, pesquisas em outras áreas, embora sempre vinculada ao Guarani ou tomando-os como objeto de investigação que trazia resultados com as quais diferentes modelos de análise poderiam ser confrontados. Apenas alguns dos tópicos abordados nesses encontros: as discussões sobre o caráter da pintura missionária; a arquitetura e o que refletem as construções que ainda sobrevivem; padrões demográficos; a evolução dos cacicados; a Guerra Guaranítica; a administração de estabelecimentos jesuítas, como estâncias, Colégios e o papel dos escravos; as missões de Chaco, dos Pampas e de Chiquitos; a escrita etnológica da Companhia de Jesus e a redação das Histórias Gerais; a música e imprensa nas missões; o papel do conhecimento médico-botânico como campo de disputa entre nativos e sacerdotes; a questão ritual indígena e como ela se adaptou, transformou e sobreviveu através dos Cabildos indígenas; o papel das milícias guaranis; questões de etnobotânica e a escrita desenvolvida pelos indígenas reduzidos e a leitura que eles também faziam sobre a documentação escrita sobre eles mesmos, em meados do século XVIII. Sem dúvida, esse é um *corpus* de conhecimento mais do que relevante.

Longe de o guarani esgotar sua capacidade de gerar pesquisas inéditas – e cabe ser mencionado aqui que o evento é uma oportunidade única para discutir avanços da pesquisa em um clima de camaradagem por demais afável e, certamente, despojado de certas formalidades acadêmicas, dando lugar à convivência de aclamados pesquisadores com aqueles que acabaram de iniciar sua jornada –, o desenvolvimento dos inúmeros debates que iam surgindo e o crescente interesse pelas Jornadas atraíram pesquisadores que auscultam o passado de outras porções do mundo, o que gerou lentamente um interesse notável pela natureza global do projeto jesuíta – interesse auxiliado, obviamente, pela ativação das redes pessoais que explicam a orientação que a conferência tomou. É assim que chegamos ao *leitmotiv* que orienta a presente edição.

Embaixada política e mediação cultural em um cenário mundial

Esta nova edição das Jornadas continua com a discussão de um problema que vem sendo desenvolvido desde, pelo menos, a edição de 2006, realizada na PUCRS e que, posteriormente, em

edições da **IHU On-Line** 156, de 19 de setembro de 2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, e 186, de 26 de junho de 2006, *Jesuítas. Quem são?* Confira no site do IHU: em 17-9-2006, a entrevista *A música nos sete povos das missões*, com Décio Andriotti; em 3-8-2006, os historiadores Beatriz Franzen e Alcy Cheuiche concederam os seguintes depoimentos, respectivamente, *Em absoluto posso aceitar a tese de que uma teocracia estava se formando nas missões jesuítas* e *Jornal Nacional das Missões Guaranis: entre tapas e beijos*. Outras entrevistas importantes foram concedidas pelo irmão Antonio Cechin em 23-2-2007, sob o título *A utopia da terra sem males*, e por Edison Hüttner, *O retorno do repicar do Sino de São Miguel*, em 22-4-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Arno Alvarez Kern** (1940): gaúcho licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com mestrado em História na PUC-RS e doutorado em Arqueologia na École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Professor aposentado da UFRGS, atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em História da PUCRS. Especialista internacionalmente reconhecido em história das missões jesuítas na região oeste do Rio Grande do Sul, é também autor de *Utopias e Missões Jesuítas* (Editora da UFRGS, 1994) e *Antecedentes Indígenas* (Editora da UFRGS, 1994). Leia também a entrevista *Entre povos e paisagens: a diversidade da missão nas Américas*, publicada nas Notícias do Dia, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1sr3EO4>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Bartomeu Melià**: jesuíta espanhol Bartolomeu Melià, pesquisador do Centro de Estudos Paraguios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaigangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista *As missões jesuítas nos sete povos das missões*, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-9-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Melià profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos*, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU – A Experiência Missionária: território, cultura e identidade. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, na edição 331, uma entrevista com Melià, intitulada *A história de um guarani é a história de suas palavras*, disponível em <http://migre.me/MqPH>. Confira, ainda, o Perfil de Melià, publicado em <http://migre.me/2pf5p>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Ernesto Maeder**: historiador argentino, falecido em 2015. Foi membro do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Conicet, da Argentina, e da Academia Nacional da História. É designado acadêmico correspondente na Província do Chaco pela Academia Nacional de Educação, membro titular da Junta de Estudos Históricos do Chaco, presidente do Comitê Argentino de Ciências Históricas (2002-2005), e integrante da Comissão Assessora em Ciência e Tecnologia da Secretaria Geral de Ciência e Técnica da Universidade Nacional do Nordeste – UNNE. Concentrou sua atenção nas missões jesuítas do período colonial, particularmente as da costa do Paraná e do Grande Chaco (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Ernelo Schallenger**: doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com pós-doutorado em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professor sênior da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, da qual foi Reitor. É docente e orienta nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Suas pesquisas versam sobre missões jesuíticas-guaranis; migrações, fronteiras e identidades, cooperativismo e desenvolvimento regional. (Nota da **IHU On-Line**)

2008, em Buenos Aires, tornou-se mais intensa. A natureza global do projeto jesuíta é inegável e evidentemente é um ponto que necessita ser discutido em profundidade e por vários ângulos.

Este ano o lema que organiza as discussões é *A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural em um cenário mundial*. O que pretendemos discutir não é mais apenas como essa ação global foi construída – como os sacerdotes e toda a estrutura da Companhia de Jesus se lançou sobre o mundo. O interesse desta edição das Jornadas está focado em uma questão que, embora pareça muito específica, na verdade, como o resto dos estudos missionários em si, é uma desculpa metodológica para melhor desvendar as atitudes dos agentes – considerando aqui os sacerdotes e os nativos – cumprindo um papel de intermediários entre sociedades distintas que se relacionavam entre si por meio de embaixadores que carregavam consigo suas formas culturais como referência sobre o *sim*, assim como a categorização daqueles considerados como *outros*.

Um exemplo claro desta questão global e o papel dos embaixadores culturais são encontrados nos Pampas, em meados do século XVIII. José Cardiel¹³, S. J., em sua *Carta Relação*, assinada em Buenos Aires em 20 de dezembro de 1747 e dirigida a seu “amado mestre”, Pedro Antonio de Calatayud¹⁴ – que então encontrava-se em Valladolid –, fez um relato dos pormenores que ocorriam nas latitudes nas quais realizava seu trabalho apostólico. No entanto, e além da riqueza da descrição de caráter etnológico feita por ele, o notável é como ele fornece chaves para que, a partir da Espanha e da própria Companhia de Jesus, as lógicas nativas fossem compreendidas, assim como sobre de que maneira a postura política dos hispano-crioulos influenciavam as políticas que estavam sendo desenvolvidas. Cardiel, então, é o embaixador que torna possível desvendar o funcionamento das redes políticas aqui na América e, é claro, quem tem o ofício como mediador dos interesses da Companhia de Jesus em solo americano. Este papel de Cardiel ainda não está suficientemente explorado, assim como nem mesmo em seus outros companheiros.

Dentro deste conjunto de ações, de ilustres missionários como Cardiel, devemos então situar a prática do ofício como embaixador político e mediador cultural com a clara intenção de informar sobre um personagem como Calatayud, que se destacou por seu trabalho de produção de textos doutrinários orientados a, por exemplo, acompanhar a “prática da vida doce e racional do cristão” [1782], assim como um “modo fácil e prático de fazer uma confissão” [1762]. A pergunta que devemos fazer, e que em mais de uma ocasião deve estar presente nos diferentes Simpósios e Mesas-Redondas que compõem esta edição das Jornadas, é o quanto dessa escrita jesuítica produzida na América, ou em qualquer uma das posses ultramarinas da Europa, encontra-se em tratados e escritos doutrinários? Até que ponto a espiritualidade inaciana tomou nota das formas locais de espiritualidade e fez uma reacomodação da maneira pela qual deveria abordá-las? Como a informação provida dos confins do ecúmeno se transformou, pela própria ação da escrita jesuíta, em imagens consolidadas que compunham e nutriam a formação daqueles que mais tarde solicitariam sua passagem para a América, por exemplo? Como um pequeno exemplo sobre a força inercial dessas imagens e sua ampla aceitação na Europa, podemos constatar que as imagens criadas pela escrita da Companhia de Jesus possuíam tal vigor que o próprio Júlio Verne¹⁵, em sua obra *Os Filhos do Capitão Grant*, no volume dedicado à América, reproduz de maneira quase textual o que um dos membros da Ordem iria esboçar sobre os Pampas e seus habitantes. Aspectos que, ainda hoje, certamente de maneira bastante ingênua, discutem uma historiografia preocupada com os indígenas que aceitaram se reduzir nos Pampas, em meados do século XVIII.

Creio que pensar sobre como essa intertextualidade é composta e, obviamente, tentar sustentar nossas proposições com exemplos claros da vida reducional, pode ajudar-nos a percorrer novos rumos de pesquisa, mas sem perder de vista a realidade americana e como as reduções da Província Jesuítica do Paraguai – missões que excedem o que é meramente guarani – são na verdade uma lente vigorosa de observação que nos permite questionar outras experiências missionárias, inclusive aquelas missões realizadas por outras ordens e em outras regiões do im-

13 **José Cardiel** (1704-1782): jesuíta espanhol, naturalista, geógrafo e cartógrafo, a quem se devem as relações entre flora, fauna e etnografia no Rio da Prata, na Argentina, bem como a mapas precisos de diversas partes do Paraguai. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Pedro de Calatayud** (1689-1773): foi um pregador e escritor jesuíta espanhol. Ele completou seus estudos em Pamplona e as universidades de Alcalá e Salamanca. Ele ensinou retórica e filosofia no Colégio Jesuíta de Medina del Campo e Sagrada Escritura na Universidade de Valladolid (entre 1725 e 1728). A partir de 1733 ele viajou muito da Espanha em missões, espalhando a devoção do Sagrado Coração de Jesus. Já um homem velho, ele teve que deixar a Espanha devido à expulsão dos jesuítas em 1767. (Nota **IHU On-Line**)

15 **Júlio Verne** (1828-1905): escritor francês considerado por críticos literários como o precursor do gênero de ficção científica. Em seus livros fez predições sobre o aparecimento de novos avanços científicos, como os submarinos, máquinas voadoras e viagem à Lua. Entre suas obras mais famosas, destacamos, *Vinte mil léguas submarinas*, escrito em 1870. (Nota da **IHU On-Line**)

pério espanhol, como foi o caso das missões erguidas pelos franciscanos para grupos Apache, no longínquo Texas do século XVIII. Os jesuítas não foram apenas os embaixadores e mediadores entre as populações locais e a administração imperial, mas também eram objeto de considerável interesse para os *savants* (cientistas) daquela época, assim como os membros de outras ordens que disputavam com os jesuítas a construção de, por exemplo, uma nova ordem científica que claramente se manifestava na escrita e em diferentes publicações impressas que tinham de cumprir certas normas para ver a luz de um maneira que excedesse o clandestino. Um ponto que também requer mais explorações. Como mencionamos, nem tudo o que foi escrito foi publicado e até mesmo alguns jesuítas foram expulsos da Ordem pelo teor de seus escritos.¹⁶

Repensar caminhos

As missões jesuíticas, além de um campo de pesquisa já consolidado, são uma excelente desculpa metodológica para pensar o tempo presente e, acima de tudo, *le temps à venir* da disciplina histórica tal e como a conhecemos. Em uma publicação recente, Serge Gruzinski¹⁷ (2018 [2015]), quando se refere a *Para que serve a História*, lança uma sentença por demais correta. Ele afirma que “os debates entre historiadores, por mais indispensáveis que sigam sendo, frequentemente discutem mais a redefinição de territórios e antigas reservas do que atacam as rotinas acadêmicas”. Nesse sentido, as Jornadas marcharam, durante os últimos anos, pelo caminho do questionamento de determinadas rotinas acadêmicas.

Nas últimas edições, foi proposto afastar-se um pouco da questão fundadora que animava a conferência, mas sem deixar de lado, é claro, o problema nodal do qual pensamos a problemática central. Já não podemos apenas discutir o Guarani ou a postura evangélica construída com e para eles. Por isso, as Jornadas têm albergado em sua discussão outras áreas onde o experimento social jesuíta foi realizado. Foram incorporados para discussão os espaços do norte do México e da Pimeria. Da mesma forma, a área do Pacífico, bem como os debates sobre a China e o Japão. Talvez algo que ainda precise ser acrescentado com maior força seja o modo em que a Companhia de Jesus dialogava com um interlocutor muito difícil de evitar tanto no passado quanto no presente. Aqui refiro-me ao Islã como força política e base filosófica que ganha visibilidade e presença no atual mundo europeu, mobilizando debates sobre a condição das pessoas. Debates que já tiveram expressões notáveis durante o período colonial.

Aqui, por exemplo, é onde os estudos sobre os processos sociais que ocorreram com os nativos americanos podem nos dar pistas sobre como nos relacionarmos com um *outro* que, a partir de uma percepção nitidamente ocidental, reforça todos os nossos preconceitos sobre aquele que consideramos estranho, alheio, disruptivo de uma condição de mesmice que necessita certamente ser revista de maneira urgente e, mais ainda, atual. É neste ponto quando, por mais paradoxal que pareça, devemos então refletir novamente sobre o caso Guarani e como ele foi pensado nas primeiras edições das Jornadas. Por que eu levanto essa questão? Porque considero que a História – e para ser justo na afirmação devemos fazer referência aos historiadores – deve fugir das ‘novidades’ e de certos temas *à la mode*. Não é uma afirmação atrasada. É o oposto. Deve-se pensar seriamente sobre os fundamentos que deram origem a essa relação concomitante entre jesuítas e guaranis para, a partir desse ponto, identificar como se constituiu uma historiografia e como é que essas bases ainda sobrevivem na forma como pensamos determinadas problemáticas sociais.

Acredito aqui que a problemática da “etnia” não parou de crescer em intensidade e visibilidade em quase todos os debates políticos atuais que propõem o étnico – fazendo referência a uma origem e condição comuns, sem se distanciar da clássica categorização de *ethnos* – como quase definitivo das ações dos sujeitos. O que não está sendo discutido intensamente é o que essa etnicidade significa e que valor ela possui na intencionalidade da escrita, que reflete um momento particular de uma relação social. Se revisarmos então as primeiras abordagens sobre os guaranis temos de encontrar ainda muitas chaves para entender o futuro da disciplina, assim como dos sujeitos que dão musculatura à História.

16 Um caso interessante é o de Bernardo Ybáñez Echavarrí, um religioso que foi expulso da Companhia de Jesus em 1757, quando trabalhava na Comissão de Demarcação de Fronteiras, por conta do teor de seus escritos. A este respeito, consultar o trabalho minucioso de reconstrução do sucesso realizado por Eduardo Neumann “Nem V. Ex. ignora que não tive uma caneta ociosa”: A polémica produção escrita de um jesuíta durante o tratado de limites - Revista de Estudos de Cultura. N. 5, 2016; págs. 35-48. Universidade Federal de Sergipe. Núcleo de Estudos da Cultura. (Nota do autor)

17 **Serge Gruzinski** (1949) historiador francês especializado em questões latino-americanas. Pertencente ao grupo de historiadores que pratica a chamada história das mentalidades. É arquivista, paleógrafo e doutor em História. Seus estudos versam sobre a imagem mestiça e o ingresso na modernidade do México. Nos últimos anos, realiza pesquisas sobre o Brasil e o Império Português. (Nota da **IHU On-Line**)

Todos, ainda a partir de uma visão extremamente presentista, onde o imediatismo parece reger a urgência de uma tomada de posicionamento, temos noções históricas sobre nós mesmos que não são ingênuas em si próprias. No entanto, o que ainda precisa ser incorporado em maior medida ao debate acadêmico “fora dos muros” são as lógicas não ocidentais de situar-se no mundo e diante dele. Ou seja, algumas dessas lógicas estão sendo divulgadas, como por exemplo, a proposta cosmopolítica, as ontologias nativas e o perspectivismo ameríndio como posicionamento filosófico, mas, apesar disso, ainda existem poucas pesquisas que propõem investigar o passado, e já não mais apenas os ameríndios, partindo dessas correntes de pensamento e tomando-as como formas internalizadas e complexas de olhar o mundo, de refletir sobre o mesmo. A circulação de objetos e ideias, proclamada pela corrente da *história global*, não implica uma adoção acrítica dos mesmos e muito menos sem uma clara intencionalidade histórica com vistas ao futuro de quem adota este ou aquele objeto, inserindo-o em uma matriz cognitiva que tenta conjurar o devir. Pensemos em como a estrutura mitológica ameríndia possuía um lugar para incorporar alteridades radicais.

Não esqueçamos de que o discernimento é um dos pilares da formação e prática jesuíta. Pratiquemos um pouco disso. Embora não possamos encontrar a presença dessas filosofias à primeira vista, não podemos presumir que elas não estejam presentes nas ações empreendidas pelos missionários, ainda que, é claro, habilmente disfarçadas pela internalização das *Instruções*¹⁸ para a escrita que regia as formas de registro dos eventos que seriam considerados notáveis e, portanto, plausíveis de serem mostrados. Da mesma forma em que as políticas nativas conseguiram travestir-se, até quase tornarem-se muito difíceis de identificar claramente pelos sacerdotes – e talvez por isso se refira quase sem mudanças notáveis a algumas práticas comunitais ao longo dos séculos XVII e XVIII – as atuais políticas de alguns grupos considerados marginais – ou marginalizados – têm uma dinâmica semelhante.

Dentro desse processo de transformação, não devemos apenas identificar as mudanças como uma forma de questionar as formas de organização que se pretendiam impor sobre eles, mas talvez devêssemos estar atentos ao fato de que essas expressões estejam direcionadas para o seu próprio coletivo e a estrutura de dominação seja utilizada para seu próprio benefício sob uma forma de linguagem que só podemos identificar, mas, como alguns jesuítas de antigamente, não dominar mais do que rudimentarmente e, portanto, intuir os riscos que isso implica. É por isso que os estudos sobre as missões jesuíticas ainda têm muito a oferecer. Vamos pensar em tudo o que supomos conhecer de uma cotidianidade nativa, que só conhecemos por referências indiretas. ■

¹⁸ As instruções correspondem a João de Polanco, S. J., que foi secretário de Inácio de Loyola. Polanco foi quem escreveu as *Regras acerca do Escrever para os da Companhia* (1547) lançando as bases sobre como e o que escrever, para conseguir uma melhor comunicação da administração das vontades e das realizações alcançadas nas missões, por mais remotas que estas fossem. Instruções que possuíam uma profunda vocação de controlar a informação que podia ser disponibilizada, cuidando para que os aspectos sensíveis não fossem conhecidos pelos detratores da Companhia de Jesus. (Nota do autor)

Leia mais

- **Silêncio - Cinema e sua relação com a História Pública. O reconhecimento da pluralidade das formas de ação dos sujeitos.** Entrevista especial com Carlos Paz, publicada nas Notícias do Dia de 9-9-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2lyno3s>.



A experiência jesuítica num empreendimento de globalização

Alexandre Coello de La Rosa analisa a constituição da missão que vai ligar o Novo Mundo ao Oriente num projeto global de profusão cultural, mas sob as lógicas europeias

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

20

Para o historiador Alexandre Coello de La Rosa, é claro o propósito que leva os jesuítas a se lançarem pelo mundo: a expansão da fé católica. Entretanto, a experiência que passam a vivenciar vai também transformar esse objetivo. Com isso, não vão só atuar como propagadores da fé cristã, mas da ideia de um ecumenismo cristão. “Ao mesmo tempo, sua presença permitiu-lhes que também se tornassem agentes políticos, econômicos e territoriais em um ‘mundo pacífico’ de grande diversidade e dispersão territorial”, acrescenta. Para o pesquisador, essa é uma experiência do que chamamos hoje de globalização, trazendo novos mundos para as lógicas europeias. “O projeto missionário da Companhia de Jesus na Ásia-Pacífico só pode ser entendido se for situado no âmbito das fronteiras globais do mundo hispânico. Dinâmicas de evangelização em que as fronteiras não sejam consideradas regiões ‘periféricas’, ou seja, passivas e subordinadas, mas como agentes ativos na transformação de culturas”, analisa.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Coello vai analisar as movimentações da Companhia de Jesus não só na América, mas também pelo Oriente, ao longo dos séculos. Para ele, esse processo configura uma experiência de relação inter-religiosa, mas cheia de resistências e conflitos. “O diálogo inter-religioso foi muito difícil, especialmente no Japão”, pontua. Ainda assim, destaca que esse processo revela que “a chamada globalização, proposta como um fenômeno do último terço do século XX, impulsionado por fatores

tecnológicos, econômicos e culturais, começa muito antes e não é necessariamente um produto dos ‘ocidentais’”.

Coello ainda propõe, a partir dessa ideia de movimentação de povos, uma reflexão acerca da chamada crise migratória que vivemos atualmente. “Os povos sempre se mudaram para outros lugares distantes, e, portanto, a migração não deveria ser considerada como um ‘mal’”, analisa. “O problema de fundo não é a migração *per se*, mas o racismo e a discriminação de povos extracomunitários que vivem em condições infra-humanas, afligidos pela fome, perseguição e guerras”, aponta.

Alexandre Coello de La Rosa é doutor em História pela SUNY at Stony Brook, de Nova York, Estados Unidos, professor titular do Departamento de Humanidades da Universitat Pompeu Fabra - UPF, de Barcelona, Espanha. Também é coeditor da revista *Illes i Imperis* (Ilhas e Impérios, Departamento de Humanidades, UPF) e coordena o mestrado em Estudos da Ásia-Pacífico em um contexto global, também da UPF. Entre suas publicações mais recentes, destacamos *History of the Marianas by Fathers Luis de Morales, SJ & Charles Le Gobien, SJ* (Mangilao, Guam: Micronesian Area Research Center & University of Guam, 2016), *Jesuits at the Margins: Missions and Missionaries in the Marianas* (London & New York, Routledge, 2016) e *Elogio a la antropología histórica: enfoques, métodos y aplicaciones al estudio del poder y el colonialismo* (Zaragoza & UOC, 2016).

Confira a entrevista.

“Os jesuítas implantaram modelos de socialização forçada que tinham de ser aceitos pelos nativos”

IHU On-Line – Como defines a ideia de missão para os jesuítas? Quais são as principais questões quando há uso do trabalho em uma missão?

Alexandre Coello de La Rosa – Acredito que a missão estava muito relacionada com a famosa frase “*Totus mundus nostra habitat fit*” (nosso lugar é o mundo), pronunciada pelo vigário apostólico da Companhia de Jesus, Jerônimo Nadal¹, na qual reconhecia sem equívocos o avanço inexorável do cristianismo como parte de um processo de expansão missionário pelas diferentes nações do planeta.

Estudos recentes analisaram a missão jesuítica como uma resposta aos desafios globais com os quais o cristianismo foi confrontado. Neste sentido, o termo “missão” tem sido entendido não apenas como uma jornada de jesuítas, sós ou em grupo, enviados pelo papa ou pelo padre geral da Ordem, para a América, África ou Ásia, mas como um empreendimento a serviço da propagação da fé que acarretou na dispersão de seus membros (*peregrinatio*) por todo o mundo.

IHU On-Line – A missão jesuítica pode ser vista como uma espécie de embaixada? Por quê?

Alexandre Coello de La Rosa – Em alguns casos, os jesuítas chegaram às cortes de sociedades sofisticadas,

como na China e no Japão, não apenas como missionários, mas como embaixadores de suas respectivas nações – Portugal, Espanha – com o objetivo de evangelizá-los “de cima”. Seguindo o modelo de Acosta², China e Japão eram sociedades tão sofisticadas quanto as europeias, exceto que não eram cristãs. Por essa razão, os jesuítas deviam acomodar-se, como diria Joan-Pau Rubiés³, para não serem rejeitados. Em alguns casos, como Roberto de Nobili⁴, na Índia, ou Mateo Ricci⁵, na China, os jesuítas adotaram as vestimentas locais para conseguir uma melhor adaptação.

² **José de Acosta** (1539-1600): jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Na América, Acosta fundou várias faculdades, entre elas as de Arequipa, Potosí, Chuquisaca, Panamá e La Paz, mas enfrentou considerável oposição do vice-rei Toledo. Seus deveres oficiais obrigavam-no a investigar pessoalmente um território muito extenso, de modo que adquirisse um conhecimento prático da vasta província e de seus habitantes indígenas. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Joan-Pau Rubiés**: historiador graduado na Universidade de Barcelona (1987), PhD pela Universidade de Cambridge, pesquisador no Queen's College, em Cambridge, e Jean Monnet Fellow no Instituto Universitário Europeu em Florença. Professor de História Moderna na Universidade de Reading e integrante do Departamento de História Internacional da London School of Economics and Political Science. Atualmente, ele lidera um projeto de pesquisa sobre etnografias, missões religiosas e encontros culturais no início do mundo moderno. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Roberto de Nobili** (1577-1656): foi um missionário jesuíta italiano que chegou à Índia em 1605. Ele é lembrado e admirado por sua vontade de adotar os costumes indianos de vestir, comer e estilo de vida. Seu objetivo foi mostrar que a fé cristã poderia ser vivida de uma maneira não inteiramente ligada aos valores culturais europeus. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Matteo Ricci** [Mateus Ricci] (1552-1610): missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, em 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, em 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macau, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela **IHU On-Line** com Nicolas Standaert, intitulada O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo, disponível em <http://bit.ly/ihu281008>. Confira a edição especial da **IHU On-Line** intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon347>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Como você entende as resistências e associações que ocorrem no espaço de mediação cultural das missões?

Alexandre Coello de La Rosa – Não tenho certeza de que as missões sejam espaços de mediação cultural. Os jesuítas implantaram modelos de socialização forçada que tinham de ser aceitos pelos nativos. Não há dúvida de que houve resistência a esses modelos – familiares, políticos, religiosos –, mas a Companhia desenvolveu uma propaganda que muitas vezes apresentava as missões como lugares onde os nativos eram felizes. *A Missão* (1986), o famoso filme de Roland Joffé⁶, representa os jesuítas como heróis na defesa dos nativos. A realidade, como sabemos, nem sempre foi tão idílica. Os jesuítas tiveram escravos em suas reduções, obtendo grandes benefícios de suas fazendas vinícolas e açucareiras. Nem sempre houve confronto entre os impérios espanhóis e portugueses, como representam Jeremy Irons e Robert de Niro, mas havia, sim, uma colaboração mútua bem ativa em prol do seu desenvolvimento. Isso não significa, evidentemente, que houvesse uma postura subserviente entre ambos, da mesma forma que tampouco os nativos estiveram dispostos a colaborar com os religiosos. Houve muitas divergências, nem sempre registradas nas fontes jesuítas.

⁶ **Roland Joffé** (1945): cineasta franco-britânico de origem judaica, especialmente notável por seus filmes *The Killing Fields* (Oscar de melhor filme de 1985) e *The Mission* (Palma de Ouro de 1986, em Cannes). (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Jerônimo Nadal** (1507-1580): foi um sacerdote jesuíta espanhol, colaborador de Santo Inácio de Loyola que ajudou na promulgação das Constituições da Companhia de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Muitas vezes, as ações dos jesuítas são reduzidas ao espectro religioso. Por que, especialmente nas missões, essas ações podem ser interpretadas como um projeto geopolítico? E em que consistia esse projeto?

Alexandre Coello de La Rosa – Os jesuítas foram os líderes do Concílio de Trento⁷, que representou uma reforma católica sem precedentes que abarcou a Europa e os territórios ultramarinos. Esta expansão levou a Companhia à liderança do projeto missionário até que, no dia 22 de junho de 1622, o papa Gregório XV⁸ fundou a Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos⁹ – mais conhecida como *Propaganda Fide* –, centralizando a ação missionária a partir de Roma. No entanto, as missões jesuítas localizavam-se em espaços periféricos, distantes dos centros populacionais, como as conhecidas reduções guaranis do Paraguai, ou as missões de Chiloé¹⁰, em que um componente geoestratégico sempre esteve presente.

Em novembro de 1608, a Coroa Espanhola viu com bons olhos a chegada dos primeiros jesuítas ao Forte Carelmapu, localizado na costa norte do Canal de Chacao, na província de Chiloé. Em 1612 os padres Martin de

Aranda¹¹, Horacio de Vecchi¹² e o irmão coadjutor Diego de Montalbán foram martirizados em Arauco. Ao contrário dos Mapuche¹³, o espírito pacífico dos Huilliche¹⁴ justifica o êxito da missão circular¹⁵ marítima, permitindo reforçar a presença espanhola no Chile meridional e evitar a interferência de potências estrangeiras na retaguarda do império. A região de Chiloé foi considerada, segundo Rodrigo Moreno Jeria¹⁶, como a periferia mais pobre e isolada do reino do Chile. Apesar disso, em 1617, os superiores jesuítas garantiram a presença permanente de religiosos no arquipélago. Se desde a sua fundação, o governo chileno pertencia à província jesuíta do Paraguai-Tucumán, em 1625 tornou-se vice-Província dependente do Peru, devido às guerras da Araucanía. Depois de consolidar as atividades pastorais na Ilha Grande, os jesuítas estenderam suas atividades ao arquipélago dos Payos ou Chonos e às Ilhas Guaitecas¹⁷. No entanto, a prioridade não era descobrir novos assentamentos, mas consolidar

os territórios já existentes, atuando como pontos de referência para as periferias imperiais.

Em 1643, quatro navios holandeses comandados por Hendrick Brouwer (1581-1643)¹⁸ desembarcaram em Carelmapu, sede do governador de Chiloé, e incendiaram a vila, matando o governador don Andrés Muñoz de Herrera e uma grande parte dos soldados. Seu objetivo era o de perseguir as possessões espanholas no sul e estabelecer uma colônia permanente no estratégico povoado de Valdivia, que serviria para futuras incursões nas costas do Pacífico. As perdas materiais foram altas, mas segundo Moreno Jeria, a atuação dos jesuítas em defesa da região reforçou seu prestígio, assim como a necessidade de manter sua presença nas fronteiras meridionais do império hispânico.

Pós-conquista

Em 1668, quando a fase de conquista havia terminado, a Companhia de Jesus decidiu fundar uma missão permanente nas ilhas Marianas. Seu fundador, o jesuíta Diego Luis de San Vitores (1627-1672)¹⁹, veio para a ilha de Guahan (ou Guam), estabelecendo seu centro de operações no povoado de Hagåtña (ou San Ignacio de Agaña). Suas motivações foram sempre espirituais: as ilhas Marianas não tinham ouro nem prata, especiarias ou outras riquezas preciosas, mas, apesar disso, os jesuítas quiseram permanecer lá. O arquipélago constituía uma plataforma incomparável para alcançar outros objetivos (econômicos, espirituais) mais ambiciosos. E sobretudo, representou um território de grande valor estratégico para a rota do ga-

7 **Concílio de Trento**: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesial, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Papa Gregório XV** (1554-1623): nascido Alessandro Ludovisi, foi eleito papa em 9 de fevereiro de 1621 e governou a Igreja Católica até a sua morte. Fundou a Congregação da Propagação da Fé, que era um comitê de Cardeais para supervisionar a propagação do Cristianismo pelos missionários enviados para países não cristãos. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Congregação para a Evangelização dos Povos** (*Congregatio pro Gentium Evangelizatione*): é um dicastério da Cúria Romana, ocupa-se das questões referentes à propagação da fé católica no mundo inteiro. Está sediada no Palazzo di Propaganda Fide, na Piazza di Spagna, em Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Chiloé**: é um arquipélago ao sul do Chile. Além de um grande número de ilhas de menor tamanho, compreende a Ilha Grande de Chiloé, a quinta em tamanho da América do Sul (depois da Terra do Fogo e as ilhas brasileiras de Marajó, Bananal e Tupinambá). O arquipélago tem uma população de cerca de 150 mil pessoas, e uma superfície de 9.181 km². Administrativamente pertence à Província de Chiloé, com exceção das Ilhas Desertores, que pertencem à província de Palena. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Martin de Aranda Valdivia** (1560-1612): jesuíta chileno, morreu assassinado em Elicura junto com outros religiosos no contexto da Guerra Arauco. Sua morte e a de seus colegas foi interpretada do ponto de vista católico como um "martírio" e serviu como um argumento contra a estratégia da "guerra defensiva" que foi dirigido pelos jesuítas no Chile, liderado por Luis de Valdivia, que buscou priorizar a "conquista espiritual" dos mapuches (convertê-los ao catolicismo) em uma guerra aberta, que até então não produzia grandes resultados. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Horacio de Vecchi**: jesuíta assassinado em 14 de dezembro de 1612, juntamente com Martin de Aranda e Diego de Montalbán em Elicura. Vecchi é um dos primeiros jesuítas a empreender o desafio de evangelizar os indígenas da região de Araucanía, no Chile. Originário de Siena - educado na Toscana -, nasceu em 1578, pertence a uma família abastada e é um homem culto, tendo estudado Direito Civil, Direito Sagrado e Teologia. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Mapuche** (na língua mapudungun, gente da terra): são um povo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina. São conhecidos também como araucanos. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Huilliche**: é um grupo étnico do Chile, pertencente à cultura Mapuche. Vivem em vales montanhosos em uma área ao sul do rio Toltén e arquipélago de Chiloé, ao sul do Chile. Esse povo logo se espalhou pela Argentina. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Missões volantes, ou circulares**: estilo de missão popular feita na Europa, também chamada missão romana que consistia em ao menos dois padres saírem pelas periferias da cidade indo às vilas próximas e de média distância para fazer uma pregação, normalmente em tom de Quaresma. Consistia em uma semana ou 15 dias, na qual se faziam catequese, sacramentos e uma espécie de retiro quaresmal. Isto foi, grosso modo, aplicado também em vilas da América espanhola e Portuguesa. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Rodrigo Moreno Jeria**: historiador, integrante da Academia Chilena de História, doutor em História da América, Universidade de Sevilha, 2006, com a tese "Os jesuítas em Chiloé: Missão, governo e economia 1608-1768". Suas pesquisas versam sobre História e Sociedade nas Américas, Igreja e Cultura. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Arquipélago das Guaitecas**: é um arquipélago no município de Guaitecas, província de Aisén, Chile. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Hendrik Brouwer** (1581-1643): foi um navegador e explorador neerlandês. Entre 1632 e 1636 foi governador-geral das Índias Orientais Neerlandesas. Da sua juventude pouco se sabe, é provável que tenha visitado Espanha e Portugal a serviço de um comerciante de Amsterdã. Em 1611 Brouwer descobriu a rota de Brouwer, itinerário marítimo que liga o sul da África a Java e diminui consideravelmente o tempo de viagem, aproveitando a força dos ventos na faixa de latitude conhecida como Quarentas Rugidões. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Diego Luis de San Vitores** (1627-1672): foi um missionário jesuíta espanhol que fundou a primeira igreja católica na ilha de Guam. Ele é responsável por estabelecer a presença cristã nas Ilhas Marianas. Ele é uma figura controversa para alguns hoje, devido ao seu conflito com o líder indígena Chamorro Mata'pang. (Nota da **IHU On-Line**)

leão Manila-Acapulco, uma linha regular do “Caminho das Filipinas”, que conectava desde 1593 o arquipélago filipino e o vice-reinado da Nova Espanha por meio de duas embarcações anuais de 300 toneladas, carregadas de mercadorias orientais, em troca de quantidades significativas de prata lavrada que permitiu assegurar o controle espanhol naquelas distantes terras.

O papel dos jesuítas

Os jesuítas atuaram com o propósito fundamental de propagar os valores do ecumenismo cristão, mas, ao mesmo tempo, sua presença permitiu-lhes que também se tornassem agentes políticos, econômicos e territoriais em um “mundo pacífico” de grande diversidade e dispersão territorial. Enquanto a historiografia tradicional analisou esses espaços aparentemente marginais, localizados na periferia do império hispânico, a partir de abordagens deterministas baseadas na dicotomia “centro” vs. “periferia”, que priorizavam demasiadamente os fatores geográficos (seu isolamento e marginalidade “periféricos”), econômicos (sua pobreza e escassez de recursos mineiros) ou demográficos (sua escassa população), considero que o projeto missionário da Companhia de Jesus na Ásia-Pacífico só pode ser entendido se for situado no âmbito das fronteiras globais do mundo hispânico. Dinâmicas de evangelização em que as fronteiras não sejam consideradas regiões “periféricas”, ou seja, passivas e subordinadas, mas como agentes ativos na transformação de culturas.

IHU On-Line – Como podemos compreender a relação entre jesuítas e a Coroa, especialmente na América Espanhola?

Alexandre Coello de La Rosa – No Peru, o vice-rei dom Francisco Toledo²⁰ (1568-1580) tentou converter os jesuítas em paroquia-

nos, oferecendo-lhes as doutrinas de Huarochirí²¹ (1569) e Santiago del Cercado²² (1570). Mas a sua determinação em que aceitassem outras tantas doutrinas causou muitas dissensões no seio da ordem, cujos estatutos priorizavam outros meios para a evangelização dos nativos. A Companhia não era uma ordem monolítica a serviço da Coroa, mas o vice-rei Toledo pensava o contrário.

Finalmente, os jesuítas acabaram aceitando algumas paróquias em perpetuidade (o Cercado, em Lima, 1568, e Juli, 1576), aplicando os modelos reducionais em outros espaços mais distantes, tais como o Paraguai, e especialmente nas áreas de fronteira, como no norte do vice-reinado da Nova Espanha (Sinaloa), no Chile, assim como as Filipinas e as Ilhas Marianas. Nem sempre houve coincidência e dependência das particularidades geográficas, econômicas e políticas das regiões a serem evangelizadas.

IHU On-Line – Depois de Paulo de Tarso²³, Francisco Xa-

21 **Huarochirí**: província do Peru localizada na região de Lima. Sua capital é a cidade de Matucana. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **El Cercado**: município da República Dominicana pertencente à província de San Juan. Inclui, além da capital, dois distritos municipais: Nuevo Brazil e Batista. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <https://goo.gl/bKZcMO>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmção e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihueteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

vier²⁴ é considerado o grande apóstolo do Oriente. Sua incursão pelo Oriente influencia a criação do conceito de missão jesuítica? Por quê? Como sua experiência é atualizada em outras missões?

Alexandre Coello de La Rosa – Claramente, a figura de Francisco Xavier é fundamental para o imaginário missionário, especialmente na Ásia. Os fundadores da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola²⁵ e Francisco Xavier, eram espanhóis. Mas o segundo foi especialmente reverenciado pelos jesuítas portugueses, especialmente em Goa²⁶, pelas incursões feitas em regiões de influência portuguesa – Índia, Japão.

Neste sentido, Francisco Xavier, que não foi martirizado, tornou-se o pai das missões, não apenas no Japão, mas também nas Filipinas, onde teve alguns imitadores, como o padre Francesco Mastrilli²⁷, missionário e mártir no Japão (1639), e Ilhas Marianas, onde seu fundador, o padre Diego Luis de San Vitores, morreu pelas mãos da violência Chamorro (1672).

24 **Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo papa Urbano VIII. Leia também *Francisco Xavier: o aventureiro de Deus. Entrevista especial com o jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet* no site do IHU, disponível em <http://bit.ly/2OcQ7Rq>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1Bwk2U>. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Goa**: é um estado da Índia. Situa-se entre Maharashtra a norte e Karnataka a leste e sul, na costa do Mar da Arábia, a cerca de 400 km ao sul de Bombaim. É o menor dos estados indianos em território e quarto menor em população, e o mais rico em PIB per capita da Índia. A sua língua oficial é o concani, mas ainda existem pessoas neste estado que falam português, devido ao domínio de Portugal na região por mais de 400 anos. Goa, a partir de 1510, foi a capital do Estado Português da Índia, tendo sido integrada à Índia após ser tomada pelo exército indiano em 1961 derrotando as exiguas forças militares portuguesas presentes. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Marcello Francesco Mastrilli** (1603-1637): foi um missionário jesuíta italiano que foi martirizado no Japão no Monte Unzen durante o Xogunato Tokugawa, que banuiu o cristianismo em 1614. Depois de navegar para o Japão para encontrar e possivelmente reverter o famoso apóstata Cristóvão Ferreira, que foi para o Japão e ali renunciou à sua fé, foi preso assim que saiu do navio. Depois de três dias de tortura no poço de Nagasaki, ele foi decapitado. Uma pintura de sua morte, Martírio de São Marcelo Mastrilli (1664), foi feita por Antonio Maria Vassallo. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Francisco Álvarez de Toledo** (1515-1584): foi um nobre e militar espanhol, vice-rei do Peru. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O que a experiência dos jesuítas no Oriente revela sobre o diálogo inter-religioso?

Alexandre Coello de La Rosa – O diálogo inter-religioso foi muito difícil, especialmente no Japão. No dia 5 de fevereiro de 1597, em Nagasaki, morreram 26 cristãos, entre eles seis frades franciscanos descalços (o comissário Pedro Bautista e cinco irmãos de hábito), três jesuítas japoneses (Paulo Miki²⁸ e seus dois catequistas, João Goto e Santiago Kisai), e 17 leigos nascidos no Japão. Dez anos antes, o imperador Toyotomi Hideyoshi²⁹ havia banido o cristianismo, mas autorizou o franciscano frei Pedro Bautista e seus três companheiros a estabelecerem sua missão em Kyoto.

No entanto, foi a chegada forçada do galeão espanhol “San Felipe” à costa do Japão – onde ficou encalhado, carregado de soldados, armas, munições e mercadorias – o que desencadeou os acontecimentos. O imperador apreendeu o navio e aprisionou os religiosos, a quem decidiu executar. Ordenou que cortassem a orelha esquerda deles e, depois de fazê-los caminhar em pleno inverno, expostos aos insultos e humilhações do povo, ele os aprisionou. Mas seu destino foi muito mais sinistro. O *taikó* Hideyoshi decidiu crucificá-los por persistirem na pregação do evangelho, enquanto os fiéis se apressavam em tirar “algo das roupas dos santos”.

Posteriormente, em 1614, os imperadores japoneses continuaram as perseguições e muitos religiosos – especialmente franciscanos e jesuítas – foram exilados em Macau,

Manila, e outros, executados, assim como seus assistentes. Em 1622, houve novas execuções, e em 1627, o papa procedeu à beatificação de três jesuítas (Paulo Miki, João Goto e Diego Kisai) que morreram martirizados em Nagasaki (Japão), em 1597. Em 1639, o Japão finalmente se fechou para os missionários hispânicos, embora tenham ocorrido novas chegadas e mártires até 1640, entre os quais o ilustre Francesco Mastrilli. Devido ao fechamento da fronteira japonesa, os jesuítas voltaram sua atenção para outros espaços missionários, como o sul das Filipinas e Marianas, onde conquista e evangelização voltaram a se conjugar em um espaço fronteiriço de grande interesse para a coroa espanhola.

“Os jesuítas foram os líderes do Concílio de Trento, que representou uma reforma católica sem precedentes que abarcou a Europa e os territórios ultramarinos”

IHU On-Line – Atualmente, uma ação de missionários em países orientais, como a China, o Japão, a Índia, pode ser vista como um caminho para uma conexão com o Ocidente?

Alexandre Coello de La Rosa – Cada um desses países tem diferentes particularidades históricas. As ilhas Filipinas – e as Marianas –

que são as que conheço melhor, são territórios eminentemente católicos. Isto ocorre devido à contínua presença de ordens religiosas – a chamada “freilocracia” – onde não havia presença civil. Por essa razão, o catolicismo contemplou-se como uma ponte para estabelecer relações com a Europa.

Da mesma forma, o catolicismo também serviu para reforçar a identidade coletiva. Apenas para exemplificar. Em 2000, Pedro Calungsod³⁰, assistente filipino de Diego Luis de San Vitores, foi canonizado. Enquanto o jesuíta espanhol foi beatificado em 1985, sua canonização segue pendente. Assim, o papa João Paulo II³¹ decidiu priorizar a canonização de Calungsod para reforçar o catolicismo filipino e, portanto, o de toda a Ásia.

IHU On-Line – Como essas experiências da Companhia de Jesus dos séculos XVI ao XIX foram se transformando e constituindo a missão jesuítica de hoje?

Alexandre Coello de La Rosa – Após a expulsão dos jesuítas em 1767 (nas Filipinas, em 1769) e sua posterior dissolução, a Companhia de Jesus sobreviveu, ironicamente, em um país que não era católico: a Rússia branca, oferecendo proteção a seus religiosos, que trabalharam como professores e conselheiros culturais. Posteriormente, a Companhia foi restaurada e teve que se reinventar em um contexto ilumi-

³⁰ **Pedro Calungsod** (1654-1672): foi um catequista leigo, mártir católico das Filipinas, assassinado em 1672 em Guam pelo chefe chamorro Mata pang, que se opunha aos batismos que faziam os missionários sob a liderança do sacerdote jesuíta espanhol Diego Luis de San Vitores, que também foi assassinado no mesmo evento. Pedro tinha 18 anos e alegadamente teria batizado a filha do chefe chamorro contra a vontade deste. (Nota da **IHU On-Line**)
³¹ **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de 37 anos, e Pio IX, que reinou por 31 anos. Foi o único Papa eslavico e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁸ **Paulo Miki**: foi um religioso jesuíta e um dos mártires do Japão, filho de um renomado militar, membro de uma família samurai da província de Harima, foi catequista, ingressou na Companhia de Jesus ordenando-se sacerdote, e ficou conhecido como excelente pregador e orador. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁹ **Toyotomi Hideyoshi** (1536-1598): foi um daimiô do Período Sengoku que unificou o Japão. Ele sucedeu seu antigo senhor feudal, Oda Nobunaga, e trouxe um fim ao Período Sengoku. O período de seu governo é muitas vezes chamado de período Azuchi-Momoyama. Dessa fase originou-se um certo número de heranças culturais, incluindo a restrição de que apenas os membros da classe dos samurais poderiam portar armas. Hideyoshi é considerado como o segundo “grande unificador” do Japão, após Oda Nobunaga e antes de Ieyasu Tokugawa. (Nota da **IHU On-Line**)

nista de grande desconfiança e, por que não dizê-lo, desdém, para com o trabalho eclesiástico e missionário.

Na América, a Companhia continuou prestando serviços para colonizar o “Oriente”, como é o caso do Equador, onde o presidente Gabriel García Moreno³² (1861-1865; 1869-1875) recorreu aos jesuítas para construir seu “povo católico”. Em outros lugares mais distantes, como na Guiné e Fernão do Pó³³, os jesuítas também cuidaram das missões, ainda que com menor êxito. No entanto, foi em meados do século XIX, após seu retorno às Filipinas, quando os jesuítas regressaram às missões fronteiriças de Mindanau e Joló, que há tempos ambicionavam, tentando evangelizar novamente os nativos islâmicos.

Nesse sentido, eu diria que, após a expulsão, a Companhia sempre tentou justificar sua razão (missionária) de estar no mundo. Já no século XX, depois do Concílio Vaticano II³⁴, os

jesuítas enviados para a América – especialmente aqueles que saíram da escola jesuíta de Sant Cugat de Vallès, em Barcelona – tinham o objetivo de lutar contra o comunismo. No final das contas, foram os jesuítas os que “se converteram” em homens de esquerda – alguns inclusive perderam suas vidas – em defesa dos mais pobres. Essa transformação espiritual – que também contou com ilustres mártires, como Luis “Lucho” Espinal³⁵, assassinado pela ditadura boliviana de Hugo Banzer³⁶ – teve um profundo impacto sobre o catolicismo da Teologia da Libertação³⁷.

“O diálogo inter-religioso foi muito difícil, especialmente no Japão”

IHU On-Line – De que forma a experiência dos jesuítas no trabalho missionário pode nos inspirar a outras interpretações acerca da crise migratória, vista como um dos grandes males do nosso tempo?

Alexandre Coello de La Rosa – Diferentemente da época do trabalho de Sidney W. Mintz³⁸ (1922-

2015), *Sweetness and Power: the Place of Sugar in Modern History* (A doçura e o poder: o lugar do açúcar na História Moderna, Penguin, 1985, em tradução livre), a literatura das ciências sociais já estabeleceu aqui as vulgatas sobre a noção de globalização, e o texto de Enseng Ho, *The Graves of Tarim: Genealogy and Mobility across the Indian Ocean* (As sepulturas de Tarim: genealogia e mobilidade no Oceano Índico, Universidade da Califórnia, 2006, em tradução livre), é repleto de conceitos difundidos na academia como hibridação ou cosmopolitismo. Este tipo de trabalho mostra que a chamada globalização, proposta como um fenômeno do último terço do século XX, impulsionado por fatores tecnológicos, econômicos e culturais, começa muito antes e não é necessariamente um produto dos “ocidentais”, tal e como criticaria Jack Goody³⁹ em seu *O roubo da história* (Contexto, 2008).

Neste sentido, os povos sempre se mudaram para outros lugares distantes, e, portanto, a migração não deveria ser considerada como um “mal”, mas como algo inerente ao ser humano. O problema de fundo não é a migração *per se*, mas o racismo e a discriminação de povos extracomunitários que vivem em condições infra-humanas, afligidos pela fome, perseguição e guerras. Em 2013, estreou *Elysium*, um filme metafórico de Neil Blomkamp⁴⁰ que ilustra, no futuro, um mundo onde os ricos se deslocam para uma estação espacial – Elysium – onde vivem confortavelmente enquanto o resto da população vive em um planeta Terra devastado e superpovoado. Rhodes, uma espécie de ministra da antimigração, promove leis que garantem o luxuoso modo de vida dos habitantes da estação espacial.

32 **Gabriel Gregorio Fernando José María García y Moreno y Morán de Buitrón** (1821-1875): foi um político equatoriano que foi duas vezes Presidente de seu país (1859-1865 e 1869-1875) e foi assassinado durante o segundo mandato, depois de ser eleito para o terceiro. Ele é notável por seu conservadorismo, extremamente católico, mais a sua luta antimacônica e por sua rivalidade contra uma magnata da época Eloy Alfaro. Sob sua administração, o Equador se tornou o líder nos campos das ciências e alta educação na América Latina. Além disso, García Moreno desenvolveu a economia e a agricultura do país. (Nota da IHU On-Line)

33 **Fernão do Pó**: foi um navegador e explorador português do século XV. Pela tradição, é o primeiro europeu, provavelmente em 1472, a chegar às ilhas do Golfo da Guiné, como a ilha de Bioko, que em tempos coloniais denominava-se Fernando Pó, parte da Guiné Equatorial. Chegou também à foz do rio Wouri, a que chamou de Rio dos Camarões que depois deu o nome ao atual estado africano dos Camarões. (Nota da IHU On-Line)

34 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5IsnsM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LiUPrZ>. (Nota da IHU On-Line)

35 **Luis Espinal Camps**: poeta, jornalista, cineasta e padre jesuíta. Nascido na Espanha em 1932 e assassinado por um grupo de paramilitares em março de 1980 durante o clima de tensão prévio ao golpe de Estado do ditador Luis García Meza. (Nota da IHU On-Line)

36 **Hugo Banzer Suárez** (1926-2002): general e político boliviano, presidente da República por duas vezes (21 de agosto de 1971 a 21 de julho de 1978 e de 6 de agosto de 1997 a 7 de agosto de 2001). Nasceu no povoado de Concepción, na província de Nuflo de Chávez, departamento de Santa Cruz, na Bolívia, e faleceu em Santa Cruz de la Sierra, província de Andrés Báñez, departamento de Santa Cruz. (Nota da IHU On-Line)

37 **Teologia da Libertação**: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 2-4-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. Leia, também, a edição 404 da **IHU On-Line**, de 5-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em <http://bit.ly/SSVYTO>. (Nota da IHU On-Line)

38 **Sidney Wilfred Mintz** (1922-2015): foi um antropó-

logo social americano, que se tornou conhecido através de seus estudos na América Latina e no Caribe. (Nota da IHU On-Line)

39 **John (Jack) Rankine Goody** (1919-2015): foi um cientista social e antropólogo britânico e professor da Universidade de Cambridge, eleito membro da Academia Britânica em 1976 e da Academia Nacional de Ciências dos EUA. (Nota da IHU On-Line)

40 **Neil Blomkamp** (1979): é um diretor sul-africano que ficou famoso após dirigir o filme *Distrito 9* indicado a 4 Oscars. Ele também trabalhou em vários episódios de várias séries de televisão norte-americanas. (Nota da IHU On-Line)

Apesar disso, os habitantes da Terra tentam alcançar *Elysium* de todas as formas, onde as doenças são curadas, e a fome e a pobreza parecem não existir. Para os imigrantes latinos que tentam chegar aos Estados Unidos, aqueles que fogem da Síria ou os imigrantes extracomunitários de Magrebe e da África Central, a Europa é, sem dúvida, esse *Elysium* ao qual querem chegar. A igreja e, é claro, os jesuítas, deveriam refletir sobre seu compromisso com os mais pobres. Os seres humanos têm os mesmos direitos para alcançar os níveis mínimos de bem-estar, venham de onde vierem.

IHU On-Line – Como você vê as ações dos jesuítas no mundo hoje?

Alexandre Coello de La Rosa – Vejo que os jesuítas seguem muito ativos nas questões educacionais, gerenciando colégios e universidades em todo o mundo, mas também estão envolvidos em questões empresariais, seguindo o espírito do *magis inaciano*: cada pessoa deve dar o seu melhor. Isso implica em questões que, aparentemente, poderiam parecer contraditórias, porque dar “o melhor” de si mesmo pode ser, por um lado, combater a injustiça e a pobreza latino-americanas a ponto de pegar em armas – como aconteceu com alguns jesuítas na Bolívia –, e, por outro, trabalhar como consultor financeiro na Lehman Brothers Holdings Inc.⁴¹, se necessário...

41 **Lehman Brothers Holdings Inc.** foi um banco de investimento e provedor de outros serviços financeiros, com atuação global, sediado em Nova Iorque. Era uma empresa global de serviços financeiros que, até declarar falência

Existem também projetos missionários, como o Seminário Micronésio, da ilha de Pohnpei (Estados Federados da Micronésia), onde os primeiros jesuítas chegaram no século XVII. Lá, nas ilhas Marianas e Carolinas, trabalha o padre Francis X. Hezel, jesuíta e intelectual do mundo colonial espanhol, que prefaciou meu livro, *Jesuits at the Margins: Missions and Missionaries in the Marianas (1668-1769)* (Jesuítas nas Margens: Missões e Missionários nas Marianas (1668-1769), Routledge, 2016, em tradução livre).■

em 2008, fez negócios no ramo de investimentos de capital de venda em renda fixa, negociação, gestão de investimento. Seu negociante principal era o tesouro americano no mercado de valores mobiliários. As suas principais filiais incluíam Lehman Brothers Inc., Neuberger Berman Inc., Aurora Loan Services, Inc., SIB Mortgage Corporation, Lehman Brothers Bank, FSB, Eagle Energy Partners, e o Grupo Crossroads. A sede mundial da empresa estava em Nova Iorque, com sedes em Londres e Tóquio, bem como escritórios localizados em todo o mundo. (Nota da **IHU On-Line**)



Ciclo de debates

Desigualdades

no contexto econômico brasileiro

UNISINOS SÃO LEOPOLDO

27 de agosto a 07 de novembro de 2018

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:

Prof. Dr. Pedro Herculano de Souza – IPEA – Brasília – DF

Prof. Dr. Carlos Paiva – FEE – RS e FACCAT – RS

Prof. Dr. Christian Laval – Université Paris Nanterre – França

Prof. Dr. Marcelo Medeiros – IPEA – Brasília – DF e UnB

ihu.unisinos.br



“Os outros” que se tocam na experiência de missão

Guilherme Felipe observa as transformações que ocorrem a partir do momento da colonização, que coloca duas culturas distintas frente a frente

João Vitor Santos

As ações da Companhia de Jesus nas missões estão entre as muitas experiências de aproximação de europeus, costumeiramente vistos no papel de colonizadores, com indígenas, quase sempre vistos como os colonizados. Entretanto, o historiador Guilherme Galhegos Felipe chama atenção para a virada dessas lógicas. “A primeira coisa que me vem à mente é que o outro são sempre dois. Há o índio imaginado, construído e registrado pelos padres que estão em missão, assim como há o missionário que é observado, interpretado e incorporado pelos indígenas”, observa. Por essa lógica, é possível acreditar que há, sim, imposição de um sobre o outro, mas também há transformações a partir desses contatos. “Não é raro, desde os registros do padre Antônio Ruiz de Montoya, de 1639, encontrar relatos de indígenas praticando ‘desbatismos’ ou batismos ao seu modo, sem a supervisão dos padres. A historiografia não pode mais ignorar que, assim como havia os índios do Montoya, que foram observados e descritos por ele, havia o Montoya dos índios”, acrescenta.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Felipe detalha os desafios de conceber uma outra historiografia que não tome o índio só como vítima, mas como protagonista de um momento de transformações. “Deve sempre estar em alerta para não se ver encerrada em uma narrativa que acabe contribuindo para um discurso *mea culpa*, como ocorreu em meados do século passado, com toda uma enxurrada de estudos mais preocupados em vitimizar os índi-

nas e cobrar de um passado europeu imperialista a ‘derrocada cultural’ dos índios”, aponta. Isso porque, seja pela imagem de vítima que se tem por causa dos extermínios de índios, seja pela visão de que eles aceitaram a conquista europeia, se retira dessas populações a possibilidade de participarem da História. “As pessoas em geral notam muito mais as mudanças que ocorrem nos outros do que em si – e se estendermos esta visão para a história, que se depara com populações indígenas aderindo ao uso de armas de fogo, à escrita ou, mais recentemente, às tecnologias como a antena parabólica ou o celular, as transformações parecem muito maiores do que são”, pontua, ao indicar que não se olha como se dá a mudança do outro lado. Para o pesquisador, “pensar em um protagonismo indígena hoje em dia é ter que superar estas visões”. Afinal, isso vai impactar na própria relação que estabelecemos hoje com todas as populações indígenas, com o seu passado e com o nosso também.

Guilherme Galhegos Felipe possui graduação em licenciatura e mestrado em História, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Seu foco de pesquisa é História e Etno-história indígena. Atualmente, cumpre estágio de Pós-Doutorado (PNPD/Capes) na PUCRS. Entre suas publicações mais recentes, destacamos o livro, do qual é um dos organizadores, *Debates sobre a questão indígena* (Porto Alegre: Edipucrs, 2018).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os maiores desafios para a constituição da história indígena hoje?

Guilherme Galhegos Felipe

– Se estivermos falando da produção intelectual que pensa as relações dos (e com os) indígenas no passado, acredito que os desafios giram em torno de fazer, ensinar e divulgar uma história que não os exclua ou que reproduza preconceitos e ignorância. Pode parecer contraditório pontuar que as adversidades de uma história indígena sejam anular o indígena de sua narrativa, mas infelizmente não é. Mesmo a produção acadêmica, que se alça como autoridade no que diz respeito ao pensar e refletir sob o rigorismo do método científico, deve sempre estar em alerta para não se ver encerrada em uma narrativa que acabe contribuindo para um discurso *mea culpa*, como ocorreu em meados do século passado (e que ainda reverbera), com toda uma enxurrada de estudos mais preocupados em vitimizar os indígenas e cobrar de um passado europeu imperialista a “derrocada cultural” dos índios.

E se formos tratar sobre a história indígena que é exportada para o currículo escolar, a situação se torna mais preocupante. Como em todas as matérias, há uma defasagem entre o que se produz nas universidades e o que se ensina aos alunos nas escolas. Mas, no que diz respeito ao conhecimento sobre populações nativas, a defasagem vem acompanhada de muita ignorância. E não é preciosismo acadêmico, como se eu achasse que os alunos deveriam ler os mesmos artigos e livros que circulam no meio científico. A questão aqui é a reprodução do senso comum dentro das escolas, na formação dos estudantes, que chegarão à vida adulta com a imagem de que o índio é um ser que vive no passado e cuja sobrevivência depende de manter-se neste passado.

Infelizmente, o que se ensina nas escolas ainda está muito atrelado a um evolucionismo do século XIX que, ironicamente, anda de mãos dadas com um relativismo cultural, em que “eles”, os “não civilizados”, são uns pobres

coitados que ou devem ser protegidos e tutelados por nós, ou eliminados do plano de progresso nacional. Qualquer uma dessas visões geralmente resulta em políticas públicas inadequadas ou em hostilidades.

IHU On-Line – Quais as distinções entre História e Etno-história indígena?

Guilherme Galhegos Felipe

– Parece-me que a diferença entre elas está tanto no objetivo que o estudo quer alcançar, como na metodologia pretendida. Se formos para o campo político, da ação, acredito que ambas possam ser instrumentos importantes – mas, de novo, cada uma à sua forma. Levando ao pé da letra, História indígena é a disciplina que investiga, por meio das evidências documentais produzidas no passado, as relações estabelecidas entre os grupos indígenas e as sociedades envolventes. Como estas evidências geralmente são produzidas pelos não indígenas, esta é uma história que necessita de aportes teóricos de suas vizinhas, como a Antropologia. De qualquer forma, o seu objetivo me parece muito claro: compreender um contexto, seja em micro ou macroanálise, que explica um conjunto de situações envolvendo grupos ou indivíduos indígenas que tenham atuado como mediadores ou protagonistas.

Já a Etno-história indígena, por ter a Etnologia em seu DNA, permite ao pesquisador uma abrangência temporal que não se restringe ao passado, possibilitando o estudo de grupos indígenas contemporâneos. Talvez mais como um método do que como uma disciplina em si, a Etno-história permite que os dados coletados em trabalho de campo sejam analisados juntamente com os dados fornecidos pela pesquisa em arquivos.

Não há uma hierarquia preestabelecida aqui, como se os dados dos etnógrafos fossem mais confiáveis ou que as informações documentais fossem mais valiosas: tudo depende da formação do pesquisador. Se eu sou um historiador de formação e carreira, é claro que terei mais ex-

periência com o trato da documentação dos arquivos e darei mais atenção às evidências históricas. Mas isto não impede que a Etno-história seja uma rica contribuição aos estudos que se proponham a investigar largas temporalidades ou alterações, adaptações, ressignificações e reestruturações das relações culturais de um povo.

IHU On-Line – É recorrente a afirmação de que os colonizadores, seja pela ação da espada ou da cruz, destituíram e transformaram a cultura de povos originários, transformando a forma de vida indígena. Você concorda com essa afirmação? A transformação se deu realmente só de um lado?

Guilherme Galhegos Felipe

– Concordo na parte da transformação. Todo contato, principalmente que se deu ou dá de forma intensa e duradoura, altera aspectos substanciais não só da vida das populações em jogo, como também provoca mudanças no que diz respeito à ontologia destas sociedades. Se a língua de uma população, sejam os espanhóis do período da conquista ou os Guaraní das reduções jesuíticas, passa a ter que adaptar novos termos e ajustar conceitos devido ao contato e convívio com o outro, é porque muitas coisas anteriores a isto já se alteraram para que o conjunto das pessoas que formam determinado grupo possam continuar entendendo-se.

Sendo assim, as transformações que ocorreram não se restringiram apenas à cultura ou costumes dos índios. Mas é inegável que estas mudanças ganharam mais atenção não só da historiografia, como do próprio imaginário popular. Seja devido à imagem vitimizadora que se construiu sobre os nativos terem sido exterminados, destruídos, massacrados e aculturados pelos invasores, seja pela também rasteira visão de que os índios se deixaram absorver pela conquista e colonização, o resultado é o mesmo: os índios deixaram de ser índios em algum momento da história. As pessoas em geral notam muito

mais as mudanças que ocorrem nos outros do que em si – e se estendermos esta visão para a história, que se depara com populações indígenas aderindo ao uso de armas de fogo, à escrita ou, mais recentemente, às tecnologias como a antena parabólica ou o celular, as transformações parecem muito maiores do que são.

IHU On-Line – O que a experiência de missão jesuítica incita a pensar acerca do contato com o outro?

Guilherme Galhegos Felipe
– A primeira coisa que me vem à mente é que o outro, nesta sua pergunta, são sempre dois. Há o índio imaginado, construído e registrado pelos padres que estão em missão, assim como há o missionário que é observado, interpretado e incorporado (como aliado ou inimigo, mas incorporado) pelos indígenas. Parece-me que esta é a lição mais básica que se deveria ter para começar a pensar historicamente a experiência missionária seja onde for.

E mesmo que apenas um dos lados tenha podido registrar massivamente esta experiência, como mais ou menos foi o caso das missões jesuíticas em toda a América colonial, a escrita nunca é a expressão da observação omissa, ela sempre se envolve de alguma forma, em algum grau. E isto, ao contrário de ser um problema, é justamente o que deixa tudo mais interessante: o pesquisador pode investigar estes momentos em que a escrita jesuítica deixa aparecer os resíduos da perturbação que o contato provocou no autor do relato.

É o que eu e o professor e pesquisador argentino Carlos Paz¹ estamos desenvolvendo com o nome de *escrita afetada*, ao observarmos que muitos jesuítas, principalmente em seus

relatos pós-Expulsão da Companhia de Jesus, produzidos em situação de exílio, permitiram-se registrar com menos amarras as experiências que tiveram com os nativos, inclusive, dando-lhes razão em algumas situações que, nos relatos do início do processo reducional no século XVII, eram completamente diferentes.

IHU On-Line – Qual sua leitura sobre os conflitos entre europeus e indígenas, especialmente nas regiões de fronteira, na América Colonial? O que, de fato, estava em disputa?

Guilherme Galhegos Felipe
– Em se tratando de fronteiras, esse era um conflito que só fazia sentido para os europeus. Os índios, me parece, não estavam nem um pouco preocupados em assegurar delimitações entre uma região e outra, nem dispostos a lutar por espaços que foram pensados e organizados pelos conquistadores e colonizadores. Se estiveram envolvidos nestes conflitos, não foi por um interesse político como desejavam os europeus, nem pelo objetivo da posse da terra em termos como propunha a diplomacia moderna.

Para os europeus, a disputa ocorria por motivos já bem conhecidos, como questões políticas, econômicas, diplomáticas... Geralmente, problemas de poder. De qualquer forma, dava-se muita importância ao *estar lá*, ter a posse da terra era fazer-se presente nela e, por isso, manter gente nas fronteiras era fundamental. E aí entravam os índios. Muitas reduções, principalmente no lado espanhol, guarneciam esses limites territoriais e a história da Colônia do Sacramento² ou a Guerra Guaranítica (1753-1756)³ são exem-

plos do envolvimento que os índios tiveram com estes imbróglis das fronteiras coloniais.

IHU On-Line – Quais transformações o contato entre jesuítas e indígenas legou ao cristianismo? Especialmente, como os sacramentos e a própria concepção de pecado se modificam nessa sobreposição de culturas?

Guilherme Galhegos Felipe
– No contexto do contato e do convívio entre os índios e os jesuítas nas reduções, muito da liturgia, dos usos de termos e conceitos e de práticas sacramentais que estavam consolidadas pela experiência na Europa e aprovadas pelo Concílio de Trento⁴ ocorrido em meados do século XVI tiveram que sofrer mudanças. Quando colocados em prática, os sacramentos, por exemplo, tiveram de ser administrados a toda uma população que não só desconhecia a essência deste tipo de intervenção, como apropriava-se deles para os seus próprios interesses e fins.

Não é raro, desde os registros do padre Antônio Ruiz de Montoya⁵, de 1639, encontrar relatos de indígenas praticando “desbatismos” ou batismos ao seu modo, sem a supervisão dos padres. A historiografia não pode mais ignorar que, assim como havia os índios do Montoya, que foram observados e descritos por ele, havia o Montoya dos índios – que, infelizmente, não sobreviveu em registros,

região dos Sete Povos das Missões se recusaram a abandonar a região e se mudar para o outro lado do Rio Uruguai, os conflitos tiveram início e se estenderam até 1756. Para saber mais, leia a edição 348 da **IHU On-Line**, de 25-10-2010, *A experiência missionária: território, cultura e identidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon348>. Veja também o livro *A experiência missionária: território, cultura e identidade* (São Leopoldo: Casa Leiria, 2012). (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Concílio de Trento**: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Antonio Ruiz de Montoya** (1585-1652): foi um sacerdote jesuíta, missionário e escritor peruano. Dedicou grande parte de sua vida ao trabalho com as tribos indígenas guaranis. Sua obra tratou de temas espirituais e da gramática guarani. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Carlos D. Paz**: argentino, doutor em História pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, na Argentina. Realizou pós-doutorado em Sociologia, no Brasil, pesquisando os modos guaranis de administração da alteridade. Atualmente, pesquisa as transformações cosmológicas dos grupos chaquenhos e a construção e circulação de uma ideia de barbárie realizada pela Companhia de Jesus. Nessa edição, ele assina artigo em que reflete sobre o conceito de missão para a Companhia de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Colônia do Sacramento**: é uma cidade do Uruguai, capital do departamento de Colônia. Tem origem na antiga cidade de Colônia do Santíssimo Sacramento, fundada em 22 de janeiro de 1680 por Manuel Lobo, então Governador da Capitania Real do Rio de Janeiro, a mando do Império Português no século XVII. A área onde localiza-se a fundação portuguesa faz parte do Centro Histórico, reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Guerra Guaranítica**: conjunto de conflitos violentos que envolveram índios Guaraní e tropas espanholas e portuguesas. O embate se deu após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, que estabelecia outros limites para as terras de Portugal e Espanha. Como os Guaraní que habitavam a

mas que talvez possa ser percebido nos próprios registros do Montoya. Parece confuso, mas é só observar como confissões, batismos, extrema-unções, missas e os textos de catequese tiveram que se adaptar quando postos em prática entre os índios.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre a inabilidade de reconhecer o passado de povos originários e as resistências a demarcações de terras indígenas hoje?

Guilherme Galhegos Felipe

– Na nossa sociedade, dá-se muita importância para a posse efetiva da propriedade. Se você tem uma terra e pode provar com documentos que ela é sua, o Estado irá garantir o seu direito à propriedade. É um sistema que funciona muito bem, pois garante o uso do direito e das leis para assegurar que nada de errado aconteça. Mas falha quando envolvemos os povos originários. O sentido de posse e propriedade passa a ter um caráter quase abstrato, pois depende do consentimento de todas as partes para que se regularizem terras e se permita o uso delas pelas populações que, historicamente, estavam lá antes de qualquer não indígena chegar.

Daí que, pela Constituição de 1988, as Terras Indígenas são, antes de qualquer coisa, propriedade da União, que dá aos povos indígenas a permissão para as habitar e utilizar para suas atividades. Esta foi uma forma de tentar encontrada pelo Estado para sanar um problema de dívida histórica com os povos originários tentando diminuir ao máximo possível conflitos com proprietários de terra ou a sociedade envolvente. Mas sabemos que não diminui.

Os conflitos giram em torno da lentidão nas demarcações e homologação das Terras, da não aceitação, por parte de produtores rurais, de que a expansão do desmatamento para soja ou gado tem como limitadores as reservas indígenas e esta inabilidade em reconhecer os índios como habitantes primevos deste território.

IHU On-Line – Quais os maiores desafios para o reconhecimento do protagonismo indígena hoje?

Guilherme Galhegos Felipe

– Certamente são desafios relacionados à péssima educação formal oferecida nas escolas e à grande quantidade de informações falsas ou tendenciosas que circulam rapidamente, pois fazem eco a uma visão preconceituosa e discriminatória

que está entranhada no senso comum. E por isso é mais fácil vender notícias sensacionalistas ou ensinar conteúdos desatualizados, pois infelizmente este tipo de informação tem fácil aceitação por uma opinião pública que desde sempre viu os povos originários como atrasados ou empecilhos ao desenvolvimento.

Por consequência, indígenas só aparecem nas manchetes dos jornais, em reportagens na TV, em tema de músicas ou em alegorias de escolas de samba representando o que há de mais atrasado e estagnado no país – ou tomados por um caráter romantizado e irreal como se o seu estar na modernidade fosse um erro anacrônico. Pensar em um protagonismo indígena hoje em dia é ter que superar estas visões, porque a representatividade indígena em iniciativas políticas, ações governamentais ou posicionamento social é completamente ineficiente ou nula – e não por um desinteresse deles, que cada vez mais estão fazendo cursos superiores para, depois de formados, voltarem às suas aldeias e poderem atuar como advogados, agentes da saúde, professores... É um problema quase que exclusivamente nosso, de um preconceito “congenito” da nossa sociedade, que nunca vai admitir representantes indígenas em altos cargos políticos, por exemplo.■



3º Ciclo de Estudos

REVOLUÇÃO 4.0

Impactos nos modos de produzir e viver

De 20 de agosto a 12 de novembro de 2018

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



A escrita jesuítica desvela narrativas da história da América colonial

María Salinas analisa documentos produzidos pela Companhia como importantes fontes com outros olhares que permitem novas descobertas

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

Quem estuda o período colonial não pode abrir mão de ter entre suas fontes de consulta e pesquisa documentos produzidos pelos padres jesuítas. Mais do que relatos de ações em missões, focadas na conversão, esses registros vão relevando modos de vida tanto na América espanhola quanto na portuguesa. “Os documentos jesuítas, os escritos produzidos não só pelos missionários, mas também pelos estudiosos da Companhia, são relevantes como fontes históricas que contribuem para os estudos do período colonial americano”, enfatiza a historiadora María Laura Salinas. Para se ter ideia, muitos relatos sobre a natureza, a geografia e as populações originárias dos primeiros anos do Brasil no período colonial, e até pré-colonial, têm como autores esses religiosos. O que tem feito muitas pessoas questionarem, já que são narrativas de um sobre outros, movidas pelo desejo de expandir a cristandade. “É notório que as narrativas jesuítas manifestaram um objetivo claro. No entanto, podemos estabelecer uma diferenciação entre essas fontes de acordo com o gênero e o momento em que foram redigidas”, aponta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Salinas ainda detalha como novas abordagens sobre esses documentos têm superado essa perspectiva de parcialidade e, com isso, revelado muitas nuances antes desconhecidas sobre o período colonial. “O material produzido pelos jesuítas é, sem dúvida, parcial, da mesma forma

que qualquer documento que venha de diferentes atores coloniais neste contexto”, pontua. E desafia: “o trabalho do historiador implica transitar pelo processo de crítica da fonte e valorizar os dados e contribuições que oferecem os ditos documentos”.

A professora também destaca que muito ainda há para se conhecer sobre esse período, e as recentes abordagens multidisciplinares têm contribuído. Por isso, defende que “é necessário continuar com a revalorização da história missionária, conscientizando os governos dos povos atuais, antigo território de várias das missões, sobre a proteção do patrimônio, a conservação dos restos e a cultura local, que se remete à experiência missionária”.

María Laura Salinas é doutora em História pela Universidad Pablo de Olavide, em Sevilha, instituição em que também é diplomada em Estudos Avançados em História Moderna. Ainda é mestra em História da América pela Universidad Internacional de Andalucía, também na Espanha, e pesquisadora independente junto ao Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Conicet. Atua também como professora na Facultad de Humanidades da Universidad Nacional del Nordeste, na Argentina. Entre seus livros publicados, destacamos *Dominação colonial y trabajo indígena. Un estudio de la encomienda en Corrientes colonial* (Ceaduc, 2010).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a historiografia vem compreendendo as missões jesuíticas? Quais

são as mudanças mais significativas nos estudos históricos acerca das missões? Nesse sen-

tido, que revisões historiográficas foram feitas sobre esse assunto no decorrer do tempo?

María Laura Salinas – A visão atual sobre a história das missões jesuíticas não é a mesma de algumas décadas atrás. A importância que o tema adquiriu, em geral, a valorização de seus vestígios monumentais, o processo analítico que a evolução de sua história sofreu e as diversas perspectivas teóricas e metodológicas pelas quais seu estudo se submete, nos abre um panorama significativo para sua abordagem e para o surgimento de novas questões. A historiografia sobre as Missões superou embates, controvérsias, momentos de rispidez e polêmica, sem que estas peculiaridades conseguissem dissipar o interesse pelas mesmas.

As missões jesuíticas foram entendidas pela historiografia a partir de diversos olhares e perspectivas relacionadas a diferentes contextos que foram acompanhando esse processo de construção historiográfica. Desde o final do século XIX, ao princípio e meados do século XX, houve períodos de indiferença, discussão e debate sobre as missões e a obra dos jesuítas, sucedidos por momentos de revalorização e resgate da experiência missionária no mundo jesuíta Guarani. As inúmeras publicações divulgadas nas últimas décadas como resultado de diversas pesquisas contribuíram para a reflexão e problematização de temas que talvez tenham sido estudados sob uma ótica e hoje são revisitados com novas perguntas.

A abordagem interdisciplinar que começou a ser realizada nas missões nos últimos tempos talvez seja uma das mudanças que contribuiu em maior medida para ampliar essa perspectiva e forneceu linhas transversais de análise que enriqueceram as abordagens. O interesse da antropologia, da arqueologia e da linguística – apenas para citar algumas das disciplinas que fizeram contribuições significativas nos últimos tempos – destacaram novos tópicos de pesquisa e geraram novas respostas que colocam a temática missionária na agenda acadêmico-científico, cultural, turística e governamental.

IHU On-Line – Que importância têm os escritos da Companhia de Jesus para a composição da história do período colonial na América?

María Laura Salinas – Na mesma linha de abordagens interdisciplinares a que nos referimos anteriormente, a partir de diferentes pontos de vista, as fontes desempenharam um papel fundamental, abrangendo não apenas os documentos históricos, mas também os conjuntos de estátuas e restos ainda menores, que constituem testemunhos-chave para repensar a missão e seu funcionamento. As novas perguntas, que são feitas às antigas fontes jesuíticas, vistas nos primeiros estudos, a partir de abordagens vinculadas apenas à evangelização ou às atividades da Companhia, colocam em voga a relação guarani-jesuítica no caso dos últimos tempos das missões paraguaias e a ação indígena como variável para ressignificar os estudos missionários.

Os documentos jesuítas, os escritos produzidos não só pelos missionários, mas também pelos estudiosos da Companhia, são relevantes como fontes históricas que contribuem para os estudos do período colonial americano, em geral. Em contraste com outra documentação oficial operante em diferentes arquivos americanos, estes escritos – Relatórios, Cartas Anuais, registros demográficos, descrições, relatos da Companhia, entre outros – são escritos necessários para continuar contribuindo para a construção da história dos séculos XVII e XVIII, no espaço americano.

IHU on-Line – Em que pontos os documentos da Companhia de Jesus são diferentes dos de outras narrativas do período colonial, seja de outras ordens religiosas ou de pessoas mais vinculadas ao poder temporal?

María Laura Salinas – A documentação jesuítica cumpriu um papel preponderante, fornecendo descrições, narrativas e um olhar

original sobre algumas questões que contribuem para ressignificar os estudos realizados. A escrita tem sido um dos pilares nos quais a Companhia de Jesus se apoiou. Desde os tempos de Inácio de Loyola¹, era premissa básica que todos os jesuítas mantivessem correspondência frequente, informando sobre as atividades realizadas e a descrição dos lugares visitados. Essa circunstância produziu no Novo Mundo, por exemplo, um material documental abundante que foi elaborado no âmbito da necessidade urgente de contar, narrar e relatar suas experiências missionárias. Por mais que o interesse estivesse centrado na questão da evangelização, a partir de uma perspectiva etnográfica, eles também descreveram as diferentes etnias com as quais estabeleceram vínculos em solo americano.

Os padres da Companhia de Jesus contribuíram para a produção de um grande conjunto de obras que incluíam tanto a crônica eclesiástica quanto a vida política e social dos distritos americanos, às quais se somaram muitíssimas monografias dedicadas aos povos indígenas ou a regiões específicas, o que enriqueceu sua contribuição à historiografia². Deve-se notar que a maior quantidade de documentação vem dos próprios jesuítas. Observa-se um desequilíbrio em relação à produção de fontes escritas da sociedade colonial e, obviamente, dos próprios grupos étnicos envolvidos no processo de evangelização. No entanto, os documentos dos jesuítas também possuem diferentes características de acordo com seus propósitos, sua origem, quem os escreve e o contexto de produção.

¹ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1lBwk2U>. Inácio de Loyola foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)
² Mais sobre o assunto em: Salinas, María Laura, "Misioneros e historiadores". Maeder, E.; Salinas, M. L.; et al. *Entre los jesuitas del Gran Chaco. Compilación de Joaquín Camacho y otras fuentes jesuíticas del siglo XVIII*. Buenos Aires, Academia de Ciencias, pp. 19-50. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line – Apesar de ter organizado e trazido muitas informações sobre o Novo Mundo, como cartas, crônicas e diários de viagem dos jesuítas, esse material é visto por muitos como parcial a partir do momento em que revelam narrativas do católico europeu diante de um “outro” desconhecido. Você concorda com esse tipo de leitura? Como superar esse impasse fazendo uma leitura crítica e sóbria dos documentos?

María Laura Salinas – A historiografia atual tem caracterizado de diversas maneiras o corpus documental produzido pela Companhia de Jesus, uma dessas visões mais críticas defende que essas fontes apenas refletem “um discurso triunfalista do trabalho apostólico da Igreja no Novo Mundo”³, enfatizando principalmente a tarefa missionária e destacando a vontade de sacrifício do sujeito missionário. Portanto, a partir dessa perspectiva, essas fontes não possuíam elementos para análise histórica e antropológica, pois eram meros instrumentos de propaganda de sua tarefa evangélica na Europa.

É notório que as narrativas jesuítas manifestaram um objetivo claro. No entanto, podemos estabelecer uma diferenciação entre essas fontes de acordo com o gênero e o momento em que foram redigidas. Além das fontes geradas como uma comunicação regular entre os povos e a Ordem na Europa ou as primeiras crônicas e testemunhos, houve obras que permitiram explicar as especificidades dos povos ameríndios, o que localizou os missionários como verdadeiros “antropólogos *avant la lettre*”⁴, pois em seus escritos eles transformaram suas experiências em etnologias comparativas ou relatos pessoais de diários de campo, nos quais

forneciam dados sobre sua interação com as sociedades indígenas.

O material produzido pelos jesuítas é, sem dúvida, parcial, da mesma forma que qualquer documento que venha de diferentes atores coloniais neste contexto (funcionários, oficiais, *encomenderos*, vizinhos). O trabalho do historiador implica transitar pelo processo de crítica da fonte e valorizar os dados e contribuições que oferecem os ditos documentos em diálogo com outros escritos da época e com a bibliografia que foi previamente analisada para temas semelhantes.

“Os documentos jesuítas são relevantes como fontes históricas que contribuem para os estudos do período colonial americano”

IHU On-Line – A partir dos escritos e documentos da Companhia, como podemos entender qual foi a influência da cultura e do conhecimento indígena sobre os jesuítas?

María Laura Salinas – Os documentos jesuítas descrevem o mundo indígena de maneira muito completa, a princípio de maneira detalhada, a partir dos primeiros contatos e da necessidade de conhecer o “outro”, mas o número de descrições diminui na medida em que o mundo indígena passa a ser conhecido. No entanto, há interesse em conhecer costumes, práticas e saberes indígenas que são

interpretados e incorporados como parte de um conhecimento necessário, que deve ser parte de quem realiza o processo de conversão.

O conhecimento da língua é um aspecto-chave, pois sem a incorporação de tal conhecimento seria impossível pensar sobre os processos de evangelização, e por isso as dificuldades em algumas regiões como a do Chaco⁵, em que a língua é conhecida por alguns poucos missionários que estão se movendo e substituindo nessas missões. A natureza, os animais, as práticas de cura, os costumes, embora seja a aspiração dos missionários erradicar, são amplamente conhecidas por eles, de modo que podemos afirmar que há uma influência notável de ditos saberes sobre os jesuítas.

IHU On-Line – Quais são as principais semelhanças e diferenças na ação dos jesuítas na América Espanhola e na América Portuguesa? Como essas características aparecem nos escritos?

María Laura Salinas – Os jesuítas na América portuguesa chegaram cedo (no final do século XVI) se comparamos com a instalação das primeiras missões do Paraguai (1609-1610). Porém, em ambos os casos são agentes importantes do conhecimento geográfico e territorial que avançam no sertão, na floresta ou na selva. Por outro lado, os colégios e outras casas formaram o núcleo inicial de vilas e cidades brasileiras, além de contribuírem também para que o caso hispânico fosse o centro educativo para os filhos das elites daquelas cidades. Não há grandes diferenças entre as missões que a Ordem possuía em diferentes locais, embora a experiência dos 30 povos oferecesse conotações particulares no caso da América espanhola.

Em tempos posteriores à expulsão, é possível encontrar diferenças, se-

3 Galaxis Borja González. “As narrativas missionárias e o surgimento de uma consciência-mundo na imprensa jesuíta alemã, no século XVIII”. Em: processos. Revista Equatoriana de História. II Semestre, Quito. 2012 pp. 178. (Nota da entrevistada)

4 Guillermo Wilde. “Las fuentes en el contacto. Escritura y poder en el contacto colonial”. En: Fuentes indígenas en la Sudamérica colonial y republicana. Dossier. Corpus. Archivos virtuales da alteridade americana. Vol. 3 N° 1. (Nota da entrevistada)

5 Chaco: também conhecido como Gran Chaco (do quéchua *chaku*, “território de caça”), é uma das principais regiões geográficas da América do Sul. Possui aproximadamente 1.280.000 km² e abrange partes dos territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. Caracteriza-se por muitos ecossistemas e climas distintos, que variam dos pampas a florestas e semiárido. (Nota da IHU On-Line)

gundo o olhar de alguns autores, a partir da medição da produção dos escritos de ambos os grupos de jesuítas. Mesmo que a formação dos jesuítas espanhóis e portugueses seja semelhante, a produção literária dos jesuítas portugueses é menor em quantidade e, consequentemente, em qualidade. A razão está nas diferentes condições sob as quais os políticos portugueses (Pombal⁶) e espanhóis (conde de Campomanes⁷, principalmente) planejaram a expulsão de seus respectivos jesuítas⁸. Antes da expulsão de 1767, o povoado de Hervás, por exemplo, registrou o assédio do marquês de Pombal sobre os mais importantes escritores jesuítas, como a conhecida perseguição ao escritor e líder dos jesuítas portugueses expulsos, Manuel de Azevedo. Também consta nos registros de Hervás que a expulsão de 1759 interrompeu a edição do Dicionário Latino-Português do filólogo, historiador e escritor José Caeiro.

Da mesma forma, o curso de filosofia do filósofo e orador Manuel Marques, residente em Urbana, também foi interrompido: “Escreveu: era um Curso de filosofia do qual, ao saírem os jesuítas dos domínios portugueses, havia três volumes prontos para serem impressos”. Sem dúvida este curso foi enquadrado na tendência filosófica dos jesuítas desta época, que foi, certamente, o ecletismo. Os escritos dos expulsos da América Hispânica tiveram melhor sorte, constituindo uma valiosa historiografia do exílio com contribuições de conhecimento científico que merecem ser consultados para toda pesquisa.

6 **Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. Leia a edição 220 dos **Cadernos IHU ideias** intitulada *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil*, de autoria de José Eduardo Franco, disponível em <https://goo.gl/CSRsmq>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Conde de Campomanes** (1723-1802): Pedro Rodríguez de Campomanes, político, jurista e economista espanhol. Apontado como um adepto do despotismo esclarecido, promoveu o comércio, opôs-se aos monopólios dos grêmios e da Mesta (a poderosa confederação dos pastores) e apoiou a expulsão dos jesuítas e desamortização dos seus bens. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Astorgano Abajo, Antonio. “Esboço de la literatura de los jesuitas expulsos”. *História Unisinos* 13(3):265-283, Setembro/Dezembro 2009. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line – Como o domínio colonial foi estabelecido na América a partir do século XVI? A ação das missões jesuíticas reconfigura essa dominação? Como?

María Laura Salinas – A dominação colonial é configurada a partir do século XVI de várias formas, entre elas a submissão, a violência e a conquista de territórios e povos, que parecem ser o denominador comum. A presença dos religiosos da Companhia e de outras ordens impõe práticas de dupla submissão: ao espanhol e ao frade, em alguns contextos. O religioso, com suas formas moderadas, propõe novas práticas de dominação que impõem a vida em comunidade, sedentária, agrícola e artesanal. No início do século XVII, os acordos entre o provincial Diego de Torres⁹ e o visitador Francisco de Alfaro¹⁰ sobre a isenção do tributo para os primeiros anos, distanciam o índio das missões da *encomienda* e de formas servis sujeitas aos espanhóis, e isto pressupõe, sem dúvida, um modelo diferente de dominação.

IHU On-Line – Como entender o processo de escravização indígena a partir dos documentos da Companhia? Essa ideia de “escravização” torna-se uma noção de “trabalho”, especialmente nas reduções? Como?

María Laura Salinas – A ideia da escravidão indígena é uma questão que está sendo abordada em maior escala nos últimos anos, com resultados muito bons. Da

historiografia, existem setores que se recusam a pensar sobre essa escravidão pela via jurídica, que considera o indígena como vassalo da coroa. No entanto, hoje em dia é necessário aprofundar-se na práxis colonial e nas formas de dominação e servidão subjacentes a outros modelos, que são impossíveis de visualizar neste contexto.

Nos documentos jesuítas, é mais difícil identificar diretamente essas práticas servis, mas, como mencionado na pergunta, uma noção de trabalho pode ser analisada sob essa perspectiva.

“A escrita tem sido um dos pilares nos quais a Companhia de Jesus se apoiou”

IHU On-Line – Quais são os desafios para entender as missões jesuíticas nos complexos processos políticos, econômicos, sociais e culturais da América colonial, indo além do espectro religioso?

María Laura Salinas – As missões estão sendo abordadas com novos olhares, fontes e perguntas. Não obstante, existem diversos caminhos para continuar. A partir de uma perspectiva acadêmico-científica, segue a problematização e a resolução de hipóteses sobre as práticas, saberes, atores, simbologia da missão, entre outros temas. O cruzamento de variáveis e a transversalidade de temas supõem um exercício metodológico que deve continuar sendo realizado.

Do ponto de vista cultural, é ne-

cessário continuar com a revalorização da história missioneira, conscientizando os governos dos povos atuais, antigo território de várias das missões, sobre a proteção do patrimônio, a conservação dos restos e a cultura local, que se remete à experiência missionária. O conhecimento dessa história por parte dos atuais habitantes do espaço dessas antigas missões seria fundamental para a construção de identidades regionais.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

María Laura Salinas – As Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas foram espaços significativos de construção historiográfica, reflexão, acordos e camaradagem entre pesquisadores das Missões. Desde a primeira conferência realizada em 1984 na cidade de Resistência, em Chaco, na Argentina, esta reunião se consolidou e vem crescendo em número de pesquisadores e temáticas abordadas. Embora existam diversas reuniões científicas que abordem, entre suas principais temáticas, as missões ou a Companhia de Jesus em relação às missões, na minha

opinião, estas Jornadas são as mais representativas, porque reúnem pesquisadores que há décadas estudam essas questões.

O interessante é que eles apresentam uma evolução em suas abordagens. Embora o foco esteja nas Missões Jesuíticas, incorporou-se uma perspectiva analítica global que nos permite visualizar a missão em um contexto muito mais amplo, que transcende fronteiras e nos permite discutir conceitos, visualizar problemas de pesquisa e compartilhar perspectivas sobre os estudos que estão sendo realizados.■

EAD Ciclo de Filmes e Debates

 JESUÍTAS BRASIL

CRISE O CAPITALISMO DEZ ANOS DEPOIS



Período:
03/09 a 23/11 de 2018

Ministrante:
Prof. MS. Gilberto Faggion - Unisinos

Local:
Plataforma Moodle | 3 horas semanais

ihu.unisinos.br

 INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS 

Processos migratórios dos séculos XVI e XVII promovem novos estatutos sociais

Para Erneldo Schallenberg, os contatos entre mundos distantes foram marcados pela imposição cultural, mas também possibilitaram outras experiências de trabalho e relações comunitárias

João Vitor Santos

Não se pode apagar a mácula do que foi a imposição cultural feita pelos europeus aos indígenas americanos, destituindo muitas formas de vida para sugar da colônia tudo que era possível para alimentar a metrópole. O professor Erneldo Schallenberg lembra que as ações dos jesuítas em reduções compunham esse esquema, mas, apesar de muito crítico dessa lógica colonizadora, reconhece que as missões “desvelaram e aproximaram diferentes culturas e comportaram experiências societárias que, ao seu tempo, deram lugar à formulação de novos estatutos sociais”. E acrescenta: “a tentativa de incorporação de povos e culturas, mesmo que pela submissão a uma cultura dominante, abriu o horizonte para a discussão de novos paradigmas e para a formulação de novas formas de organização social, a exemplo do socialismo e do social-cristianismo”.

Schallenberg reconhece que a “estratégia da conquista atribuiu aos jesuítas a missão de apaziguar as colônias e atuar no meio dos índios”, mas lembra que disso surgiu uma necessidade de se estar entre os índios e, mais tarde, escravos africanos. E é nesses contatos que os religiosos atuam como articuladores de redes que, se não preservavam as culturas originais, ao menos propunham outras formas de vida levando em conta o bem comum. “Muito cedo os missionários da Companhia desaprovaram os mecanismos da conquista ibérica”, acrescenta,

na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Fundamentada em bases que privilegiaram as relações familiares e coletivas da organização social, a missão introduziu formas cooperadas de trabalho, com a preservação da reciprocidade, visando trazer o bem-estar e elevar a autoestima dos índios para promover as mudanças socioculturais desejadas”, destaca.

Erneldo Schallenberg é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com estágio pós-doutoral em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Entre suas publicações, destacamos *Missões do Guairá: espaço e territorialidade* (In: Regina Maria d'Aquino Fonseca Gadelha. (Org.). *Missões Guaranis: impacto na sociedade moderna*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1999), *A integração do Prata no Sistema Colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá* (Toledo: EdT, 1997. v. 1) e *Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil* (Cascavel: Edunioeste, 2009).

Confira um trecho da entrevista.

A versão completa será publicada numa das publicações do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

IHU On-Line – Como compreender a concepção de Igreja que a Companhia de Jesus traz para a América? Em que me-

didada a associação com o poder temporal influenciou a ação das missões jesuíticas?

Erneldo Schallenberg – A

cruz e a espada representam os símbolos maiores da conquista dos povos ameríndios pelos segmentos hegemônicos da sociedade ibérica,

“A cruz e a espada representam os símbolos maiores da conquista dos povos ameríndios pelos segmentos hegemônicos da sociedade ibérica”

como muito bem assinalou Ruggiero Romano¹ em sua obra *Os Mecanismos da Conquista Colonial*². O processo da conquista da América Latina foi desencadeado à luz do espírito da Cristandade e sob o regime do padroado³. A Cristandade esteve presente na sociedade eurocristã durante um longo período histórico, que se estendeu por dezesseis séculos (XV-XIX) e marcou a relação de poder entre a Igreja e a sociedade civil. Na América Latina, com a chegada dos espanhóis e dos portugueses, os impérios da conquista passaram a exercer o controle sobre a Igreja através do regime do padroado, derivado do acordo entre o papa e os reinos de Portugal e da Espanha, mediante o compromisso de cristianizar as terras a serem conquistadas.

Como braço secular da Igreja, os impérios ibéricos passaram a interferir diretamente na organização e na vida eclesiástica das colônias, nomeando bispos, vigários, pagando seus soldos e atribuindo funções que, em muitas circunstâncias, sobrepunham a ação evangelizadora

à colonizadora. Detentora do poder simbólico, fundado no capital religioso, a Igreja enquanto vetor ideológico do Estado teve a função de exercer o controle sobre os diferentes povos e culturas que habitavam as colônias, para manter o *status quo* da ordem social, política e moral estabelecida. Desta forma, a Igreja colonial contribuiu muito para a manutenção da dominação, da subordinação social e cultural dos povos nativos e da sociedade emergente. Não se tratava tão somente da missão de converter os povos indígenas ao cristianismo, mas, do mesmo modo, da sua subordinação política e da sua exploração econômica.

O papel da Companhia

A Companhia de Jesus foi criada em 1534 e aprovada pelo papa Paulo III⁴ pela *Regimini Militantis Ecclesiae*⁵, em 1540, em um contexto de significativas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que contribuíram para que a Igreja Católica mudasse a sua postura e a sua atuação em meio à sociedade. A Reforma Protestante, que questionava profundamente a estrutura e as práticas da Igreja Católica, tornou-se o seu grande desafio. Emergida em um ambiente contrarreformista, a Com-

panhia de Jesus assumiu a missão de converter os povos à fé cristã, sempre fiel às suas constituições, que propunham abnegação, disciplina, organização rígida e a obediência ao Papa. Os membros da Companhia de Jesus estavam diretamente subordinados ao seu Provincial Geral e aos provinciais locais por ele nomeados. Não havia uma relação intrínseca entre o poder temporal dos estados imperiais e o poder simbólico religioso dos jesuítas. Mesmo que seguindo os ditames da legislação emanada dos impérios coloniais, os inicianos deviam obediência cega a Roma, o que reflete o caráter da universalidade da Igreja Católica.

Norteados pela objetividade da doutrina e pela objetividade do discernimento, constituíram-se em agentes de atuação direta na sociedade e na política colonial. Eram em muitas situações coniventes com as autoridades, seguindo os interesses postos pelo sistema colonial. Mantinham propriedades e escravos e combatiam os “infieis”, tidos como bárbaros e pagãos quando não correspondiam ao ideal societário e religioso por eles propagado.

Sob o lema “*Ad Majorem Dei Gloriam*”, os soldados de Cristo se estabeleceram na América para atuarem prioritariamente na ação missionária, na evangelização e na educação dos povos. Controvérsias e conflitos marcaram a atuação dos jesuítas nas colônias. Com estratégias diferenciadas em relação à evangelização e à educação dos nativos e dos grupos étnicos da sociedade colonial em formação, os jesuítas travaram embates

1 Ruggiero Romano (1923-2002): historiador italiano, discípulo de historiadores de grande influência na Escola de Annales como Fernand Braudel Nino Cirtese e Lucien Febvre. Entre suas obras mencionamos *Entre duas crises: a Itália da Renascença* (1971), *A Europa entre duas crises* (1980), *A história da economia italiana* (1991), *As conjunturas opostas. A crise do século XVII na Europa e América* (1992) e *Braudel e nós* (1995), dedicado ao historiador francês. (Nota da IHU On-Line)

2 São Paulo: Perspectiva, 2015. (Nota da IHU On-Line)

3 O padroado foi criado através de sucessivas e gradativas bulas pontificais, como resultado de uma longa negociação da Santa Sé com os Reinos Ibéricos, Portugal e Espanha. Por meio destas bulas, que assumiram valor jurídico no período da expansão ultramarina, a Santa Sé delegava aos monarcas católicos a administração e organização da Igreja Católica em seus domínios conquistados e por conquistar. Em contrapartida, o rei padroeiro, que arrecadava os dízimos eclesiásticos, deveria construir e prover as igrejas, com todo o necessário para o culto, nomear os párocos por concursos e propor nomes de bispos, sendo estes depois formalmente confirmados pelo Papa. (Nota da IHU On-Line)

4 Papa Paulo III (1468-1549): 220º Papa Católico, assumiu o papado entre 1534 até sua morte. Lançou as bases da Contrarreforma, aprovou a criação da Companhia de Jesus de Inácio de Loyola em 1540. Convocou o Concílio de Trento em 1545. Conhecido também pela promulgação da bula *Veritas Ipsa*, a favor da liberdade dos índios das Américas. (Nota da IHU On-Line)

5 *Regimini militantis Ecclesiae*: foi a bula papal promulgada pelo Papa Paulo III em 27 de setembro de 1540, que deu uma primeira aprovação à Companhia de Jesus, também conhecida como jesuítas, mas limitou o número dos seus membros a sessenta. (Nota da IHU On-Line)

sérios com as autoridades constituídas, sempre visando manter o seu poder temporal e a sua influência social e cultural.

IHU On-Line – O contato dos povos indígenas transformou a concepção de Igreja e do “ser cristão” dos jesuítas? E desses contatos, que Igreja emergiu da experiência missioneira?

Ernelo Schallenger – A Companhia de Jesus representou para o processo da colonização da América uma ordem religiosa estratégica. Diante da necessidade da preservação e da incorporação da mão de obra indígena no sistema colonial e em razão dos conflitos oriundos da espoliação dos índios pelos colonos, a estratégia da conquista atribuiu aos jesuítas a missão de apaziguar as colônias e atuar no meio dos índios.

Muito cedo os missionários da Companhia desaprovaram os mecanismos da conquista ibérica, lançando críticas aos vícios e à deturpação dos costumes e da moral cristã. O processo de dizimação das populações nativas não interessava nem à Igreja e, tampouco, aos impérios coloniais. A nova ordem social das colônias e as bases da organização eclesiástica na América requeriam aos jesuítas um trabalho diferenciado em relação aos mamelucos e crioulos e aos povos nativos. Para os nascidos da miscigenação (gente da terra) introduziram a prática missionária do batismo das crianças e da educação dos jovens. Em relação aos indígenas, buscaram a convivência com eles para cuidar do seu bem-estar e para educá-los para o trabalho, para as atividades artesanais, artísticas e domésticas.

Baseados nas “Regras do discernimento dos espíritos”, de Inácio de Loyola⁶, os jesuítas aproximaram-se

da cultura dos diferentes povos nativos, buscando uma espiritualidade encarnada numa linguagem acessível pela qual Deus poderia ser experimentado por seus interlocutores. A apropriação das diferentes línguas dos ameríndios, convertida em dicionários, catecismos e compêndios, expressa de certa forma um humanismo em movimento, na direção de uma fé encarnada na cultura de um povo. É certo que, com a conversão dos códigos, dos signos e dos sinais da linguagem dos povos indígenas para a linguagem cristã, houve uma imposição de sentido que representou uma substancial perda de referências para as populações em processo de cristianização. Os elementos míticos constitutivos da religião indígena nunca conseguiram ser substituídos pela racionalidade cristã. Os índios cristianizados nunca deixaram de ser índios para serem cristãos. Nas aldeias e nas reduções jesuíticas houve certa negociação cultural, sem renúncia à apologética cristã, que transformou o espaço missionário em um lugar de combinação de elementos das culturas nativas com os da cristã.

A Igreja que nasce dessa experiência é missioneira e, portanto, pioneira em relação à conversão da fé, e dos ensinamentos dela derivados, nas culturas singulares. A Igreja missioneira foi libertadora na medida em que assume a luta contra a escravidão, contra a espoliação e o desrespeito à dignidade dos índios. Ela assumiu uma postura crítica no tempo e nas circunstâncias em que esteve inserida. Ela transcendeu a mera imposição do cristianismo missionário e fomentou uma religiosidade, embora não enraizada, presente na vida dos povos nativos.

IHU on-Line – Como avalia as contribuições da experiência de missão para a constituição da identidade de povos coloniais tanto da América espanhola como da portuguesa? E quais foram os limites dessas experiências?

Ernelo Schallenger – A América colonial constituiu-se num

grande espaço cultural não identificado. Os jesuítas trataram logo de mapeá-lo. Em seus ensaios cartográficos reconheceram territórios habitados por diferentes povos, com culturas, línguas e costumes distintos. A compreensão desse espaço plural colocou em evidência a diferença entre o modo de ser e a linguagem dos povos nativos e a cristã. Os missionários, sobretudo os jesuítas, eram desafiados a superar essas diferenças por meio de métodos pedagógicos que estabelecessem a interlocução cultural para que os índios abandonassem ou cambiassem seus antigos costumes e aderissem às práticas e às representações do cristianismo.

Hábeis, valeram-se de práticas pedagógicas, que, além do ensino escolar estendido também às meninas, abrangiam a música, a dança, as artes e, até mesmo, o trabalho. O trabalho constituiu-se em importante ferramenta de educação e de evangelização e era um instrumento mediador para a construção de uma nova espacialidade, que conservava elementos das sociedades tribais e da sociedade cristã. O trabalho passou a se constituir em uma forma social de ser nas missões. Era um rito enquanto expressão do espírito coletivo, que foi mantido e inovado nas reduções com a introdução do trabalho familiar. Ao sentido do rito os jesuítas agregaram o da transformação pela introdução de novas culturas e pelo uso racional de técnicas e instrumentos. A combinação e a manutenção de elementos culturais engendraram a formação de novas bases para uma sociedade em constituição.

Os jesuítas, particularmente, fundaram colégios e mantinham propriedades, regidas por um rígido sistema de administração e controle contábil, que serviram de suporte para as missões. Constituíram um sólido sistema de armazenamento, distribuição e comercialização dos bens produzidos. Introduziram tecnologias de produção de alimentos e se notabilizaram na criação de gado e no cultivo da erva-mate, cujos derivados foram para além do consumo interno das missões, tornando-se

⁶ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1IBwk2U>. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

importantes produtos de valor comercial. As estâncias e os ervais tornaram-se marcos indelévels presentes até hoje na paisagem e na cultura das populações que habitam ou são oriundas do espaço missionário.

O poder temporal da Companhia

A ascendência sobre os índios das missões e o controle sobre o território missionário fortaleceu o poder temporal da Companhia de Jesus na América colonial. A reunião dos índios dispersos em povoados contribuiu para a escassez da mão de obra e o seu recrutamento pelos agentes da colonização. Esses fenômenos atraíram o olhar das coroas que acusaram os padres missionários de manter os indígenas em estágio de menoridade e alheios aos interesses dos impérios coloniais. Na resistência ante a empreitada da demarcação das fronteiras coloniais, que acabariam fragmentando os territórios das missões, aos jesuítas foi imputada a iniciativa de promoverem motins e rebeliões contra os colonos e as autoridades coloniais. Estas foram algumas das razões alegadas pelos representantes plenipotenciários das coroas, Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal)⁷ e Pedro Pablo Abarca de Bolea (Conde de Aranda)⁸, para a expulsão da Companhia de Jesus das colônias espanhola e portuguesa da América, em 1759 e 1767 respectivamente.

Os limites impostos ao primeiro ciclo da presença da Companhia de Jesus decorrem de certa maneira do poder espiritual e temporal exercido

pelos jesuítas sobre os índios, que era contrastante com os interesses colonialistas de submetê-los plenamente aos interesses dos agentes da colonização e integrá-los na vida e na produção colonial para aumentar os erários das coroas. A expulsão gerou desmandos, a fragmentação dos territórios, a dispersão dos povos, mas não conseguiu acabar com a cultura missionária, traduzida na linguagem nativa cristã e na religiosidade; destruiu espaços edificadas, mas não conseguiu soterrar os monumentos e a memória, que, registrada, expressa a grandeza da obra educadora e missionária dos jesuítas; não impediu que hábitos e costumes permanecessem vivos e se difundissem, alguns deles derivados das lidas do cotidiano missionário, a exemplo dos derivados da cultura da erva-mate e da criação de gado.

Uma das grandes virtudes da atuação educadora e evangelizadora dos jesuítas foi a recriação de um espaço coletivo para os índios, para, a partir das suas bases societárias e preservando sua integridade física, construir uma sociedade fundada na ética e nos valores do cristianismo católico. Este novo estatuto social ainda não havia chegado e dado aos índios o grau de independência compreensiva e política para a sua solidificação quando foi interrompido.

IHU On-Line – O século XVI é marcado pelo que podemos considerar como um grande movimento migratório, associado também à ideia de uma primeira globalização. Quais as contribuições e o papel da Companhia de Jesus nesse processo?

Ernelo Schallenger – Os movimentos migratórios acompanham a humanidade desde os seus primórdios. Eles podem ser motivados por diversos fatores que vão desde a perspectiva messiânica de buscar o lugar ideal para se viver à superação de limitações que o meio e as sociedades impõem aos sujeitos sociais. Nos séculos XVI e XVII, houve um processo de expansão dos

domínios dos estados nacionais, alimentado pelas práticas do mercantilismo e legitimado pela ação da Igreja. O poder temporal e o ser cristão se constituíram nos vetores fundamentais do deslocamento de populações e da sua dominação social e cultural. O ser mais e o poder mais estiveram presentes no ideário dos segmentos da sociedade da conquista e da colonização. As práticas colonialistas impuseram padrões societários que reduziram a diversidade social e cultural dos povos e desconstruíram os seus territórios, mesmo que simbólicos. A expansão das fronteiras dos estados mercantilistas e da Igreja pôs em contato povos de mundos diferentes, o que impactou não somente esses povos, mas também a sociedade da conquista.

Em termos de influência globalizadora, a Companhia de Jesus teve um papel fundamental para a formação das elites europeias e das sociedades conquistadas. Em sua ação intelectual e educativa contribuiu significativamente para o desenvolvimento das ciências, das artes, da agricultura e da memória escrita. Disseminou técnicas, produtos e hábitos que afetaram o modo de ser e de se relacionar com a natureza dos diferentes povos em contato. Os métodos usados pelos jesuítas para a conquista espiritual dos povos se fundamentavam no diálogo com o outro e na observação participante. Eram exímios linguistas, cartógrafos e recolheram dados e informações que enriqueceram as ciências exatas e naturais, a antropologia e a filosofia e os processos de interação cultural como um todo.

Como promotores de uma nova relação entre povos e culturas tão diferentes constituíram uma rede de correspondências, sobretudo através da escrita, que, fundada em seus experimentos sistematizados, contribuiu para o avanço do conhecimento. Presente em tudo isto esteve o princípio de uma nova sociedade, inspirada na utopia cristã e fundada nas relações de solidariedade, mesmo que o seu protótipo tenha sido a sociedade eurocristã.

⁷ **Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. Leia a edição 220 do Cadernos **IHU Ideias** intitulado *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil*, de autoria de José Eduardo Franco, disponível em <https://goo.gl/CSRsmlq>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Pedro Pablo Abarca de Bolea** (1719-1798): 10º Conde de Aranda, foi um estadista e militar espanhol. Estudou técnica militar na Prússia e na França e, no contexto da "Guerra Fantástica", comandou a campanha militar contra Portugal a partir do final de agosto de 1762. Considerado como um típico representante do despotismo esclarecido sob o reinado de Carlos III de Espanha, ocupou, a partir de 1766, a presidência do Conselho de Ministros. Executou o Decreto Real que expulsou a Companhia de Jesus da Espanha e seus domínios. Entretanto, o seu fracasso na tentativa de manter os Ingleses afastados das ilhas Malvinas levou a que fosse destituído de suas funções pelo soberano (1773). (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – No que os processos migratórios do século XVI podem inspirar nas reflexões da chamada crise de imigração da atualidade?

Ernelo Schallenger – As migrações contemporâneas estão inscritas num cenário marcado pela intolerância, que impõem formas unitárias de pensar e de agir. Os fanatismos religiosos e políticos, inspirados em ideologias excludentes, são expressões da violência que inibem as pessoas de se articularem para construir os seus espaços de liberdade e para alimentar as suas utopias. O fenômeno da globalização centrou os eixos de decisão em torno de grupos poderosos, que controlam o capital, detêm os meios de comunicação e informação e influenciam os governos. Decorre daí uma onda de padronização de costumes, de hábitos de consumo e de modelos de produção guiados pelo grande mercado capitalista. As diferentes culturas

regionais, quando não incorporadas como produtos de consumo, são marginalizadas ou excluídas pela “sociedade globalizada”.

As transformações provocadas pela economia globalizada promovem a exclusão progressiva de povos, que, em sua luta pela sobrevivência, são obrigados a migrar. Acentuam as diferenças regionais e geram abismos entre os países mais ricos e os emergentes, oriundos, sobretudo, das condições desiguais de competitividade no mercado e das barreiras protecionistas impostas. A grande mobilidade humana promove o desequilíbrio demográfico, agrava o problema das diferenças étnico-culturais e religiosas e instiga o narcotráfico, o crime organizado e toda espécie de conflitos que refletem formas de poder numa sociedade de desempoderados.

Os processos migratórios dos séculos XVI e XVII, sem lhes tirar a mácula da imposição cultural, da

desnaturalização dos povos nativos e do acentuado deslocamento de populações para alimentar os sistemas coloniais, desvelaram e aproximaram diferentes culturas e comportaram experiências societárias que, ao seu tempo, deram lugar à formulação de novos estatutos sociais. A tentativa de incorporação de povos e culturas, mesmo que pela submissão a uma cultura dominante, abriu o horizonte para a discussão de novos paradigmas e para a formulação de novas formas de organização social, a exemplo do socialismo e do social-cristianismo.

Em suma, os processos migratórios forçados nos deixam a lição do que não se deve fazer em respeito à diversidade cultural, à liberdade e ao direito de autodeterminação dos povos. Frear os impulsos de dominação e ver no outro os elementos constituintes do eu representam as bases para uma nova utopia social, sonhada a partir de relações harmônicas com a natureza.■





As ações missioneiras e a formação da identidade moderna

María Elena Imolesi se detém na escrita jesuítica para observar como, pela autorrepresentação de suas ações, a Companhia de Jesus vai marcando a mudança de pensamento que ocorre na saída do medievo

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

A historiadora María Elena Imolesi destaca que os jesuítas, membros de uma ordem religiosa constituída na transição entre o tempo medieval e o moderno, acabam, especialmente na América Colonial, realizando uma espécie de hermenêutica. “Transportaram ao Novo Mundo a interpretação cristã e ocidental das coisas”, pontua. Mas isso não se dá só por uma imposição, sendo muito mais uma via de mão dupla. “Ao mesmo tempo incorporaram toda a experiência multicultural dos territórios missionários distantes, estranhos e estrangeiros”, completa Imolesi. Essa será uma das marcas dessa ordem que viabiliza conexões globais. “É importante ampliar o olhar do jesuíta e entender a inserção do funcionamento da Companhia de Jesus em um contexto global e em suas relações com outros poderes tanto religiosos quanto civis, com os quais houve profusos e frequentes conflitos”, provoca.

Analisando por essas perspectivas, segundo a professora, é interessante observar como as ações desses religiosos vão gerar tantas críticas, pois ora eram aliados do rei, ora eram problema para coroa, assim como para Igreja. “Nenhuma outra ordem religiosa suscitou tantas paixões opostas quanto

a Companhia de Jesus, onde tanto a *leyenda dorada* quanto a *leyenda negra* tiveram grande força, e o fogo das paixões é algo que os jesuítas sempre se encarregaram de reavivar”, analisa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para Imolesi, reavivar os escritos dos jesuítas, especialmente relacionados a missões, pode ser fundamental para novas compreensões acerca do período de colônia. “Não se pode negar que a experiência missioneira é um componente fundamental do colonialismo”, diz. Mas acrescenta: “é necessário abandonar o paradigma da ‘conquista-resistência’, que considera os índios como seres impotentes sobre os quais eram descarregados os desejos e as vontades do poder colonial”.

María Elena Imolesi é doutora em História e professora de História Latino-americana na Universidad de Buenos Aires, Argentina, e integrante do Programa de História da América Latina. Entre suas publicações, destacamos *Soluciones jesuitas en entornos misionales: la aplicación del probabilismo en la resolución de dudas en torno a matrimonios en las reducciones de guaraníes* (Historia y Grafía, Universidad Iberoamericana, ano 25 n.49 julio-diciembre/2017).

Confira a entrevista.

41

IHU On-Line – Que ideia de índio pode ser construída a partir dos escritos dos jesuítas? Como essa concepção vai

se transformando ao longo da história da Companhia de Jesus e como ela chega até nossos dias?

María Elena Imolesi – É difícil responder a essa pergunta sem cometer generalizações apressadas. Na verdade, não podemos falar dos

“jesuítas” como um todo, como um corpo indiferenciado. Os missionários eram consideravelmente diferentes em suas apreciações, que variavam de acordo com a sociedade que estavam observando e com as quais interagiam. Mas, em linhas gerais, como salientou Bronislaw Malinowski¹, podemos dizer que os jesuítas “sabiam colocar a rede no lugar certo”, ou seja, eles eram bons observadores.

No entanto, deveríamos estabelecer diferenças quanto aos relatos missioneiros dos primeiros dias. No Paraguai, por exemplo, surgem as primeiras descrições etnográficas do século XVII, onde as observações em torno da sociedade indígena são mais agudas e o sistema missionário estava em formação. A avaliação correta do terreno era de vital importância, porque o sucesso da missão dependia disso. Em contrapartida, ao longo do século XVIII, com um sistema missionário consolidado, mas ao mesmo tempo em crise a partir das críticas feitas na Europa e na América sobre o papel da Companhia de Jesus, as descrições são mais estereotipadas, predominando a ideia – bastante contraditória – de que, apesar do sistema missionário ser um sucesso, os índios ainda necessitavam de tutela permanente e de isolamento ante a sociedade espanhola.

Neste sentido, não é coincidência que uma das primeiras tarefas empreendidas pelos jesuítas seja a elaboração de vocabulários e gramáticas para a produção de línguas gerais, padronizadas (em quíchuá, aimará e guarani, entre muitas outras línguas). A ideia é “traduzir” o cristianismo para os índios, e não hispanizá-los. Os índios são considerados eternos menores de idade, propensos aos vícios e mentiras e, portanto, precisam de vigilância. Devo dizer que isso não era uma exclusividade do olhar jesuíta: muitos homens da Igreja consideravam

que os índios, como seres racionais, tinham capacidades em potencial, mas que estas estavam obscurecidas pela educação “bárbara”. Consequentemente, a transformação dos índios estava vinculada com a habituação às práticas cristãs no contexto do sistema missionário. É comum encontrar a tríade composta por poligamia, antropofagia e abuso de álcool nas descrições feitas dos indígenas. No entanto – e por isso eu falei antes das contradições –, ao mesmo tempo eles são apresentados como excelentes cristãos, detentores de todas as virtudes, quando o objetivo é mostrar o sucesso do sistema missionário: frequentemente eles tornam-se seres santos, castos e devotos nos relatos jesuítas.

Pós-expulsão

A partir do exílio provocado pela expulsão dos jesuítas, a historiografia dos exilados tendeu marcadamente para o destaque das virtudes dos regimes missionários e isto resultou em um olhar idealizado e estereotipado do mundo indígena. A distância, a nostalgia da América perdida e, claro, a necessidade de defender a obra da Companhia, contribuiu muito para isso.

Um exemplo entre muitos: já no século XX, e herdeiro dessa visão triunfalista, o padre Guillermo Furlong² – provavelmente o maior responsável por moldar o olhar de jesuíta sobre a história das missões e autor de centenas de obras biográficas – escreveu na Introdução de sua obra “Missões e seus povos de Guaranis” (1962), que as reduções constituíram um “felicíssimo reino”, no qual “menos de cem sacerdotes, espalhados em 30 aldeias, puderam governar sem qualquer obstáculo, com facilidade e felicidade, a 100 mil indígenas que se consideraram felizes ou, até mesmo, felicíssimos, sob a sua ordem, disciplina e amor”. Nessas reduções, os devaneios hu-

manitários de Platão³ e Campanella⁴ foram amplamente superados, e isso foi conseguido “com selvagens recém-saídos da mata”.

Tais afirmações dão conta de uma escrita pensada para a defesa dos ataques inimigos (uma escrita “ob-sediada” ou “assediada”, chamada por Martín Morales). Em grande parte, podemos considerar que esse olhar sobre os índios é prefigurado nas polêmicas do século XVIII e em escritos como os de José Cardiel⁵ ou de Ludovico Muratori⁶, que em meados do século XVIII falava do “Cristianismo feliz” nas reduções do Paraguai.

Perspectiva contemporânea

No que tange ao período mais recente e que chega aos dias de hoje, os historiadores da Companhia, com suas divergências, tiveram o cuidado de apresentar os indígenas como sujeitos históricos, agentes com autonomia cultural e como construtores de seu destino, ao mesmo tempo em que trabalhavam nos mais diversos assuntos da história da Companhia junto com historiadores, linguistas e antropólogos acadêmicos não jesuítas. Os casos dos antropólogos Bartomeu Melià⁷, para o Paraguai, e

3 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 4-9-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-5-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/2j0VCw8>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Tommaso Campanella** (1568-1639): filósofo, teólogo, astrólogo e poeta italiano. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **José Cardiel** (1704-1782): jesuíta espanhol, naturalista, geógrafo e cartógrafo, a quem se devem as relações entre flora, fauna e etnografia no Rio da Prata, na Argentina, bem como a mapas precisos de diversas partes do Paraguai. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Ludovico Muratori** (1672-1750): Historiador italiano, educado pelos jesuítas. É conhecido pela descoberta do Cântico Murator, uma cópia da lista mais antiga que se conhece dos livros do Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Bartomeu Melià**: jesuíta espanhol, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawen-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista *As missões jesuítas nos sete povos das missões*, concedida por Melià à edição 196 da revista **IHU On-Line**, de 18-9-2006, disponível em

1 **Bronislaw Kasper Malinowski** (1884-1942): foi um antropólogo polaco. Ele é considerado um dos fundadores da antropologia social. Atuando na London School of Economics (LSE), fundou a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Guillermo Furlong** (1889-1974): historiador jesuíta argentino. Escreveu mais de 80 livros e cerca de 1.500 publicações. Algumas de suas obras são *Glorias santafesinas* (1923), *Los jesuitas y la cultura rioplatense* (1930), *El padre Quiroga* (1930), *La enciclopedia rioplatense de José Sánchez Salvador* (1930) e *Cartografía jesuítica del Río de la Plata* (1936). (Nota da **IHU On-Line**)

Xavier Albó⁸, para o Peru, são exemplos disso.

“A ideia é “traduzir” o cristianismo para os índios, e não hispanizá-los”

IHU On-Line – Hoje, algumas pessoas consideram a experiência missionária como uma grande operação colonialista. Como você avalia essa interpretação? A experiência missionária pode ser considerada dessa forma?

María Elena Imolesi – Não se pode negar que a experiência missionária é um componente fundamental do colonialismo. Deixemos de lado as avaliações que sempre atrapalham a compreensão: se a implementação do sistema colonial foi bem-sucedida, a cristianização era uma ferramenta central para a conversão e a disciplina das sociedades indígenas. Na verdade, essa tarefa de adaptação das orientações cristãs e ocidentais às sociedades locais,

preservando – como levantado por José de Acosta⁹ – os traços culturais que não afetaram a conversão, é algo pelo qual os jesuítas eram famosos e, do ponto de vista de seus objetivos, muito eficazes. Se todo sistema colonial é, acima de tudo, uma grande operação de controle, não creio que devamos duvidar que os jesuítas tivessem muito êxito nesse sentido.

Mas, é claro, é necessário abandonar o paradigma da “conquista-resistência”, que considera os índios como seres impotentes sobre os quais eram descarregados os desejos e as vontades do poder colonial. Longe disso, as sociedades indígenas atuaram ativamente através das mais variadas respostas, que poderiam incluir tanto a rejeição e a guerra, quanto a adoção e adaptação de práticas cristãs. Sabemos, por exemplo, que a aliança dos jesuítas com os guaranis foi fundada na manutenção dos cacicados indígenas e que estes tiveram um papel central na chamada guerra guaranítica¹⁰, no meio do século XVIII, quando eles agiram de acordo com seus próprios interesses.

Em outro plano, o complexo sistema de funcionamento das províncias jesuítas, com suas redes de colégios como centros organizacionais, as fazendas e estâncias como eixo de produção, abastecimento e intercâmbio comercial, e as missões ou povoados indígenas, eram um modelo muito eficaz de organização colonial. O próprio sistema de comunicação e circulação de informações entre a Cúria Jesuíta em Roma e as províncias, em escala mundial, assegurava o funcionamento do sistema.

Modelo jesuíta

O “modelo jesuíta”, embora representasse aspectos notáveis de novi-

dade, não está separado da realidade de mais generalizada do universo colonial espanhol dentro do qual foi concretizado. Ocorre-me um dado muito evidente: a dispensa do trabalho nas *encomiendas* dos guaranis das reduções era um privilégio obtido em função da defesa militar da fronteira hispano-portuguesa, na qual os Guarani foram peças centrais. Em outra ordem de assunto, os jesuítas eram mediadores econômicos das instituições coloniais espanholas, pois controlavam o produtivo comércio de erva-mate e, em geral, o abastecimento da região.

Certamente, se considerarmos a ação dos jesuítas em outros contextos, não americanos, a pergunta formulada pode ter uma resposta diferente: enquanto na Ibero-América a corte real e as ordens religiosas, como o clero secular, foram o braço de um catolicismo que era religião de Estado e fundação da ordem colonial, em regiões como Japão e China houve um diálogo intercultural muito mais rico. Ali, jesuítas como Alessandro Valignano¹¹ ou Matteo Ricci¹² fizeram grandes esforços para a adaptação e acomodação frente a outras religiões e sistemas de pensamento dominante contra os quais o cristianismo era uma religião muito minoritária e até mesmo perseguida.

IHU On-Line – De que maneira a supressão e a restauração da

<http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Meliá profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU – A Experiência Missionária: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, na edição 331 uma entrevista com Meliá, intitulada “A história de um guarani é a história de suas palavras”, disponível em <http://migre.me/vMqPH>. Confira, ainda, o Perfil de Meliá, publicado em <http://migre.me/2pf5p>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Xavier Albó Corrons** (1934): padre, linguista e antropólogo jesuíta, com experiência em povos indígenas e populações rurais da Bolívia. Albó foi cofundador do Centro de Pesquisa e Promoção de Agricultores (Centro de Investigación e Promoção do Caminho, CIPCA) em 1971. Ele foi seu primeiro diretor em 1976. O IHU publicou uma série de textos sobre Albó, quando da sua passagem pela Unisinos em 2015. Entre eles *Bem viver X viver melhor: O desafio indígena na América Latina*, disponível em <http://bit.ly/2QDK1Xd>; além dos artigos de sua autoria, como *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais*, disponível em <http://bit.ly/1XqWaeb>; e *Os Guarani e seu “Bem Viver”*, disponível em <http://bit.ly/2C79xzV>. No sítio do IHU, também é possível acessar entrevistas realizadas com Albó, entre elas *Um Deus de rosto indígena. Entrevista com Xavier Albó*, disponível em <http://bit.ly/2NynUQ>, e *A constituição mais humanista da América Latina. Entrevista especial com Xavier Albó*, disponível <http://bit.ly/2Nw7Tdm>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **José de Acosta** (1539-1600): foi um jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Desempenhou trabalhos missionários na América, regressando à Espanha em 1587. Escreveu *História Natural e Moral das Índias*, em 1590. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Guerra Guaranítica** (1750-1756): é o nome que se dá aos violentos conflitos que envolvem os índios guaranis e as tropas espanholas e portuguesas no sul do Brasil após a assinatura do Tratado de Madri, no dia 13 de janeiro de 1750. Os índios guaranis da região dos Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a se transferir para o outro lado do rio Uruguai, conforme ficara acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Alessandro Valignano** (1539-1606): jesuíta italiano que ajudou na introdução do catolicismo, principalmente no Japão. Sobre as missões jesuítas na China e no Japão, confira a edição 347 da **IHU On-Line** de 18-10-2010, intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, disponível para download em <http://bit.ly/9oOler>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Matteo Ricci [Mateus Ricci]** (1552-1610): Missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, em 24 de março de 1578, embarcou em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, em 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macau, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela **IHU On-Line** com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://bit.ly/ihu281008>. Confira a edição especial da **IHU On-Line** intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon347>. (Nota da **IHU On-Line**)

Companhia de Jesus impacta a historiografia sobre as missões?

María Elena Imolesi – A supressão e restauração moldaram fundamentalmente a experiência dos jesuítas. No curto espaço de tempo entre as duas datas (1767 e 1814), transcorreu o vendaval da Revolução Francesa e o começo das guerras de independência hispano-americanas. Acima, referia-me ao modo em que o exílio influenciou o discurso jesuíta sobre os índios. Está em debate a ideia de que há uma “restauração” propriamente dita, mas o fato é que o evento fraturou inclusive os arquivos da própria Companhia, atualmente organizados em “antigos” e “novos”.

A crise que trouxe a extinção da ordem foi obra de um conjunto de pensadores iluministas – que viam no sistema educacional jesuíta um atraso – e da política judiciária dos Estados europeus – que desejavam retomar o controle político e ideológico frente à igreja. Nesta polêmica, um tópico central foram as reduções do Paraguai, em torno das quais se criticou o autoritarismo paternalista e arbitrário atribuído aos jesuítas, a sua enorme acumulação de poder e riqueza, o seu desprezo pela autoridade real etc. Todos os argumentos que, juntamente com a acusação de laxismo moral, tornaram-se os tópicos clássicos de antijesuitismo.

Também incidiu decisivamente na atitude defensiva que os jesuítas tomaram na publicação de escritos que no século XVIII retomavam velhos argumentos sobre a inferioridade e “degeneração” do mundo americano frente ao europeu, como exemplificado pelos ensaios de De Pauw¹³ e do abade Raynal¹⁴, entre outros. A polêmica com os jesuítas expulsos inaugurou o americanismo como corrente intelectual. Nesse contexto, a produção dos jesuítas hispânicos

que estavam no exílio foi prolífica e influente.

Necessidade de defesa

Ao longo do século XIX, a necessidade de se defender dos ataques inimigos e de criar uma versão própria da tarefa jesuítica no mundo a partir das suas origens, que enfatizasse o trabalho da Companhia nos espaços missionários, na educação através de seus colégios, na ciência e na filosofia, entre outros, levou à enorme compilação documental patenteada em sua maior parte nas *Monumenta Historica Societatis Iesu*¹⁵, organizadas por tópicos e por províncias. A ideia era criar uma história com fundamentos de verdade científica a partir dos documentos.

No entanto, esse objetivo coexistiu contraditoriamente com a apologia e o mito do heroísmo. Nesta nova escrita da Companhia restaurada, era dada a continuidade do trabalho dos jesuítas, na concepção historiográfica destes, pela sua participação na formação de novas nações, através de uma valorização do passado colonial em que os jesuítas foram agentes políticos e culturais de primeira magnitude e da contribuição que teriam feito a um processo de independência que seria “catolizado” e “jesuitizado”, enfatizando a influência da teologia jesuíta sobre a origem do poder nas origens dos processos de independência.

IHU On-Line – Quais são as mudanças que as missões sofrem a partir da restauração da Companhia?

María Elena Imolesi – A restauração da Companhia ocorreu no início do século XIX e conduziu a uma tentativa de trazer de volta os jesuítas à América, mas o mundo já era outro e as novas condições políticas das nações ibero-americanas impediam o estabelecimento de um sistema missio-

nário semelhante ao da era colonial. Os governos republicanos estavam muito relutantes em compartilhar o poder com a Igreja. Se tomarmos o caso do Paraguai de José Gaspar Rodríguez de Francia¹⁶ e Carlos Antonio López¹⁷, ou a Argentina de Rosas¹⁸, tentou-se assimilar os jesuítas aos objetivos do Estado. A Companhia não podia desfrutar de seu antigo status autônomo. Em nenhum caso tornou-se a organizar missões entre índios, na forma antiga.

No entanto, como foi observado por Guillermo Wilde¹⁹ (CONICET, Argentina), muitos dos elementos culturais (políticos, religiosos e linguísticos) criados na época jesuítica continuaram vigentes, na medida em que constituíam uma base para a identidade cultural e religiosa dos povos guaranícos. Interessante é, em particular, o caso das missões do atual estado do Rio Grande do Sul, que pertenceram à órbita de influência colonial espanhola. Atualmente, os historiadores da região cunharam o termo de *missioneirismo* como uma definição regional de identidade fundada no passado dos Sete Povos guaranis²⁰, famosos por sua

16 **José Gaspar Rodríguez Francia** (1776-1840): foi um teólogo, advogado, revolucionário e político paraguaio. Ocupou vários cargos no Governo independente, sendo primeiramente Secretário da Junta, depois Cônsul, juntamente com o comandante militar Fulgencio Yegros. Pela Assembleia foi nomeado Ditador Temporário e finalmente, em 1816, Ditador Perpétuo da República do Paraguai. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Carlos Antonio López** (1790-1862): político paraguaio, presidente de seu país. Em 1848 decretou o fim das missões no Paraguai e estendeu aos índios a condição de cidadãos. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas** (1793-1877): apelidado de “o Restaurador das Leis”, foi um político e oficial militar argentino que governou a província de Buenos Aires e brevemente a Confederação Argentina. Nasceu em uma família rica, porém mesmo assim conseguiu acumular uma riqueza pessoal, adquirindo grandes extensões de terra no processo. Rosas colocou seus trabalhadores em uma milícia particular, algo comum para proprietários rurais da época, e participou de disputas entre facções que levaram a várias guerras civis no país. Foi bem-sucedido na guerra, conseguiu influência pessoal e era seguido por um exército particular leal, tornando-se o modelo do caudilho, como os senhores provinciais da região eram conhecidos. Rosas eventualmente alcançou a patente de brigadeiro-general, a mais alta do exército argentino, e tornou-se o líder incontestável do Partido Federal. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Guillermo Wilde**: doutor em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires, é pesquisador do Conicet e leciona no Instituto de Altos Estudos Sociais da Universidad Nacional de San Martín. É autor de *Religión y Poder en las Misiones de Guaraníes* (Editorial SB, 2009). (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Sete Povos das Missões**: é o nome que se deu ao conjunto de sete aldeamentos indígenas fundados pelos Jesuítas espanhóis na Região do “Rio Grande de São Pedro”, atual Rio Grande do Sul, composto pelas reduções de São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. Os Sete Povos também são conhecidos como Missões Orientais, por estarem localizados

13 **Cornelius Franciscus de Pauw** ou Cornelis de Pauw (1739-1799): filósofo holandês, geógrafo e diplomata da corte de Frederico, o Grande, da Prússia. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Guilherme Thomas François Raynal** (1713-1796): religioso e filósofo francês. Utilizou o nome L'Abbé Raynal quando pertenceu à Companhia de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Monumenta Historica Societatis Iesu** (MHSI): coleção de volumes acadêmicos (157 até hoje) sobre documentos editados criticamente sobre a origem e os primeiros anos da Companhia de Jesus, incluindo a vida e os escritos de Santo Inácio de Loyola. O repositório desses documentos pode ser acessado em <http://bit.ly/2CBpsYo>. (Nota da **IHU On-Line**)

violenta oposição à transferência de sua jurisdição ao âmbito português, como resultado do Tratado de Madrid²¹ de 1750. O passado da presença jesuíta é mantido no imaginário coletivo como uma era dourada e de prestígio. As antigas missões eram vistas por alguns movimentos políticos como um modelo social e de boa governança, digno de ser reeditado.

IHU On-Line – Qual é o papel dos historiadores, ou ainda dos antigos cronistas, jesuítas na narrativa sobre a história da América colonial?

María Elena Imolesi – Creio que se possa e que se deva estabelecer uma diferenciação clara entre, por um lado, a maneira em que os jesuítas escreveram sua própria história, muitas vezes carregada de urgências, necessidade de convencer os seus próprios membros e também a estranhos, defender-se e atacar ao mesmo tempo, e a forma em que realmente atuaram “no campo”. Não se pode negar a riqueza do que Wilde chama de “interações” da Companhia, com seus entornos, em um contexto inicial e surpreendentemente global: já em meados do século XVI, logo após a criação da Ordem, temos um punhado de missionários dispersos e ao mesmo tempo conectados ao redor do globo – inicialmente, na Europa, envolvidos na luta contra o protestantismo, assim como no Extremo Oriente, no Brasil e depois por toda a América.

Essa enorme dispersão, cujas distâncias eram contrabalançadas através de um sistema de comunicação epistolar perfeitamente padronizado

desde a época do padre geral Claudio Acquaviva²², levou à necessidade de adaptar-se (*acomodar-se* seria o termo mais bem utilizado) e ser capaz de interpretar a alteridade. Frente a essas realidades, os jesuítas faziam um esforço para compreendê-las especialmente com o fim de “converter”, controlar, governar e modificar as situações enfrentadas, que sempre foram complexas e contraditórias. No entanto, esta complexidade e riqueza, registradas nas primeiras descrições etnográficas, no estudo das línguas originárias, nas histórias “naturais e morais”, nas variadas formas de tradução e de classificação cultural, não se refletiam necessariamente nas operações historiográficas, onde o paradigma moral e o caráter triunfalista, especialmente nos textos do século XVIII, tinham como característica a “redução da complexidade”.

“Não se pode negar que a experiência missioneira é um componente fundamental do colonialismo”

IHU On-Line – Como você entende as críticas que ainda hoje continuam a impactar o modelo missionário empregado pelos jesuítas?

María Elena Imolesi – As críticas do modelo missionário jesuíta são tão antigas quanto sua instalação

e tiveram as mais diversas procedências. Com certeza, a aspiração isolacionista e a concentração de uma mão de obra que estava fora da órbita de controle da sociedade civil, especialmente no caso das missões guaranis, foram motivo de críticas e conflitos desde muito cedo. As mesmas cartas dos padres gerais à Província do Paraguai revelam esses conflitos e críticas: os jesuítas parecem vinculados a um interesse excessivo nos negócios, inclusive com participação nos contrabandos.

Também no Brasil, as *aldeias* tornaram-se verdadeiras empresas econômicas, sobretudo produtoras de açúcar, competindo com o poder real e, por essa razão, as críticas se intensificaram, tanto das autoridades civis quanto dos proprietários de terras. Havia ações judiciais permanentemente entre jesuítas e as autoridades civis e eclesiásticas. O famoso conflito entre o bispo Bernardino de Cárdenas²³ e os jesuítas – que levou ambos a uma breve expulsão, em 1649 – revela um problema fundamental que reflete a difícil relação entre autoridades eclesiásticas e jesuítas, pela sobreposição de privilégios pontifícios concedidos à Companhia de Jesus, que permitia a seus membros manterem-se à margem do controle da Igreja diocesana. Pior ainda foram os conflitos entre jesuítas e um setor predominante de crioulos durante a chamada Revolução de Antequera²⁴ (1717-1735), conflito que colocou em xeque o próprio sistema missionário, causando uma crise da qual ele nunca se recuperou.

Críticas do século XVIII

Durante o século XVIII, as críticas ao sistema missionário foram

a leste do Rio Uruguai. Com os ataques dos bandeirantes, os jesuítas espanhóis fugiram da área do Guairá. (Nota da IHU On-Line)

21 **Tratado de Madrid**: foi um tratado firmado na capital espanhola entre os reis João V de Portugal e Fernando VI de Espanha, em 13 de janeiro de 1750, para definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas, pondo fim assim às disputas. O objetivo do tratado era substituir o Tratado Tordesilhas, o qual já não era mais respeitado na prática. Pelo tratado, ambas as partes reconheciam ter violado o Tratado de Tordesilhas na América e concordavam que, a partir de então, os limites deste tratado se sobreporiam aos limites anteriores. As negociações basearam-se no chamado Mapa das Cortes, privilegiando a utilização de rios e montanhas para demarcação dos limites. O diploma consagrou o princípio do direito privado romano do *uti possidetis, ita possideatis* (quem possui de fato, deve possuir de direito), delineando os contornos aproximados do Brasil de hoje. (Nota da IHU On-Line)

22 **Claudio Acquaviva** (1543-1615): padre jesuíta italiano, terceiro superior geral no período de 1581 a 1615. Durante a sua gestão, viu duplicar o número dos membros da Ordem (de 5 mil para 13 mil) e o surgimento de santos como São Luís de Gonzaga e São Roberto Belarmino. Compilou a “Ratio studiorum” para os colégios jesuítas e ordenou o “Directorium” para os Exercícios Espirituais. (Nota da IHU On-Line)

23 **Bernardino de Cárdenas e Ponce** (1579-1668) foi um frade da ordem franciscana e bispo de Assunção e mais tarde Santa Cruz de la Sierra. Ele serviu como Governador do Paraguai de 4 de março de 1649 a 1 de outubro de 1649. Ordenou a primeira expulsão dos jesuítas do Governorato do Paraguai, embora essa expulsão não tenha durado; foi deposto como governador após uma batalha contra os exércitos jesuítas. (Nota da IHU On-Line)

24 **Revolução de Antequera**: integra as chamadas Revoluções dos Comuneros paraguaios, lideradas pelo panamenho José de Antequera e Castro e pelo venezuelano Fernando Mompox, são consideradas revoltas ancestrais dos movimentos independentistas, embora partissem do interesse de se opor às limitações da Coroa espanhola em relação à exploração dos assuntos espanhóis aos sujeitos indígenas. (Nota da IHU On-Line)

alinhas a uma nova constelação de temáticas, nas quais as missões do Paraguai seriam o argumento principal, especialmente quando, a tudo o que acabamos de mencionar, somou-se a *guerra guaranítica*, em 1750, em que os índios de várias reduções se levantaram contra a ordem real para entregar sete cidades a Portugal, como produto do Tratado de Madri. Os missionários foram acusados de incitar os índios à rebelião. No entanto, são os acontecimentos em outros lugares que provocam as críticas que levarão à expulsão da Ordem, em 1767, e à Supressão, em 1773. As ideias iluministas e o próprio regalismo enxergam na ação dos jesuítas, seu poder e seu sistema educacional, um obstáculo para o progresso das “luzes” e para os objetivos de aumentar o poderio monárquico. Questões de distintas ordens, como a polêmica dos “ritos chineses”, que por sua vez estavam inseridas em uma crítica mais ampla do chamado “laxismo” dos jesuítas, derivado da utilização de doutrinas probabilistas, proporcionaram argumentos e razões para a expulsão e a supressão.

IHU On-Line – Em que modelos as missões jesuíticas na América foram inspiradas?

María Elena Imolesi – O sistema missionário, enquanto ideia para concentrar as populações indígenas, especialmente em áreas de fronteira e em povoados, não é uma criação original dos jesuítas. Na verdade, estava nos ordenamentos coloniais, como por exemplo, os do vice-rei Toledo²⁵, no Peru da segunda metade do século XVI: a ideia era “reduzir” os índios para a vida social e política, separando-os do resto da população e encarregando os religiosos desta função, mas mantendo sua própria estrutura de governo indígena. Foi Toledo quem encarregou os jesuítas das primeiras paróquias indígenas em Juli (atual Bolívia), consideradas antecedentes das paraguaias.

Antes ainda, tanto Bartolomeu de las Casas²⁶, na Guatemala, como Vasco de Quiroga²⁷, no México, promoveram projetos para separar os índios dos espanhóis para proteger os primeiros da exploração e da mortalidade, registrados no regime de *encomienda*, e no brutal declínio demográfico que foi verificado na população indígena desde o início do século XVI, assim, também para evitar o “mau exemplo” dos espanhóis. Tudo isto deu origem à normativa jurídica da separação das *duas repúblicas*.

De fato, quando os jesuítas surgiram no México, no Peru e no Paraguai, outras ordens já os haviam precedido na tarefa reducionista. No Paraguai, os primeiros reassentamentos e concentração de indígenas antes dispersos foram realizados pelos franciscanos. Frei Luis de Bolaños²⁸, autor da primeira gramática e vocabulário guarani, foi uma referência de prestígio para os jesuítas. No entanto, o sistema social e político desenvolvido pelos jesuítas desde o início do século XVII tinha traços de originalidade: depois de muitas negociações com o governo espanhol, os guaranis foram isentos da *encomienda* e foram obrigados a tributar apenas ao rei. Por outro lado, enquanto instituição de fronteira e diante dos ataques dos bandeirantes paulistas que dizimavam os povos guaranis, capturando indígenas para escravizá-los, os índios foram autorizados a se armarem e formarem milícias de defesa. Tudo isso foi obtido em uma aliança entre os jesuítas e os caciques indígenas, que mantiveram sua autoridade nos povoados, característica que é considerada uma das

principais razões para o sucesso do sistema missionário.

“A supressão e restauração moldaram fundamentalmente a experiência dos jesuítas”

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

María Elena Imolesi – Sim, nos últimos 20 anos, os estudos sobre o mundo jesuítico foi notavelmente ampliado com as contribuições da antropologia, da história cultural e da valorização de uma grande quantidade de fontes reservadas, antes pouco ou nada disponíveis para os historiadores acadêmicos de fora do âmbito da Companhia de Jesus. Isto gerou a ideia de uma “jesuitologia” sempre em crescimento que nutre o já dilatadíssimo *corpus* de fontes jesuíticas a nível global. Historiadores da cultura, das línguas, da arte e da ciência têm se preocupado em estudar as contribuições dos jesuítas. Provavelmente (e o proponho como um desejo e objetivo pessoal) é importante ampliar o olhar do jesuíta e entender a inserção do funcionamento da Companhia de Jesus em um contexto global e em suas relações com outros poderes tanto religiosos quanto civis, com os quais houve profusos e frequentes conflitos.

Além disso, muitas características do processo de conversão, como a tão mencionada *adaptação*, eram políticas gerais da Igreja Católica desde suas origens, quando procuravam se impor ao paganismo. A ideia de acomodar-se “aos tempos, pessoas, lugares e outras circunstâncias” é atribuída aos jesuítas e, de fato, ainda hoje é utilizada na convocação de acampamentos destinados a jovens leigos, organizados pela

26 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992), e a entrevista *Bartolomeu de las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação*, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à **IHU On-Line** 342, de 6-9-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0G0>. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Vasco Vázquez de Quiroga y Alonso de la Cárcel** (1470-1565): foi um administrador colonial espanhol, primeiro bispo de Michoacán, no México e um dos juizes (oidores) da Real Audiência que governou Nova Espanha de 10 de janeiro de 1531 a 16 de abril de 1535. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Luis de Bolaños** (1549-1629): frade espanhol da Ordem dos Frades Menores, um dos introdutores do sistema de reduções nos atuais territórios do Paraguai e da Argentina. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Francisco de Toledo** (1515-1584): aristocrata e militar espanhol, foi o quinto vice-rei do Peru – posição que assumiu de 1569 a 1581. (Nota da **IHU On-Line**)

Companhia de Jesus. A frase, no entanto, pertence ao cardeal Tommaso de Vio²⁹, proeminente figura dominicana da Igreja do início do século XVI. A circulação de ideias e práticas, da e para a Companhia de Jesus, poderia iluminar a compreensão dos fenômenos da conversão, isto sem negar as indubitáveis contribuições que a Companhia de Jesus realizou no mundo moderno.

A Companhia e uma identidade Moderna

Muitos dos assuntos que são atribuídos à criação dos jesuítas, são patrimônio do pensamento e das ações da Igreja. Por que então essa preeminência dos inicianos? Sabina Pavone³⁰ assinalou que a Companhia de Jesus esteve envolvida em muitos momentos-chave na formação de uma identidade moderna. Michel de Certeau³¹ a considera “a mais moder-

na das empresas de sentido”. Eles exerceram uma função hermenêutica: transportaram ao Novo Mundo a interpretação cristã e ocidental das coisas, mas ao mesmo tempo incorporaram toda a experiência multicultural dos territórios missionários distantes, estranhos e estrangeiros.

Nenhuma outra ordem religiosa suscitou tantas paixões opostas quanto a Companhia de Jesus, onde tanto a *leyenda dorada*³² quanto a

*leyenda negra*³³ tiveram grande força, e o fogo das paixões é algo que os jesuítas sempre se encarregaram de reavivar... Nenhuma outra ordem religiosa, como diz Pierre Antoine Fabre³⁴, foi extinta pelo papa. Os jesuítas fizeram da autorrepresentação e da apologia à sua própria tarefa uma marca reconhecível. Mas essas características da escrita jesuítica constituem, paradoxalmente, uma vantagem para a pesquisa histórica, pois nos deixaram uma riqueza documental verdadeiramente notável.■

jesuíta e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais. Intelectual jesuíta é autor de inúmeras obras fundamentais sobre a religião, a história e o misticismo dos séculos XVI e XVII. O IHU publica regularmente textos sobre de Certeau. Entre eles, *Michel De Certeau, o pensador jesuíta citado pelo papa no seu discurso sobre a liberdade religiosa*, publicada nas Notícias do Dia de 28-9-2015, disponível em <http://bit.ly/2elkzm7>; *Há 30 anos, a morte do jesuíta francês Michel De Certeau, “excitateur de la pensée”*, publicado nas Notícias do Dia de 11-1-2016, disponível em <http://bit.ly/2eciMRY>; e *De Certeau, um “sujeito de inquietação verdadeira”*, publicado nas Notícias do Dia de 12-1-2016, disponível em <http://bit.ly/2e0GBjw>. (Nota da IHU On-Line)

32 **Leyenda dorada**: compilação de histórias hagiográficas reunidas pelo dominicano Santiago (ou Jacobo) do Maelstrom, arcebispo de Gênova, no meio do XIII. Inicialmente intitulado *Legenda Sanctorum* (“Leituras sobre os Santos”), foi um dos livros mais copiados durante o final da Idade Média e ainda hoje existem mais de mil cópias manuscritas. Com a invenção da imprensa, dois séculos depois, sua reputação consolidou-se e, antes do final do século XV, surgiram numerosas edições impressas. O texto original, escrito em latim, recolhe lendas sobre a vida de cerca de 180 santos e mártires cristãos de obras antigas e de grande prestígio: os próprios Evangelhos, os escritos apócrifos de Jerônimo de Estridão, de Cassiano, de Agostinho de Hipona, Gregório de Tours e Vicente de Beauvais, entre outros. Junto com eles, ele apresenta uma explicação baseada nos evangelhos das festividades do calendário litúrgico, bem como uma breve história do cristianismo na Lombardia, que lhe valeu o subtítulo da Lombardia

Historia. (Nota da IHU On-Line)

33 **Leyenda negra**: a lenda negra (cujo título completo é “A lenda negra e a verdade histórica: contribuição para o estudo do conceito de Espanha na Europa, as causas deste conceito e tolerância religiosa e política nos países civilizados”) é um livro de Julián Juderías e Loyot, publicado em Madri em 1914, em espanhol e ilustração americana, em cinco partes distribuídas em janeiro e fevereiro. Foi ampliado e reeditado no mesmo ano, e em 1917 foi publicada uma segunda edição, à qual foi adicionado o capítulo sobre “O Trabalho da Espanha”. Em “The Black Legend”, o conceito da lenda negra é usado pela primeira vez para se referir ao conjunto de propaganda antiespanhola que se espalhou por toda a Europa a partir do século XVI. (Nota da IHU On-Line)

34 **Pierre-Antoine Fabre**: (1957) um historiador das religiões francesas. Seu trabalho se concentrou na história do primeiro século da Companhia de Jesus (1540-1640). Suas publicações dizem respeito ao sistema devocional da Igreja Católica no período das reformas; os escritos espirituais e a produção artística deste mesmo período, a montante e a jusante do Concílio de Trento, ao qual ele acaba de dedicar seu trabalho mais recente; a história das missões de evangelização, a qual ele se interessou pelas atividades de um grupo de pesquisa fundado em 1995 com Bernard Vincent e hoje animado com Charlotte de Castelnau, Maria Lúcia Copete, Juan Carlos Estenssoro, Alyosha Maldavsky, Ines Zupanov. (Nota da IHU On-Line)

29 **Tommaso Cascianelli** (1948): é um bispo católico italiano da Diocese de Irecê. (Nota da IHU On-Line)

30 **Sabina Pavone**: pesquisadora em História Moderna na Faculdade de Patrimônio Cultural de Fermo. Sua pesquisa acadêmica tem sido sobre história religiosa e catolicismo, em particular enfocando os jesuítas. Ela é autora de várias obras importantes, incluindo *I gesuiti. Dalle origini alla soppressione* (2009, posteriormente traduzido para o inglês), que serve como uma história geral dos jesuítas desde as origens da Sociedade até sua primeira repressão. (Nota da IHU On-Line)

31 **Michel de Certeau** (1925-1986): foi um historiador,

II Ciclo de Palestras Trajetória da Política Econômica Brasileira 2013-2017. Crescimento, crise e novas possibilidades

08 de outubro a
06 de novembro de 2018

ihu.unisinos.br

A “hinduização” do cristianismo na experiência missioneira no Oriente

A historiadora Célia Tavares analisa as particularidades e consequências das ações dos jesuítas nas primeiras incursões na Índia e as influências dessas vivências na América

João Vitor Santos

Pouco tempo depois de a Companhia de Jesus se constituir enquanto ordem religiosa, Francisco Xavier partiu no que seria uma das primeiras missões dos jesuítas. Seu destino foi o Oriente, inaugurando a presença da congregação no movimento ibérico de colonização. Entretanto, o que não se imaginava ainda no início dessa jornada é o quanto o cristianismo seria modificado pela ação das culturas locais. “É inegável que a cristianização foi uma inserção da cultura europeia na realidade indiana, especificamente na de Goa. Mas não se deve esquecer que as fronteiras entre as culturas são maleáveis e comportam trocas”, analisa a professora Célia Tavares. “Pode-se observar a “indianização” – ou “hinduização” – de algumas práticas religiosas dos grupos cristãos de Goa. É muito comum a prática de colocar colares de flores nas imagens de santos, especialmente de São Francisco Xavier, reproduzindo uma prática de tratamento dada a deuses hindus”, completa.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Célia também aborda as formas particulares com que os jesuítas conduzem a cristianização na Índia e como isso acaba gerando reações da própria Igreja. Segundo ela, houve um esforço de evangelização “que privilegiava os batismos em massa, colaborava para a frouxidão do conhecimento da doutrina e franqueava a possibilidade de se cometerem herecias”. Isso passou a não ser bem visto. “Sem dúvida houve colaborações entre a Inquisição de Goa e a Companhia de Jesus, mas com certeza muitos dos

conflitos basearam-se numa divergência fundamental em relação à postura do que se entendia ser o ato de cristianizar”, avalia.

A pesquisadora ainda pontua que, embora inspire as missões na América, as obras de jesuítas no Oriente se dão noutro contexto, já que Portugal não tinha interesse em ocupar terras, e sim dominar as rotas comerciais. “Os portugueses nunca promoveram um real esforço de conquista de territórios que não aqueles que consolidariam suas posições. Pode-se dizer o mesmo em relação à cristianização, aliás, associada diretamente à expansão portuguesa”, explica. “Por mais missionários que se dirigissem para o Oriente, a tarefa era hercúlea e fadada a enfrentar enormes obstáculos”.

Célia Cristina da Silva Tavares é formada em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, desde a graduação, passando pelo mestrado e doutorado. Ainda realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP-UERJ e pesquisadora do Núcleo de Estudos Inquisitoriais, no Grupo de Pesquisa Companhia das Índias - Núcleo de História Ibérica e Colonial na Época Moderna. Entre suas publicações, destacamos *Jesuítas e inquisidores em Goa* (Lisboa: Roma Editora, 2004), *Goa: a cidadela cristã no Oriente* (Medellin: Historia y Sociedad, 1994) e *Francisco Xavier e o Colégio de Goa* (Em Aberto, v. 78).

Confira a entrevista.

“É inegável que a cristianização foi uma inserção da cultura europeia na realidade indiana. Mas não se deve esquecer que as fronteiras entre as culturas são maleáveis e comportam trocas”

IHU On-Line – Como a senhora descreve as missões jesuíticas no Oriente? Quais os principais legados e quais foram seus limites?

Célia Tavares – A abrangência territorial e a longa duração das missões jesuíticas no Oriente são impressionantes, mesmo que se tenha em mente que também foram limitadas. Explico. Se recortarmos o período de 1542 a 1759, conseguimos contar um pouco mais do que mil jesuítas que foram para o Oriente sob o Padroado de Portugal¹. A despeito das enormes dificuldades que temos de contar o número de convertidos pelas missões destes padres, sabemos, com certeza, que este número sempre foi infinitamente menor que as populações que existiam em toda a Ásia. O tamanho de seu alcance, mesmo que impressione, deixou um legado muito limitado, se comparado com as crenças religiosas locais. Dizer isso não diminuiu a grandeza do esforço de “missioneiro” jesuíta, apenas reforça a ideia de que foi uma tarefa hercúlea.

Para Serge Gruzinski², as monarquias católicas ibéricas e seus domínios se transformaram no teatro de interações entre o cristianismo, o islã e as “idolatrias”, como eram designados os cultos existentes na América, África

e as grandes religiões asiáticas. O esforço de cristianização, que pode ser entendido como “ocidentalização”, fez com que essas monarquias sustentassem pela primeira vez uma burocracia em escala planetária, cujos principais representantes foram a Companhia de Jesus e a Inquisição. Não obstante, os contatos entre as civilizações produziram uma realidade múltipla, com a mistura de elementos tradicionais das culturas envolvidas num “processo de mestiçagem”, como é definido pelo autor. Diante dessa realidade múltipla, o historiador tem de transformar-se numa espécie de “eletricista” – que Gruzinski e Sanjay Subrahmanyam³ chegam a enunciar sob a forma da expressão “eletricista-historiador” –, capaz de estabelecer as conexões geradas a partir dos contatos de civilizações, de culturas, as chamadas “histórias conectadas”. Um bom exemplo desse processo descrito por Gruzinski pode ser encontrado na experiência de cristianização ocorrida em Goa⁴ durante os séculos XVI e XVII.

Trocas culturais e religiosas

Geralmente destaca-se a originalidade da ocupação de Goa no con-

junto da expansão portuguesa, na medida em que os colonizadores se utilizaram das práticas comerciais e da estrutura da vida rural goesas, embora tenham deixado marcas religiosas católicas muito evidentes nessa sociedade. É inegável que a cristianização foi uma inserção da cultura europeia na realidade indiana, especificamente na de Goa. Mas não se deve esquecer que as fronteiras entre as culturas são maleáveis e comportam trocas. Dessa forma, pode-se observar, em contrapartida, a “indianização” – ou “hinduização” – de algumas práticas religiosas dos grupos cristãos de Goa. É muito comum a prática de colocar colares de flores nas imagens de santos, especialmente de São Francisco Xavier⁵, apóstolo das Índias, reproduzindo uma prática de tratamento dada a deuses hindus.

Por outro lado, símbolos externos da vida cristã podem ser vistos nas casas e aldeias da cidade e adjacências. Em Salcete, os jesuítas conseguiram, com o tempo, que os moradores substituíssem a planta sagrada usada como proteção – *tuläss* – que todo o hindu mantinha na entrada de sua casa, por uma roseira de Santa Catarina ou por um cruzeiro, tornando, assim, fácil a identificação das habitações dos cristãos locais, ao mesmo tempo em que se combatia uma manifestação de “gentilidade”.

¹ **Padroado Português**: foi um acordo instituído entre a Santa Sé e Portugal em que o Papa delegava ao Rei de Portugal o exclusivo da organização e financiamento de todas as atividades religiosas nos domínios e nas terras descobertas por portugueses. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Serge Gruzinski** (1949): historiador francês especializado em questões latino-americanas. Pertencente ao grupo de historiadores que pratica a chamada história das mentalidades. É arquivista, paleógrafo e doutor em História. Seus estudos versam sobre a imagem mestiça e o ingresso na modernidade do México. Nos últimos anos, realiza pesquisas sobre o Brasil e o Império Português. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Sanjay Subrahmanyam** (1961): um historiador indiano, professor de história econômica na cátedra de história indiana na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e professor no Collège de France. Ele defende uma história conectada (a partir da história global) e tem popularizado essa concepção na historiografia nas últimas décadas. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Goa**: é um estado da Índia. Situa-se entre Maharashtra a norte e Karnataka a leste e sul, na costa do Mar da Arábia, a cerca de 400 km ao sul de Bombaim. É o menor dos estados indianos em território e quarto menor em população, e o mais rico em PIB per capita da Índia. A sua língua oficial é o concani, mas ainda existem pessoas neste estado que falam português, devido ao domínio de Portugal na região por mais de 400 anos. Goa, a partir de 1510, foi a capital do Estado Português da Índia, tendo sido integrada à Índia após ser tomada pelo exército indiano em 1961 derrotando as exíguas forças militares portuguesas presentes. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. Leia também *Francisco Xavier: o aventureiro de Deus. Entrevista especial com o jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet*, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2OcQ7Rq>. (Nota da **IHU On-Line**)

Cristãos no Oriente

Outro aspecto comumente ressaltado para indicar o enraizamento da cristianização de Goa é o número de cristãos existentes na região. É verdade que nos séculos XVI e XVII esse número foi sempre crescente, ao basear-se especialmente nas fontes jesuíticas, mas o século XIX oferece um quadro distinto, mesmo que se considerem as diferenças territoriais, uma vez que desde meados do século XVIII os portugueses haviam acrescentado ao território de Goa as terras das Novas Conquistas, cujas populações não sofreram o mesmo esforço evangelizador dos séculos anteriores. Considera-se que o primeiro censo confiável realizado em Goa é o de 1881, quando foi detectado que 58% da população era de cristãos e 42% de hindus. Em 1950, ainda sob o domínio português, outra estatística demonstrou que a população hindu era majoritária, com o índice de 55% dos habitantes, enquanto os cristãos constituíam-se em 42%.

No entanto, mesmo havendo uma tendência demográfica de diminuição de cristãos, esse último censo indicava uma predominância da população cristã na região das Velhas Conquistas, nomeadamente em Salcete, com o índice de 79%. Em 1981, vinte anos após a independência de Goa, as estatísticas indicavam um maior número de hindus, com índice ainda superior ao de 1950, 64%, contra um significativo declínio dos habitantes cristãos, 31%. Não há a informação nesse caso do índice de cristãos nas Velhas Conquistas, mas mesmo esses indicadores gerais revelam uma tendência de diminuição desse número, o que comumente é explicado por uma estagnação do crescimento dessa população derivada, principalmente, de uma dramática migração de goeses cristãos para outras regiões da Índia e do mundo.

IHU On-Line – De que forma a experiência de Francisco Xavier vai “forjando” a ideia, o conceito de missão para a Companhia de Jesus?

Célia Tavares – Basta notar o pequeno lapso de tempo entre a fundação da Companhia de Jesus e a chegada de Xavier em Goa – são dois anos. Mesmo se pensarmos em período mais elástico, desde a formação do núcleo fundador da Companhia de Jesus em torno de Loyola⁶, não chega a um período de 10 anos. Portanto, a experiência de Xavier no Oriente foi elemento fundamental para se forjar o conceito de missão inaciano, mesmo que já possuísse algumas diretrizes gerais. Gosto de exemplificar este raciocínio contando sobre a hesitação que Xavier teve em relação a assumir a direção de um Seminário que estava sendo fundado em Goa, à época de sua chegada.

“A experiência de Xavier no Oriente foi elemento fundamental para se forjar o conceito de missão inaciano”

IHU On-Line – Ainda a partir da experiência de Francisco Xavier, no que a missão da então recém-fundada Companhia de Jesus se distingue das demais ações de religiosos que já vinham sendo desenvolvidas no Oriente?

⁶ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1Bwk2U>. Inácio de Loyola foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

Célia Tavares – Há, atualmente, uma forte polêmica nos meios acadêmicos em torno desta questão. Há cada vez mais trabalhos de historiadores indicando que outras ordens religiosas já faziam procedimentos que depois serão imputados à Companhia de Jesus, especialmente os franciscanos que estavam presentes desde a chegada dos portugueses à Índia. Apesar de concordar com esta visão, creio que não se pode negar que a capacidade organizadora dos jesuítas, especialmente por sua dedicação e disciplina de manter uma intensa correspondência entre as suas missões, criou uma marca muito exclusiva na ação da ordem.

A Companhia de Jesus foi uma das ordens que mais esforços envidou para a missão. É verdade que não agiu de maneira uniforme como costumeiramente são apresentadas as ações dos jesuítas. No meu estudo de doutoramento⁷ foi possível notar que havia modelos diferenciados nos métodos de conversão das populações indianas, causa inclusive de graves embates entre grupos de inacianos. É interessante perceber que, onde a presença portuguesa não era efetiva, a abordagem dos jesuítas tendia mais a um modelo de “orientalização”, a partir do último quartel do século XVI. Nas regiões onde havia o respaldo das autoridades portuguesas houve maior tendência à “ocidentalização”, mesmo que houvesse níveis de flexibilização junto às populações locais; a contraposição dos métodos de conversão utilizados em Salcete e no Maduré comprova essa afirmação.

IHU On-Line – Podemos afirmar que as primeiras missões jesuíticas no Oriente inspiraram as ações da Companhia na América? Por quê?

Célia Tavares – Mais uma vez, a dedicação em promover uma constante circulação de informações através das cartas fez com que as experiências fossem partilhadas e,

⁷ A tese, intitulada *Jesuítas e Inquisidores em Goa: a cristandade insular*, está disponível em <http://bit.ly/2Oi2J9W>. (Nota da **IHU On-Line**)

mesmo diante de etnias tão diferentes em termos culturais, algumas práticas foram repetidas. Por exemplo, a preocupação com a confecção de catecismos nas línguas locais; a preocupação com o aprendizado dessas mesmas línguas; coisas assim distinguem o esforço dos jesuítas nas “quatro partes do mundo”, expressão usada no título de interessante livro de Serge Gruzinski⁸.

Quando se compara o processo de cristianização de Goa com o da América hispânica, especialmente nas regiões onde existiam sociedades organizadas de maneira mais complexa, como eram os casos das civilizações asteca e inca, nota-se que os resultados, tanto do ponto de vista quantitativo como no de enraizamento do cristianismo, são muito diferentes. No caso americano, a cristianização difundiu-se de forma generalizada. Não se está aqui avaliando a mecânica do processo, se há assimilação, aculturação, ou inculturação. Apenas destaco que, nos dias atuais, os países que pertenceram ao domínio espanhol têm na fé católica um elemento de identidade cultural inquestionável. Na América portuguesa e em outras regiões dos domínios americanos pertencentes à Espanha, de maneira diferente, a cristianização também se consolidou, mas graças à própria lógica de colonização, que se baseou na ocupação do território onde viviam esparsas populações indígenas.

Ao referir-se aos contatos entre as civilizações e culturas menos complexas, usando o Brasil como exemplo, Braudel⁹ afirma que: “o português aparece e o índio primitivo retrai-se, cede o seu lugar”. No caso do Oriente,

especificamente no de Goa, a realidade era muito diferente, ou, “tudo se complica e a toada já não é a mesma quando o avanço não é feito sobre o vazio”. Não só as densidades demográficas eram infinitamente maiores na Índia, como se tratava de civilizações muito antigas e profundamente enraizadas. O hinduísmo, como um conjunto de concepções e práticas religiosas que pautavam a vida dos indianos, possuía um complexo sistema de castas que ditava uma organização da sociedade em termos de grupos, e toda sua lógica reforça a totalidade social em detrimento do interesse individual.

Trata-se, portanto, de uma poderosa barreira que dificultava a aproximação das culturas que a expansão portuguesa proporcionava. Na América espanhola, especificamente nas regiões das civilizações asteca e inca, também havia dificuldades de superar as altas densidades populacionais, apesar dos recursos técnicos de defesa serem mais frágeis no caso americano do que no do Oriente. Os esforços de cristianização feitos pelos espanhóis nos seus domínios na América, por outro lado, foram formidáveis. No plano institucional numerosas ordens religiosas instalaram-se desde o início da ocupação territorial, universidades, bispados e arcebispados em toda parte, três tribunais do Santo Ofício¹⁰ em pontos estratégicos do império, todas essas iniciativas serviram para formar uma forte estrutura com o propósito de desenvolver a evangelização.

Conquista espiritual

Campanhas como “conquista espiritual” e “extirpação de idolatrias” foram modos essenciais da presença espanhola na América, sobretudo nos dois primeiros séculos. Mas tudo isso só se tornou possível, evidentemente, em razão de ter ocorrido uma efetiva conquista territorial,

militar e política do mundo indo-americano. Partindo do exemplo espanhol e para além das características da sociedade hindu já ressaltadas, deve-se buscar na própria estrutura do Estado da Índia explicações sobre os limites da cristianização que ali teve lugar.

O Império português no Oriente estava montado como uma rede e tinha como principal ambição o controle da circulação de mercadorias. Os portugueses nunca promoveram um real esforço de conquista de territórios que não aqueles que consolidariam suas posições. A tarefa provavelmente estaria além das capacidades da Coroa portuguesa. Pode-se dizer o mesmo em relação à cristianização, aliás, associada diretamente à expansão portuguesa. Por mais missionários que se dirigissem para o Oriente, fossem jesuítas, franciscanos, agostinianos, dominicanos ou religiosos da Propaganda Fide¹¹, a tarefa era hercúlea e fadada a enfrentar enormes obstáculos, que se não eram totalmente intransponíveis, mesmo depois de ultrapassados, alcançavam resultados modestos.

“A marca da cristianização de Goa está no seu caráter insular, confinado, posto sob cerco”

IHU On-Line – Como se deu o processo de cristianização no Oriente e em que medida esse processo foi capaz de promover

8 GRUZINSKI, Serge. *As Quatro Partes do Mundo. História de Uma Mundialização*. São Paulo: EDUSP, 2014. (Nota da IHU On-Line)

9 **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês que foi um dos mais importantes representantes da chamada “escola dos Annales”. A sua reputação decorre em parte dos seus escritos, mas principalmente de seu sucesso em fazer da escola dos Annales o mais importante motor da pesquisa histórica em França, e em grande parte do mundo, após a década de 1950. Como principal líder da escola historiográfica dos Annales nas décadas de 1950 e 1960, exerceu enorme influência na escrita da História na França e em outros países a partir de então. Braudel tem sido considerado um dos maiores dos historiadores modernos que têm enfatizado o papel dos fatores socioeconômicos em grande escala na pesquisa e escrita da História. Ele também pode ser considerado como um dos precursores da teoria dos sistemas-mundo. (Nota da IHU On-Line)

10 **Congregação para a Doutrina da Fé**: a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da IHU On-Line)

11 **Congregação para a Evangelização dos Povos** (Congregatio pro Gentium Evangelizatione): é um dicastério da Cúria Romana, ocupa-se das questões referentes à propagação da fé católica no mundo inteiro. Está sediada no Palazzo di Propaganda Fide, na Piazza di Spagna, em Roma. (Nota da IHU On-Line)

a enculturação da fé, sem dizer a cultura originária?

Célia Tavares – Não costumo usar o conceito de enculturação. Dou preferência para o conceito de mediação cultural. A cristianização no Oriente foi um processo extremamente complexo e nunca conseguiu se impor completamente. Ao contrário do que aconteceu na América Portuguesa, o confronto entre culturas não resultou em sufocamento das culturas originárias. É importante notar que o processo de cristianização no Oriente, na época moderna, ou na primeira modernidade, como queria chamar, foi sempre pontual e residual diante das manifestações locais. Gosto de usar a imagem de uma cristandade sitiada, muito associada ao esforço de colonização europeu.

“Por mais missionários que se dirigissem para o Oriente, a tarefa era hercúlea e fadada a enfrentar enormes obstáculos”

IHU On-Line – Que transformações o catolicismo sofreu a partir da experiência de jesuítas em Goa? Gostaria que a senhora destacasse, também, as particularidades do Tribunal da Inquisição no Oriente.

Célia Tavares – O conceito de mediação cultural também é bem útil para pensar esse tipo de movi-

mento. Muitas práticas católicas sofreram alterações. Um bom exemplo pode ser dado pela suspensão do uso da saliva no batismo, pois causava grande repugnância entre os hindus. Mas essas adaptações não devem ser entendidas como “transformações”. No difícil processo de mediação cultural que muitos jesuítas tentaram promover no Oriente, muitas vezes houve flexibilização de ritos e práticas que foram entendidos como ameaças à ortodoxia da fé católica e foi neste ponto que o Tribunal da Inquisição no Oriente se desenvolveu.

É importante entender que a cristianização não estava apenas a cargo dos jesuítas ou de outras ordens religiosas. A Inquisição também desempenhava seu papel nessa ação. Como tribunal que julgava as questões de fé, mas atrelado à Coroa portuguesa, o Tribunal do Santo Ofício de Goa tornou-se o mais poderoso instrumento no processo de “ocidentalização” da sociedade goesa. O esforço foi grande, a tal ponto que promoveu a alteração do alvo tradicional desse tribunal: a perseguição aos cristãos-novos.

A partir dos finais do século XVI a preocupação com as gentilidades ocupou o centro das atenções dos inquisidores. Mesmo com a recorrente recomendação de brandura em relação aos neófitos, a própria natureza das conversões feitas em Goa servia de material quase inesgotável para a ação persecutória inquisitorial. Nesse aspecto, chega-se a uma importante contradição: o enorme esforço de evangelização feito principalmente pelos jesuítas, que privilegiava os batismos em massa, colaborava para a frouxidão do conhecimento da doutrina e franqueava a possibilidade de se cometerem heresias, retroalimentando o próprio alvo da Inquisição oriental.

Além disso, os batismos em massa eram interessantes também pelas próprias características do sistema de castas, pois a conversão em grupo facilitava a inserção social desses novos cristãos, que assim perpetuavam um elemento fundamental da cultura hindu, constituindo-se em

forte elemento de “indianização” ou “hinduização” do catolicismo. Sem dúvida houve colaborações entre a Inquisição de Goa e a Companhia de Jesus, mas com certeza muitos dos conflitos basearam-se numa divergência fundamental em relação à postura do que se entendia ser o ato de cristianizar.

Particularidades da inquisição oriental

Mesmo com variações, pode-se dizer que, de maneira geral, os jesuítas tendiam a uma postura de flexibilização de determinadas práticas culturais, desde que elas fossem consideradas apenas manifestações exteriores de identidade política ou social, o que era aceitável dentro do espírito de adaptação paulina. Em contrapartida, os inquisidores pautavam-se pela ortodoxia, e mesmo que tenham ficado perplexos diante da complexa realidade indiana, logo procuraram os padrões usuais de perseguição e de ação na conduta social dos indianos cristãos recém-convertidos.

Essa tarefa mostrou-se também extraordinária, pois num mundo onde as fronteiras eram extremamente flexíveis, maleáveis, porosas, aumentar-se a pressão poderia resultar em esforço perdido, como fica evidente quando se constata a migração de goeses para outras regiões da Índia, fugindo da legislação feita pelos vice-reis ou do aumento da atuação da Inquisição de Goa, o que ameaçava seus interesses e seu estilo de vida. Deve-se ainda aqui dimensionar melhor a atuação do Tribunal goês. Há a necessidade de fazer-se um ajuste no olhar sobre sua ação, a modo de evitar a tradição de “lenda negra” que a envolve.

Não há como negar que foi o tribunal de fé mais ativo dos que existiram na Coroa portuguesa. Mas com certeza era também a realidade mais complexa com a qual um tribunal da Inquisição já se havia confrontado, o que pode ser verificado no número de processados registrados. Mas é importante notar que os níveis percentuais dos relaxados ao braço

secular não fugiam das médias históricas dos tribunais inquisitoriais lusitanos, até onde foi possível constatar a partir dos dados fragmentários que sobreviveram à destruição da documentação do tribunal goês.

IHU On-Line – Atualmente, a senhora tem trabalhado com escritos de jesuítas no Oriente e na América. O que as primeiras cartas de jesuítas que chegam à Índia revelam? A partir desses relatos, o que podemos inferir acerca da visão sobre o outro, de uma cultura e um mundo diferente do seu?

Célia Tavares – Era comum que os jesuítas, depois de passarem longo tempo em viagem – em geral, de Lisboa a Goa, podia demorar seis meses ou mais –, escreviam uma carta ou para seus irmãos ou superiores que ficaram na Europa. O mais interessante nesses relatos é o choque que os jesuítas sofriam com as cores, os cheiros e o barulho da importante cidade de Goa. A variedade cultural era muito destacada nessas cartas, para além da força da própria natureza.

IHU On-Line – E sobre as cartas dos primeiros jesuítas na América, o que mais chama atenção?

Célia Tavares – De uma maneira geral, o deslumbramento era muito semelhante, especialmente com aspectos naturais.

IHU On-Line – A experiência dos jesuítas no Oriente e no Novo Mundo foram cruciais para as ações de um catolicismo que adentrava na Modernidade. Hoje, como compreender o papel geopolítico da Igreja na Pós-Modernidade? E como a Companhia de Jesus e suas missões se inserem nesse contexto?

Célia Tavares – Atualmente, muitos historiadores estão trabalhando o conceito de “primeira globalização” para explicar a expansão marítima europeia e, a partir deste raciocínio, pensam a Companhia de Jesus como uma “empresa globalizada”, ou como a principal integrante de um “conglomerado globalizado” que seria a Igreja Católica. Utilizar estes conceitos aproxima reflexões sobre as questões da Pós-Modernidade e traça um importante quadro para se pensar a Mundialização. É uma tendência muito atual da historiografia.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Célia Tavares – Apenas destacar que a marca da cristianização de Goa está no seu caráter insular, confinado, posto sob cerco, pois em torno da cidadela cristã, capital do Estado da Índia, da considerada Roma do Oriente, existiam multidões que não compartilhavam a fé católica com os portugueses, e que por isso eram consideradas inimigas e uma ameaça à cristandade. Mas essa ilha de cristãos em que Goa havia se transformado também convivía, dentro de suas defesas, com a presença desse universo de diferenças religiosas que promovia contraditoriamente a orientalização dos cristãos que viviam na cidade.

As fronteiras existiam nos limites físicos do domínio português na Índia, mas também havia fronteiras dentro da cidade de Goa e, por suas características intercambiáveis, foi possível promover uma rica circulação de padrões culturais nesse espaço. Portanto, a originalidade da cristianização de Goa repousa em três elementos que se antagonizaram, mas que também promoveram uma síntese singular: a ocidentalização dos hindus, a orientalização ou indianização dos portugueses e a insularidade do catolicismo goês, finisterra da cristandade lusitana.■

08 de novembro de 2018 | quinta-feira

4º Ciclo de Estudos – A reinvenção da política no Brasil contemporâneo.

Limites e perspectivas

A (nova) biossocialidade brasileira no cenário pós-eleitoral. Limites e Perspectivas

Prof. Dr. Orlando Fernandes Calheiros Costa – PUC-Rio

11h às 12h35min – Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br/eventos



A história natural e da ciência como valor missionário

Miguel de Asúa analisa como a troca de saberes sobre práticas médicas, uso de ervas e conhecimento de flora e fauna se configura com um outro ponto de conexão e aproximação entre jesuítas e povos indígenas

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

A experiência de missão para os jesuítas pode ser compreendida através dos movimentos de aproximação com os povos indígenas. Uma das faces dessas aproximações se dá na troca de informações entre índios e religiosos europeus no que diz respeito ao uso de plantas para fins medicinais e até mesmo para conhecer esse Novo Mundo. O historiador Miguel de Asúa explica que os jesuítas tinham uma certa liberdade, através da qual deveriam agir com seu propósito de evangelização. É por isso que muitos vão desenvolver o que podemos chamar de projetos científicos. “Acredito que o ponto mais significativo do projeto jesuíta, que implicitamente começa com a *História Natural e Moral das Índias* de José Acosta é ter que dar conta de um universo totalmente novo, de um ‘Novo Mundo’, com sua imensa geografia, seus povos, seus animais e plantas nunca antes vistos”, analisa. “A história natural dos jesuítas tinha um valor missionário”, ou seja, para evangelizar era preciso conhecer e esse conhecimento vinha da troca desses saberes.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Asúa observa como essas trocas vão transformando tanto jesuítas quanto indígenas. Quando chegam na América, boticários e enfermeiros jesuítas trazem um conhecimento europeu de tratamentos medicinais de base herbórea. Assim, é natural que passem a aderir a práticas indígenas no uso de novas ervas. “No entanto, é preciso ter cuidado em não criar uma imagem ‘romântica’, não pensar que os jesuítas recebiam de braços abertos o saber curativo indígena: em muitos casos havia desconfiança, já que estava vinculado a práticas mágico-religiosas que os padres viam como ‘diabólicas’”, ressal-

va. “Vale pensar sobre o que aconteceria se missionários cristãos do futuro chegassem a um planeta habitado por diversas criaturas e civilizações, e tivessem que falar sobre isso, contar como são as coisas para o povo da Terra. Bom, esse ‘falar de’, esse discurso, que em grande medida estava relacionado com o mundo *natural* é o que os jesuítas criaram: uma nova forma de falar sobre algo não visto”, explica.

Asúa reconhece que o caráter global de troca de saberes que a Companhia de Jesus vai empregar acaba revelando uma espécie de conexão completamente nova à época. “Poderíamos dizer que os jesuítas foram os pioneiros de tudo isso, da mesma forma que inauguraram uma forma de conceber o mundo como unidade na diversidade, algo que nos é acessível atualmente, mas em uma chave secular”, resume.

Miguel de Asúa possui doutorado em Medicina pela Universidade de Buenos Aires, mestrado em História e Filosofia da Ciência e doutorado em História pela Universidade de Notre Dame. Membro do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Conicet, da Argentina, é professor de História do Instituto de Pesquisa de Ciências e Engenharia Ambiental na Universidade de San Martín e professor de filosofia no Colégio Máximo de San Miguel. Entre suas publicações, destacamos *Ciencia y literatura* (Eudeba, 2004), *A New World of Animals: Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America* (Routledge, 2005), *Los juegos de Minerva* (Eudeba, 2007) e *La ciencia de Mayo* (Fondo de Cultura Económica, 2010).

Confira a entrevista.

“As missões funcionaram como uma estrutura global”

IHU On-Line – Em que consistia a prática científica, isto é, “o fazer ciência”, no século XVI? Quais eram os critérios que delimitavam a prática científica?

Miguel de Asúa – No século XVI, os critérios eram muito diferentes dos atuais. Na época do Renascimento, havia uma combinação entre ciência antiga-medieval (basicamente, fundada pelos escritos de Aristóteles¹), a magia e o conhecimento oculto, a nova ciência, e o mecanismo que recém estava surgindo. Tomemos como referência dois livros fundamentais que foram publicados no ano-chave de 1543, que às vezes são utilizados para demarcar o começo da Revolução Científica: o de anatomia de Andrea Vesalius² (*De humani corporis fabrica*)³ e o de cosmologia e astronomia de Copérnico⁴, com o Sol como centro do

universo (*De revolutionibus orbium coelestium*⁵). Ambos foram “revolucionários” de uma maneira muito incompleta – eu as chamo de “revoluções conservadoras”, porque muitas das coisas antigas se mantiveram.

IHU On-Line – E, atualmente, o que é a prática científica, o que delimita o “fazer ciência”?

Miguel de Asúa – Quando começo os cursos rápidos de Filosofia da Ciência, que às vezes ministro para estudantes de ciências, sempre pergunto a mesma coisa. Creio que a resposta mais lógica a esta pergunta seria: “ciência é o que fazem as pessoas que se dedicam à ciência”. Isto parece uma banalidade, mas não é.

É melhor fundamentarmos bem nossa definição sobre a realidade. Se tomarmos uma revista líder, como a *Science*⁶ ou a *Nature*⁷, e buscarmos entre todas as coisas que foram pu-

blicadas ali o que houver de comum entre os artigos, será muito difícil encontrar um denominador mínimo comum (e isso que estamos deixando de fora as ciências exatas – aqui estou considerando “ciência” como as ciências empíricas naturais). O que há de comum entre a Física do estado sólido e a Ecologia das zonas úmidas? Ou entre a Cosmologia Quântica e a Farmacologia dos Receptores de Membrana? De qualquer forma, tudo isso é muito diferente da jovem ciência da Idade Moderna. Por isso, quando falamos de “ciência” nos séculos XVI, XVII ou XVIII, estamos falando, em sentido análogo, de algo que é em parte igual e em parte diferente do que é feito atualmente.

IHU On-Line – De que forma, na experiência das missões jesuítas, podemos compreender a articulação entre saberes científicos globais e culturas locais, tomando como referência a América Colonial do século XVI?

Miguel de Asúa – As missões funcionaram como uma estrutura global. Agora, todos falamos de “globalização” e este não é um conceito fácil de entender. Isso quer dizer que eles levaram um padrão comum de pensamento e ação para todos os lugares. Esse padrão, como já é conhecido, era por sua vez estruturado e flexível, e por isso obteve sucesso.

Em relação ao nosso tema, o aspecto “estruturado” correspondia à “ciência” contemporânea europeia (coloco-a entre aspas para enfatizar que está pouco relacionada com o que entendemos como tal, como já

1 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Andreas Vesalius** (1514-1564): por vezes referido na literatura portuguesa como André Vesálio, foi um médico belga, considerado o “pai da anatomia moderna”. Foi o autor da publicação *De Humani Corporis Fabrica*, um atlas de anatomia publicado em 1543. (Nota da **IHU On-Line**)

3 *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem*: livro de anatomia humana, escrito por Andreas Vesalius em 1543. Considerado um dos mais influentes livros científicos de todos os tempos, *De Humanis Corporis Fabrica* é conhecido sobretudo por suas ilustrações, algumas das mais perfeitas xilogravuras jamais realizadas. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Nicolau Copérnico** (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica – o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu, de 3-8 a

16-11-2005, o ciclo de estudos *Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 *De revolutionibus orbium coelestium*: é o nome original em latim do livro *Das revoluções das esferas celestes*, do astrônomo polonês Nikolaus Kopernik, mais conhecido pelo nome latinizado Nicolau Copérnico, publicado em 24 de maio de 1543 em Nuremberg. É uma das obras mais importantes do período do Renascimento e um marco da Revolução Científica. A publicação ocorreu durante o ano de sua morte, 1543. Apesar disso, ele já havia desenvolvido sua teoria algumas décadas antes. (Nota da **IHU On-Line**)

6 *Science*: também amplamente referida como *Science Magazine*, é uma revista científica publicada pela Associação Americana para o Avanço da Ciência (em inglês: American Association for the Advancement of Science - AAAS), considerada, ao lado da *Nature*, uma das revistas acadêmicas mais prestigiadas do mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

7 *Nature*: é uma revista científica interdisciplinar britânica, publicada pela primeira vez em 4 de novembro de 1869. Foi classificada como a revista científica mais citada do mundo pela edição de 2010 do *Journal Citation Reports*, sendo amplamente considerada como uma das poucas revistas acadêmicas remanescentes que publica pesquisas originais em uma ampla gama de campos científicos. (Nota da **IHU On-Line**)

foi dito na pergunta anterior). A flexibilidade estava na adaptabilidade, na receptividade ao conhecimento local. Isto sucedia o aspecto científico como qualquer outro, a arte ou a política (as formas de governo). Os jesuítas não distinguiram muito o que hoje consideramos áreas separadas. A cultura renascentista ou barroca era muito mais integrada nesse sentido.

IHU On-Line – Como os contatos com os povos indígenas da América impactaram os saberes científicos da Companhia de Jesus? E em que medida a cultura indígena também se transformou a partir desse contato?

Miguel de Asúa – Acredito que o ponto mais significativo do projeto jesuíta, que implicitamente começa com a *História Natural e Moral das Índias*⁸ de José Acosta⁹, é ter que dar conta de um universo totalmente novo, de um “Novo Mundo”, com sua imensa geografia, seus povos, seus animais e plantas nunca antes vistos. Tudo isso em termos de evangelização. Apesar do anacronismo histórico, vale pensar sobre o que aconteceria se missionários cristãos do futuro chegassem a um planeta habitado por diversas criaturas e civilizações, e tivessem que falar sobre isso, contar como são as coisas para o povo da Terra. Bom, esse “falar de”, esse discurso, que em grande medida estava relacionado com o mundo *natural* (ainda que também teve um aspecto histórico e *cultural*, que é a outra metade deste discurso) é o que os jesuítas criaram: uma nova forma de falar sobre algo não visto.

⁸ *História Natural e Moral das Índias*: trabalho do jesuíta José de Acosta, publicado pela primeira vez em latim sob o título *De natvra nobi orbis libri duo, e prompeltione evangelii apud barbaros sive de provcranda indorvm salvtie, libri sex* no ano de 1589 em Salamanca por Guillermo Foul. É composto de sete livros, que podem ser divididos entre aqueles dedicados à natureza e à moralidade. Em relação à natureza, ela é encontrada nos livros I a IV, nos quais trata de tópicos cosmográficos, biológicos, botânicos e geográficos. O relativo à moral inclui nos livros V ao VII, no qual se trata de assuntos religiosos, políticos e históricos, porque no último livro narra a história antiga dos mexicanos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **José de Acosta** (1539-1600): jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Na América, Acosta fundou várias faculdades, entre elas as de Arequipa, Potosí, Chuquisaca, Panamá e La Paz, mas enfrentou considerável oposição do vice-rei Toledo. Seus deveres oficiais obrigavam-no a investigar pessoalmente um território muito extenso, de modo que adquirisse um conhecimento prático da vasta província e de seus habitantes indígenas. (Nota da **IHU On-Line**)

Isso não dependia das culturas locais. O que aconteceu é que logicamente houve um processo de aculturação, no qual as culturas nativas incorporaram muitas técnicas. A erva-mate, a base da economia das missões, é o exemplo mais chamativo: os jesuítas descobriram a maneira de cultivá-la e isso transformou profundamente a sociedade guarani (e a relação desta com seu meio ambiente, que não é pouco), porque permitiu outro tipo de exploração e também uma maior produtividade do que a que tinham quando colhiam a planta em estado silvestre.

IHU On-Line – No que consistia a cultura científica na região do Rio da Prata entre o final do século XVIII e início do século XIX? Qual o papel dos jesuítas nesse contexto?

Miguel de Asúa – Enquanto os jesuítas estavam lá, até 1767, o ano da expulsão, é legítimo dizer que, em grande medida, a cultura esteve em suas mãos – o padre Guillermo Furlong S. J.¹⁰ exagerou a respeito da importância dos jesuítas, certamente, mas não de maneira demasiada! Havia lá outras ordens e congregações, mas é certo que os jesuítas tiveram o papel mais relevante. Isso aconteceu em duas áreas que nem sempre se distinguem: por um lado, as universidades, que eram em grande parte tradicionais e conservadoras; por outro lado, as missões, essa sociedade de fronteira, na qual havia a possibilidade de experimentar, havia mais liberdade de pensamento e de ação, pois, diante da experiência da missão, estavam surgindo todas as categorias escolásticas – para qualquer pessoa que tenha visitado a selva, por mais que tenha sido como turista, não é difícil entender isto.

Com a expulsão dos jesuítas, os franciscanos tomam sua posição no Rio da Prata, mas também come-

ça a aparecer, a ganhar destaque, a chamada “ilustração católica” ou ibero-americana, que foi uma ilustração eclética, na qual buscou-se negociar entre conteúdos antigos e novos. Nesse sentido, penso (há outros colegas que enxergam as coisas de maneira diferente) que os jesuítas aqui foram basicamente barrocos e a abertura entre eles para essa ilustração foi muito tímida ou polêmica.

IHU On-Line – Quais as contribuições de indígenas para a constituição dessa cultura médica e científica no Rio da Prata?

Miguel de Asúa – É justamente essa região onde se verificou a transferência mais forte dos conhecimentos locais sobre a natureza para a cultura letrada europeia. É natural que os boticários e enfermeiros jesuítas tivessem recorrido ao saber local como medicina botânica. É preciso levar em consideração que a medicina europeia, de raiz galênica, era também basicamente herbórea, de maneira que havia certa continuidade enquanto prática. A professora Eliane Deckmann Fleck¹¹, da Unisinos, investigou e descobriu manuscritos farmacológicos que dependiam em grande parte do uso guarani das plantas, com uma “racionalização” europeia – isso fica notório no tratado do irmão Pedro Montenegro¹², que foi o mais importante deles.

No entanto, é preciso ter cuidado em não criar uma imagem “romântica”, não pensar que os jesuítas recebiam de braços abertos o saber

¹¹ **Eliane Deckmann Fleck**: professora titular da Unisinos, vinculada ao Curso de Graduação em História e ao Programa de Pós-Graduação em História. Possui graduação em História pela Unisinos, mestrado em História pela mesma universidade e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Integra a Linha de Pesquisa Sociedades Indígenas, Cultura e Memória do PPGH-Unisinos, desenvolvendo investigações que contemplam a História da América, a História Latino-Americana e a História do Brasil, privilegiando temas relacionados à História da Saúde e das Doenças, à História das Ciências e à História das Religiões e das Religiosidades. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Pedro Montenegro**: nascido na Espanha, em 1663, ele atuou no Hospital Geral de Madri, onde realizou sua formação técnica. Anos mais tarde, imigrou para a América, onde, em 1691, ingressou na Companhia de Jesus, mas continuou exercendo seu ofício, tanto em Córdoba, quanto nas missões de Apóstoles e Mártires, onde faleceu em 1728. Ao irmão jesuíta Montenegro é atribuída a autoria da *Materia Médica Misionera*, de 1710, considerado um dos principais tratados de botânica médica do período colonial. (Nota da **IHU On-Line**)

curativo indígena: em muitos casos havia desconfiança, já que estava vinculado a práticas mágico-religiosas que os padres viam como “diabólicas” e, além disso, estes eram muito firmes na farmacêutica europeia: nas missões usavam-se drogas locais como substitutos, mas havia uma preferência pelas europeias, que já eram conhecidas (tudo isso é lógico e humano: uma pessoa prefere o que já conhece e traz consigo, e, pouco a pouco, vai descobrindo outras coisas, o que há de novo e em algum caso poderia ser melhor, situação que também acontecia).

IHU On-Line – Como se dava a atividade científica nas reduções jesuíticas?

Miguel de Asúa – Eram os jesuítas aqueles que, individualmente, faziam coisas pelas quais sentiam vocação. Mas é preciso tomar cuidado para não exagerar as coisas: alguns jesuítas dedicavam-se a isto e sempre, *sempre*, dentro do âmbito da atividade missionária. É uma tradição que está viva na Companhia de Jesus e que é possível percebê-la ainda hoje: cada jesuíta segue sua vocação, mas dentro do estilo espiritual e de evangelização que enxerga todas as coisas em Deus. O que era escrito tinha, direta ou indiretamente, significado missionário, seja por si só ou para contribuir com o funcionamento cotidiano das missões (como por exemplo, a medicina e a farmácia, mas também a astronomia e a geografia, que eram eminentemente práticas, para orientar e determinar as coordenadas dos povos das missões).

IHU On-Line – A Companhia de Jesus também assume um protagonismo na organização das histórias naturais do Novo Mundo. Qual a importância desses trabalhos, especialmente de cronistas e viajantes jesuítas, para o campo das ciências naturais? No que o trabalho desses religiosos se difere das práticas de outros cronistas e viajantes?

Miguel de Asúa – A história natural dos jesuítas, como assinalamos antes, tinha um valor missionário. Um renomado arqueólogo argentino, já falecido, “Pepe” Pérez Gollán¹³, uma vez me disse que ele pensava que as histórias naturais dos jesuítas eram semelhantes a *field guides* (guias de campo) para os futuros missionários, textos que permitiram conhecer a geografia, flora, fauna e os povos entre os quais teriam de viver. Acredito que, em grande medida, isso aconteceu assim. Não são escritos “científicos” para os parâmetros do século XVIII – a história natural desse século era a de Lineu e Buffon¹⁴, e os jesuítas de nossas regiões não a usavam, e ainda mais, *não queriam usá-la*. Alguns deles, inclusive, afirmam que o que eles fizeram *não é* história natural, mas um relato em linguagem cotidiana acerca das plantas que trouxeram e dos idiomas que conheceram.

A questão da linguagem é algo fundamental, porque o registro das criaturas está relacionado com o aprendizado dos idiomas: os nomes de plantas e animais fazem parte de dicionários de línguas nativas, léxicos que deviam aprender para evangelizar. Novamente, tudo termina confluindo na tarefa da missão. Um reconhecido especialista em ciência jesuítica, Mordechai Feingold¹⁵, argumentou que houve jesuítas que cultivaram as ciências por si próprias, sem fins religiosos. Pode ser, mas em todo caso, isso não transcor-

reu no Novo Mundo, nem nas missões, mas na Europa.

IHU On-Line – De que forma os manuscritos de “matéria médica” dos jesuítas, atravessados pelos saberes das culturas originárias da América, impactam o campo da ciência médica da Europa dos séculos XVIII e XIX?

Miguel de Asúa – Não tiveram muito impacto. Os herbários jesuítas das missões não foram publicados na Europa, mas circularam como manuscritos. No entanto, havia exportação de drogas. A principal, o caso mais famoso, foi a quinina¹⁶, descoberta no povoado de Loja (Equador), que foi uma das primeiras com utilização específica (ou seja, medicamentos efetivos contra a causa de uma doença).

Os jesuítas montaram um comércio muito grande com a quinina e com outras drogas – por exemplo, a partir do Rio da Prata, exportava-se o *aguaribay*¹⁷. Mas também eram importadas muitas drogas que, no que compete aos jesuítas que dependiam da Espanha (o caso do Brasil é diferente, obviamente), tinham que seguir a rota do Pacífico e esses medicamentos eram caríssimos. Daí surgiu a necessidade de buscar substitutos locais. Isso acontecia também em todas as regiões de missão, na América no Norte (atual Canadá), na Índia e no distante Oriente.

IHU On-Line – Os processos de independência da América impactaram de alguma forma as atividades científicas desenvolvidas nas reduções jesuítas?

13 **José Antonio Pérez Gollán** (1937-2014): nascido em Córdoba, após o ensino secundário na escola Montserrat e uma breve passagem pela Faculdade de Arquitectura, formou-se em História em 1967 com uma monografia e delineou seu forte interesse em arqueologia: padrões de assentamento no noroeste da Argentina. Dez anos depois, realizou doutorado na Universidade Nacional de Córdoba com outro assunto de arqueologia, a cerâmica do local de Ciénaga Grande em Jujuy. Discípulo de outro pesquisador reconhecido, Alberto Rex González, realizou uma extensa pesquisa sobre a arqueologia do noroeste da Argentina e escreveu numerosos artigos e um livro que foi difundido no país, *Argentina indígena. Vísperas de la conquista* (1972). (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon** (1707-1788): foi um naturalista, matemático e escritor francês. As suas teorias influenciaram duas gerações de naturalistas, entre os quais se contam Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. A localidade de Buffon, na Côte-d’Or, foi o senhorio da família Leclerc. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Mordechai Feingold**: historiador, trabalha com História da Ciência, desde a Renascença até o século XVIII. Sua pesquisa se concentra em como a ascensão da ciência moderna transformou a cultura ocidental de uma cultura humanista, religiosa e unificada durante o século XVI em uma científica, tecnológica, secular e fragmentada no século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Quinina**: é um alcaloide de gosto amargo que tem funções antitérmicas, antimaláricas e analgésicas. É um estereoisômero da quinidina. O sulfato de quinina é o quinino. É extraída da quina que, por sua vez, é extraída da Cinchona, uma planta família Rubiaceae com aproximadamente 40 espécies. São arbustos de folhagem persistente naturais da região tropical da América do Sul que crescem entre 5 e 15m de altura. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Agauribay**: é uma árvore da família Anacardiáceas, do gênero conhecido como molles ou pimenteiros. É nativa da América do Sul, onde cresce selvagem no centro e norte da República Argentina, da província de Córdoba a Jujuy. Devido ao seu valor ornamental, foi introduzido em áreas temperadas e quentes em todo o mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

Miguel de Asúa – No tempo da independência, a partir da segunda metade do século XIX, os jesuítas já haviam sido expulsos há 40 anos e as reduções seguiram seu caminho histórico sem elas. Eu não estudei esse período. Outros colegas, como o renomado Ernesto Maeder¹⁸, que lamentavelmente faleceu há pouco, ou a historiadora estadunidense Julia

18 **Ernesto Maeder**: historiador argentino, falecido em 2015. Foi membro do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Conicet, da Argentina, e da Academia Nacional de História. É designado acadêmico correspondente na Província do Chaco pela Academia Nacional de Educação, membro titular da Junta de Estudos Históricos do Chaco, presidente do Comitê Argentino de Ciências Históricas (2002-2005), e integrante da Comissão Assessora em Ciência e Tecnologia da Secretaria Geral de Ciência e Técnica da Universidade Nacional do Nordeste - UNNE. Concentrou sua atenção nas missões jesuíticas do período colonial, particularmente as da costa do Paraná e do Grande Chaco. (Nota da **IHU On-Line**)

Sarreal¹⁹, ocuparam-se disso.

IHU On-Line – Como a experiência da relação entre jesuítas e indígenas pode inspirar novos caminhos para o desenvolvimento das ciências médicas e naturais no nosso tempo?

Miguel de Asúa – A experiência jesuítica nas missões foi resultado de uma encruzilhada histórica particular. Resta delas um espírito de abertura, de curiosidade e de busca para

19 **Julia Sarreal**: é uma historiadora, ligada a Arizona State University, cujo trabalho se concentra na região do Rio de la Plata da América do Sul. Seu primeiro livro, *Guaraní and Their Missions: A Socioeconomic History* (Stanford University Press, 2014) integra análises quantitativas e qualitativas para esclarecer as experiências dos índios guaranis que residem em missões católicas durante o século XVIII. De enfoque socioeconômico, seu trabalho adota uma nova abordagem da etno-história. (Nota da **IHU On-Line**)

entender o que, à primeira vista, parece incompreensível. Em áreas mais específicas, é crescente o interesse da indústria farmacológica (uma das maiores do mundo) para investigar a matéria médica local e encontrar drogas úteis. Nesse sentido, poderíamos dizer que os jesuítas foram os pioneiros de tudo isso, da mesma forma que inauguraram uma forma de conceber o mundo como unidade na diversidade, algo que nos é acessível atualmente, mas em uma chave secular. Por isso, não é sempre fácil traçar paralelos históricos: os jesuítas sempre pensaram pela perspectiva do divino e a cultura global contemporânea corre em grande medida por caminhos de negação do sagrado ou por suas formas não cristãs.■

4º Ciclo de Estudos
**A reinvenção da política
 no Brasil contemporâneo**
Limites e perspectivas

8 de novembro de 2018 (quinta-feira)

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Junior – UENF
 Prof. Dr. Orlando Fernandes Calheiros Costa – PUCRio
 MS Henrique Costa

Mais informações e inscrições em
ihu.unisinos.br/eventos



Da mistura de dois mundos, emerge a arquitetura missioneira

Norberto Levinton analisa como as edificações e organizações espaciais das missões revelam mais do que uma supremacia de um povo sobre outro

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

Quando se visitam ruínas de reduções jesuíticas, tem-se a impressão de que tudo aquilo foi erguido pelo trabalho forçado de indígenas que tinham sua alma cooptada pelos religiosos. De fato, a relação mudou a forma de vida originária. “O contato com o europeu significou para o índio muito mais perdas do que ganhos. Eles tiveram que renunciar a muitos de seus valores culturais devido à incompreensão dos religiosos”, aponta o arquiteto e historiador Norberto Levinton. “A principal característica da arquitetura missioneira é ser uma arquitetura de composição”, destaca. Em seu trabalho, observa nas organizações e edificações do espaço de missão essa fusão cultural. “Nos referimos a uma arquitetura tipológica porque trabalha com esquemas prévios em planta, mas de grande flexibilidade e adaptação, o que permitiu incorporar elementos das culturas indígenas e até mesmo da grande diversidade de linguagens arquitetônicas das regiões europeias”, explica.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Levinton evidencia como o indígena traz elementos de sua cultura originária ao projeto que vai sendo concebido na missão. “O mais importante foi o fato de que o indígena de língua guarani impôs sua concepção

de espaço para a habitação familiar única, restrita pela concepção dos jesuítas europeus em termos da separação das famílias do cacicado por meio de uma parede fina que, antes, a *oga guasu* macro-familiar não tinha. A igreja, a *tuparoga*, como casa de Deus, foi principalmente uma mudança de escala no mesmo esquema”, analisa. É o que diferencia, por exemplo, uma organização franciscana de uma jesuíta, pois enquanto a primeira tem a centralidade na Igreja, a segunda está num complexo que tem junto o colégio e a residência dos religiosos.

Norberto Levinton é arquiteto, doutor em História e especialista em História e Crítica de Arquitetura e Urbanismo, pesquisador na Universidad del Salvador, em Buenos Aires, na Argentina. Entre suas publicações, destacamos *La Arquitectura Jesuítico-Guarani: Una Experiencia De Interaccion Cultural* (Buenos Aires, Argentina: SB, 2008); *El espacio jesuítico-guaraní: la formación de una región cultural* (Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, 2009) e *San Ignacio Miní: la identidad arquitectónica* (Buenos Aires, Argentina: Contratiempo, 2009).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o espaço da missão jesuítica na América Colonial?

Norberto Levinton – É importante vincular a definição de espaço

com o contexto no qual a Província

guarani. Una experiencia de interacción cultural, publicado em Buenos Aires, em 2008; *El espacio jesuítico-guaraní. La formación de una región cultural*, publicado em 2009, em Assunção do Paraguai; *San Ignacio Miní: la identidad arquitectónica*, publicado em 2009; e vários artigos difundidos em revistas acadêmicas de universidades espanholas, paraguaias e brasileiras. Para ater-se ao caso de edifícios jesuítas construídos em cidades: *Arquitectura de la Compañía de Jesús en Buenos Aires*, lançado em 2012, e vários artigos publicados em Buenos Aires, Córdoba e Praga. (Nota do entrevistado)

Jesuítica do Paraguai se organizou desde o final do século XVI até a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios espanhóis. Isto está relacionado com o papel da ordem religiosa formada de acordo com as ideias políticas da Coroa Espanhola em relação à gestão da fronteira de seus territórios com Portugal e a uti-

1 Os conceitos utilizados para responder às perguntas sobre os povos das Missões Jesuíticas são melhor desenvolvidos nos seguintes livros: *La arquitectura jesuítico-*

lização de índios para a formação de “presídios” ou postos fronteiriços. Dentro dessas políticas, insere-se o propósito jesuíta de evangelizar os índios e introduzi-los na sociedade colonial a médio prazo.

Por isso, acredito que o espaço da missão jesuíta na América Colonial Espanhola, diferentemente do que houve na América Colonial Portuguesa, teve uma inserção plena nas fronteiras da Província Jesuíta do Paraguai e também nas outras cidades espanholas, através do mercado comum constituído pela produção de povos indígenas e vendida nas cidades mais importantes da América espanhola: as mulas criadas nas estâncias dos povoados e dos colégios das cidades, vendidas na região de Potosí; a erva-mate enviada a Santiago do Chile, Lima e Potosí; e os que percorriam as cidades mais importantes do Rio da Prata através da gestão das Procuradorias dos Colégios. No século XVIII, também o couro.

Então, o espaço missionário compreende o assentamento urbano de cada povoado e toda a estrutura produtiva das fazendas e estâncias que geralmente não formam um espaço contínuo, mas que estão divididas em porções territoriais repartidas historicamente devido à mobilidade e realocações das Missões Jesuíticas, além da extensão de cada cidade no mercado jesuítico-indígena comum. Isso quer dizer que, acerca deste assunto, é necessário analisar cada caso em particular e não é possível separar o espaço missionário do espaço jesuítico das cidades.

IHU On-Line – Como se dá a organização do espaço dentro do “mundo missionário”? Que relações podemos estabelecer entre essa organização e as atividades sociais, políticas, econômicas e culturais dentro das missões?

Norberto Levinton – A organização do espaço missionário é um processo histórico. Sobre este assunto, as realocações, os litígios entre povos e o que foi observado em 1657 pelo Ouvidor Valverde

ou Balverde, fazem parte da documentação fundamental. De vez em quando, algumas informações importantes surgem em memoriais. A questão mais importante é o reconhecimento dos direitos consuetudinários dos índios por parte dos jesuítas. Isto pode ser claramente observado nos escritos produzidos sobre os litígios entre povos.

Um tópico que considero muito importante é o direito dos indígenas ao lucro quilombola sobre o gado selvagem e os ervais silvestres, bem como sobre a aquisição de terras por parte da Companhia de Jesus na região do Iberá, na Argentina, e na Banda Oriental uruguaia, algumas delas literalmente compradas ou cedidas de diferentes maneiras por governadores ou outros funcionários. Estudamos as estâncias da Banda Oriental e as existentes entre os rios Corriente e Miriñay, que também passaram por um processo histórico que reduziu suas extensões. É preciso salientar a composição identitária de cada povoado que, em muitos casos, reúne os caciques de vários povoados dissolvidos, o que implica a existência de direitos consuetudinários que passam a fazer parte dos direitos consuetudinários dos índios da aldeia.

Devemos também levar em conta os direitos dos índios de origem nômade que estão integrados aos povos missionários, como os Yaros e os Charrúas, em Yapeyú, ou os semisedentários, como os Guaianás de Santa Maria e Corpus. As estâncias e chácaras constituem uma história à parte, nas quais houve feitos muito particulares, como a cessão das terras de Concepción ao novo povo de Trinidad, como presente de casamento de um cacique Ñeenguirú à sua própria filha com um cacique procedente de San Carlos e que passava a fazer parte do novo povoado.

Então, acho que não é possível falarmos apenas sobre algo jesuítico-guarani, mas de uma cultura missionária muito complexa, com grande diversidade cultural. Isto é claramente reafirmado com a fundação de povoados em Gran Chaco e em

outros lugares, como a Província de Buenos Aires, com índios de grande diversidade étnica.

IHU On-Line – Quais são as principais características da arquitetura nas missões?

Norberto Levinton – A principal característica da arquitetura missionária é ser uma arquitetura de composição. O que significa isto? Nos referimos a uma arquitetura tipológica porque trabalha com esquemas prévios em planta, mas de grande flexibilidade e adaptação, o que permitiu incorporar elementos das culturas indígenas e até mesmo da grande diversidade de linguagens arquitetônicas das regiões europeias, de onde procediam os arquitetos coadjutores da Companhia de Jesus. Por isso, a arquitetura da Companhia de Jesus segue as mesmas tipologias nas cidades e nos povoados missionários, mas ao mesmo tempo é totalmente diferente em cada local por conta das implicações culturais, dos materiais, da mão de obra e dos chefes de obra.

IHU On-Line – De que forma a arquitetura, especificamente na experiência jesuítica-guarani, pode ser compreendida como uma interação cultural?

Norberto Levinton – Escrevemos um artigo intitulado “De la manzana cuadrada a la vivienda -manzana”² [“Do quarteirão quadrado ao quarteirão-domiciliário”, em tradução livre] como o processo mais interessante que foi experimentado pelas cidades missionárias. O mais importante foi o fato de que o indígena de língua guarani impôs sua concepção de espaço para a habitação familiar única, restrita pela concepção dos jesuítas europeus em termos da separação das famílias do cacicado por meio de uma parede fina que, antes, a *oga guasu* macrofamiliar não tinha. A igreja, a *tupa-roga*, como casa de Deus, foi principalmente uma mudança de escala no mesmo esquema.

² O artigo referido está disponível em <http://bit.ly/2Qr74Ev>. (Nota da IHU On-Line)

O habitante nativo da selva contribuiu com seu conhecimento no uso da madeira, como por exemplo, o uso de vigas mestras e dos enfeites de folhas de palmeira. O jesuíta contribuiu com o uso do barro (os *torchis* franceses ou o *pisée*) e, posteriormente, o uso do azulejo, o tijolo de adobe e, finalmente, a pedra sem trabalho adequado com a *ñau* e a pedra conformada para a alvenaria. Isto é, houve etapas de interação cultural na arquitetura.

Ainda analisamos a questão sobre a habitação indígena circular nos povoados missioneiros. Como esses índios se adaptaram à habitação linear? Do meu ponto de vista, foi percebido um processo em Chiquitos³, com os índios dessa etnia, e com os Guaianás⁴, entre os Guaraní. Esses grupos étnicos trocaram as residências redondas pelas residências lineares e, de certa forma, pode-se dizer que eles se “guaranizaram”.

IHU On-Line – Há diferenças na organização espacial e arquitetônica entre as missões da América Espanhola e da América Portuguesa? Quais e o que significam?

Norberto Levinton – Em todas as missões, o substrato étnico aparece como grande diferenciador. A questão da identidade cultural dos grupos indígenas participantes é o que diferencia uma missão da outra. É diferente caso seja um grupo nômade ou sedentário. Isso está relacionado com o modo de vida. A isto, também se relaciona o clima de cada lugar, a vegetação arbórea, o tipo de solo, a existência de pedra. Isso é muito claro se compararmos as missões jesuíticas de Chiloé, no Chile, com as da Baixa Califórnia, nos Estados Unidos. Há um grande

determinante que é a latitude.

Por sua parte, entre as missões franciscanas e jesuíticas, a diferença está no núcleo principal. Nas franciscanas, a igreja fica no meio da praça. É uma questão simbólica em relação aos Guaranis. Nas jesuíticas, permanecem juntas a igreja e a escola, a residência dos sacerdotes e os ateliês – tal como nas cidades –, além do cemitério. Os jesuítas retomam a ideia dos mosteiros medievais. Entre as missões portuguesas e espanholas, a diferença é uma questão de política de Estado. Estamos falando sobre o papel dos sacerdotes em relação à comunidade indígena. Quer seja uma missão volante ou de um *curato*.

IHU On-Line – Qual era o espaço das máquinas no mundo missioneiro? Como se dá essa inserção da tecnologia pré-industrial nos modos de produção missioneiro? E qual o impacto disso nos modos de vida de povos originários?

Norberto Levinton – Pensamos que o que os indígenas trazem de sua cultura originária é o que permanece, transforma-se e se torna uma conquista da cultura missioneira. Isto é claramente o resultado da fabricação de lenços e guardanapos. Os índios sabiam como fazer uma rede e os jesuítas introduzem a roda de fiar. Há um processo.

Com a escultura, acontece algo muito particular. Não há registro prévio de uma arte antropomórfica. O indígena produz uma arte barroca que é rejeitada pelos espanhóis das cidades. A escultura mais interessante dos povos indígenas é aquela que sai dos sonhos. São as obras do tipo ingênuas e hieráticas. Essas formas se relacionam com a geometria das cerâmicas e das cestas. Os indígenas rejeitam e não se destacam naquilo que não há vínculos com a cultura originária.

IHU On-Line – Podemos afirmar que a Companhia de Jesus, a partir da experiência de mis-

sões, imprime a constituição do cenário urbano como estratégia apostólica? E como compreender essa estratégia?

Norberto Levinton – No caso das cidades, estamos falando da proposta dos jesuítas para os espanhóis. Sua postura é fundamentalmente cultural. Eles atraem as pessoas por conta do alto nível de conhecimento de seus sacerdotes. Na verdade, em essência, é a mesma ideia que está no substrato dos povos de índios missioneiros. Aproximar-se de Deus a partir da realidade mental de cada um. Um templo em Montevideu deveria ser construído com uma linguagem arquitetônica que pertencesse aos habitantes do lugar. Essa é a ideia que o *mudéjar*⁵ sustenta para as pessoas que vêm das ilhas espanholas do Atlântico, as Ilhas Canárias.

Em Buenos Aires, Assunção e Santa Fé deve haver abóbadas e cúpulas, feitas de madeira ou tijolos, de acordo com a capacidade do arquiteto.

IHU On-Line – Ainda sobre o cenário urbano, podemos afirmar que as reduções jesuíticas seguem um modelo de cidade europeia entre o final da Idade Média e o início da Modernidade? Por quê?

Norberto Levinton – As reduções jesuíticas não seguem um modelo europeu. Somente o núcleo arquitetônico da igreja e o colégio têm algo associado com a Idade Média e os primórdios da Modernidade. O traçado urbano do povoado missioneiro é o resultado de uma negociação entre o esquema original da cultura indígena Guaraní e as leis das Índias. A ideia de uma praça como conjunção da comunidade vem das aldeias indígenas. O bairro é cacical. A habitação linear é a *oga guazu*. O cabildo ou o *cotyguazu* não é de origem indígena. Tampouco o cemitério.

IHU On-Line – O que a relação

3 **Chiquitanos** (ou chiquitos): grupo indígena que habita o oeste do estado brasileiro do Mato Grosso (Terra Indígena Lago Grande) e o leste da Bolívia. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Guaianás**: grupo indígena, também conhecidos como guaianases (do tupi antigo *güaianã*) ou guayanas, sul-americano que povoa regiões entre São Paulo de Piratininga e o Uruguai até o final do século XVI. Durante o período colonial, essa tribo recebeu vários nomes, como guaianases e guaianã. Era um grupo considerado coletor, ocupando a região da Serra do Mar, em um território que ia desde a Serra de Paranapiacaba até a foz do Rio Paraíba do Sul, no atual estado do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Denomina-se **arte mudéjar** ao estilo artístico que se desenvolveu entre os séculos XII e XVI nos reinos cristãos da Península Ibérica, que incorpora influências, elementos ou materiais de estilo ibero-muçulmano. (Nota da **IHU On-Line**)

entre jesuítas e índios nômades, como os Abipones⁶, pode revelar acerca das resistências de povos originais às estratégias missioneiras? Que outros povos também apresentaram resistências às ações missioneiras?

Norberto Levinton – Para os índios nômades, os espaços foram recolhendo e por isso eles tiveram que aceitar a redução no meio do caminho. Os jesuítas estavam conscientes de seu fracasso com esses índios. Os nômades amavam a liberdade. Escrevemos um artigo sobre isso⁷.

IHU On-Line – Quais os principais limites do aldeamento missioneiro?

Norberto Levinton – O contato com o europeu significou para o índio muito mais perdas do que ganhos. Eles tiveram que renunciar a muitos de seus valores culturais de-

vido à incompreensão dos religiosos. E tiveram que manter certos hábitos e crenças em sua intimidade, que subjazem em cultos populares como o *San La Muerte*⁸. Os europeus trouxeram consigo doenças como a varíola. No conhecimento sobre os avanços tecnológicos, poucos indígenas participaram.

Após a expulsão dos jesuítas, eles perderam suas terras e foram utilizados como mão de obra barata para os exércitos. Somente alguns que aprenderam ofícios puderam entrar na sociedade crioula e conseguiram sobreviver mudando seus sobrenomes indígenas.

IHU On-Line – Como essa relação com a cultura de povos originários estabelecida no espaço de missão vai influenciar nossa perspectiva atual sobre

povos indígenas? E que relações podemos fazer entre as disputas nos territórios de missões com as lutas pela demarcação de terras indígenas do nosso tempo?

Norberto Levinton – Sua cultura continua sendo assassinada, suas terras são usurpadas e seu modo de ser é desprezado ou menosprezado. Nesse sentido, a divulgação da língua guarani é muito importante, pois envolve a inserção da questão cultural. Hoje, na América, a vida e a morte como continuidade é um conceito que nos aproxima mais dos indígenas do que dos cristãos, judeus ou muçulmanos.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Norberto Levinton – Em um contexto de degradação humana suscitado pelo liberalismo econômico, o ressurgimento das filosofias dos povos originários significa o aprimoramento de um caminho alternativo para aqueles que desejam um modo de vida distante do consumo e da luta por ascensão social através do dinheiro.■

⁶ **Abipones:** foram uma nação indígena da região do Gran Chaco, na Argentina. Pertenciam à família linguística guaiçurus. Eles deixaram de existir como um grupo étnico independente no início do século XIX. Um pequeno número de sobreviventes está assimilado à sociedade argentina. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ O artigo está disponível em <http://bit.ly/2IHpcra>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **San La Muerte:** é um santo não reconhecido pela igreja católica, cultuado no sul do Brasil, nordeste da Argentina e sul do Paraguai. Tem a sua origem na época das Missões Jesuíticas do século XVI. Conta a lenda que este santo foi um monge franciscano ou jesuíta que curava as pessoas de várias enfermidades, principalmente de lepra. Este monge foi castigado pelos seus superiores por estes milagres e foi preso em um quarto onde foi privado de água e alimentos; passando os dias abrindo este quarto e encontraram uma caveira em seu lugar. É um santo muito cultuado na Argentina, comemorado no dia 20 de agosto. (Nota da **IHU On-Line**)



ObservaSinós
OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS
DO VALE DO RIO DOS SINOS

ihu.unisinos.br



A multiplicidade política nas missões da Companhia de Jesus

Aliocha Maldavsky observa que a ação de jesuítas não é algo que possa ser uniforme e generalizado, assim como as relações que vão estabelecer com o poder temporal e populações nativas

João Vitor Santos | Tradução: Vanise Dresch

A historiadora Aliocha Maldavsky define as missões jesuíticas como “instrumentos de colonização do território americano, inclusive nos espaços mais recuados onde os administradores ibéricos não conseguiam exercer um controle político e militar suficientemente estável”. Mas ter claro esse conceito não significa que há unidade na condução dessas missões. “Não existe uma ‘missão’ jesuítica, mas várias. É importante que os historiadores não reifyquem a ação dos jesuítas como se fosse única no tempo e no espaço”, completa. Ou seja, a penetrabilidade e os modos de agir dos religiosos varia de acordo com o local e as comunidades com as quais vai tomando contato. “Nas cidades, os jesuítas se dirigem a todos os fiéis, incluindo os índios, que não são os mesmos nos campos e em zonas de fronteira ou recuadas como a Amazônia”, exemplifica.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Aliocha também analisa as relações dos jesuítas com as monarquias ibéricas. Segundo ela, é verdade que, em muitos momentos, padres – não só jesuítas – se associavam em prol da preservação e aproximação da realidade dos indígenas. Entretanto, ressalva: “os religiosos podem ter-se oposto aos monarcas, mas nem Las Casas nem Vieira questionam fundamentalmente a soberania dos monarcas ibéricos”. Mesmo havendo um interesse de ajustes entre os

interesses ibéricos e a sobrevivência dos povos originários, a prioridade estará majoritariamente alinhada pela conversão e expansão do catolicismo. “Mesmo que os missionários se interessassem pelos usos e costumes das populações americanas, eles não o faziam por elas mesmas, mas para melhor convertê-las. Estavam convencidos de que o catolicismo era superior”, analisa a pesquisadora.

Aliocha Maldavsky é doutora em História, integra os grupos de pesquisa Mondes Américains (UMR 8168, da Université Paris Nanterre) e Missions Religieuses Ibériques Modernes na École des hautes études en sciences sociales - EHESS. Suas pesquisas compreendem temas da História Social da Religião e seu lugar nas sociedades antigas do prisma do investimento, financeiro, humano e simbólico por parte dos leigos. Entre seus livros publicados, destacamos *Space and Conversion in Global Perspective* (Leiden: Brill, 2014); *Vocaciones inciertas: Misión y misioneros en la provincia jesuita del Perú en los siglos XVI y XVII* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012) e *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle* (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), editado em parceria com Marie-Lucie Copete e Ines G. Zupanov.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que forma podemos apreender a missão jesuítica além da perspectiva religiosa? E, nesse sentido, quais os seus principais legados para a América?

Aliocha Maldavsky – Além da perspectiva religiosa, as missões, assim como todo o empreendimento de evangelização dos ameríndios, constituem um dos instrumentos de colonização do território americano,

inclusive nos espaços mais recuados onde os administradores ibéricos – espanhóis e portugueses – não conseguiam exercer um controle político e militar suficientemente estável. Nos espaços controlados, como nas

fronteiras, os missionários e os religiosos têm igualmente um papel fundamental na sujeição das populações aos poderes europeus.

“A catequização dos ameríndios provavelmente não destruiu as outras formas de sagrado que existiam na América”

IHU On-Line – Embora os jesuítas representassem um braço das monarquias católicas da Península Ibérica, é sabido que em certos momentos se colocavam contrários aos interesses dos reis em prol de indígenas. Como compreender essas relações que se estabelecem a partir do século XVI?

Aliocha Maldavsky – Na escala do continente americano, os jesuítas não são os únicos a desempenhar um papel de consciência dos monarcas ibéricos. Antes deles, os dominicanos, destacadamente Bartolomeu de Las Casas¹, trazem uma reflexão sobre a colonização e o respeito à vida e à dignidade das populações. Os religiosos podem ter-se oposto aos monarcas, mas nem Las Casas nem Vieira² questionam fundamen-

talmente a soberania dos monarcas ibéricos. Em suas advertências, em seus sermões, opúsculos e proposições, percebemos mais a busca de um ajuste entre os interesses dos ibéricos – econômicos, muitas vezes – e a sobrevivência de populações que esses religiosos têm como prioridade converter ao catolicismo. Sem o apoio das monarquias, os missionários não conseguem agir.

IHU On-Line – No que a missão jesuítica difere de outras ações de religiosos? E como podemos perceber isso na América Colonial?

Aliocha Maldavsky – Não existe uma “missão” jesuítica, mas várias. É importante que os historiadores não reifiquem a ação dos jesuítas como se fosse única no tempo e no espaço. Nas cidades, os jesuítas se dirigem a todos os fiéis, incluindo os índios, que não são os mesmos nos campos e em zonas de fronteira ou recuadas como a Amazônia. As “missões volantes” dos jesuítas na América espanhola visam a reforçar o trabalho dos padres encarregados da vida espiritual. Mas esses jesuítas administram muito poucas paróquias e, portanto, não se confrontam com as mesmas realidades cotidianas que os outros padres – regulares ou seculares – que vivem diariamente entre os índios.

No Brasil, as aldeias administradas pelos jesuítas se assemelham às *doctrinas* dos índios da América espanhola e, nesse contexto, os jesuítas enfrentam as críticas dos colonos. Nas missões das fronteiras, como no Paraguai, a autonomia é bem maior. Então, não há “uma” missão jesuítica, mas várias.

IHU On-Line – A catequização de indígenas estabelece uma nova forma de ser católico cris-

onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da **IHU On-Line**, de 19-11-2007, Antônio Vieira, *Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. (Nota da **IHU On-Line**)

tão, reconfigurando a ideia de sagrado? Como?

Aliocha Maldavsky – Não tenho competência para responder corretamente a essa pergunta, que supõe como resultado uma única “configuração da ideia do sagrado” depois da conversão. Posso apenas responder que a catequização dos ameríndios provavelmente não destruiu as outras formas de sagrado que existiam na América. É impossível generalizar.

IHU On-Line – Pensando no contato entre colonizadores e indígenas, é comum considerarmos que o europeu chega e destrói a cultura e a política de povos originários. Quais os desafios para se conceber não a destruição, mas a transformação do modo de vida de povos originários? E a transformação dos próprios?

Aliocha Maldavsky – A transformação ocorre para as culturas dos povos autóctones assim como ela acontece em todo e qualquer processo histórico. Todo povo tem uma história que se transforma em contato com outros povos. Porém, se, por um lado, essa transformação ocorre efetivamente tanto entre os europeus, que se americanizam, quanto entre os povos autóctones, que se adaptaram à nova configuração, por outro lado os desafios não são os mesmos para os dois lados.

Para os povos ameríndios, o confronto é violento, porque a população é dizimada pela doença, pelo deslocamento forçado e/ou pela exploração. Neste caso, o desafio da transformação é a sobrevivência. Para os europeus, a questão é o lugar a ocupar nas novas sociedades que se originam nos processos de conquista e colonização, é o status social, enquanto para os ameríndios o problema é a sobrevivência. Embora o processo se dê nos dois sentidos, ele não é simétrico, longe disso. É importante que não se lance um olhar ingênuo sobre esses fenômenos.

1 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992), e a entrevista *Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação*, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à **IHU On-Line** 342, de 6-9-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0G0>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão,

IHU On-Line – Como se dá a atuação dos jesuítas? E no que consiste o processo de restituição de bens dos índios no século XVI?

Aliocha Maldavsky – A devolução dos bens espoliados é uma obrigação comum a todos os cristãos. Bartolomeu de Las Casas adapta isso ao contexto americano em um tratado publicado em 1552, pelo qual ele exige que os *encomenderos*³ restituam os bens adquiridos durante as guerras injustas e aqueles extraídos abusivamente das comunidades locais. Os dominicanos logo exercem essa prática junto aos antigos *conquistadores* do Peru, suscitando uma onda de restituições de bens aos índios nos Andes, nos anos de 1550 e 1560.

Essas restituições são feitas mediante fundações devotas financiadas pela doação de terras, de animais (ovelhas), geralmente controladas por religiosos. Para o rei da Espanha, a restituição é um meio de pressionar os antigos *conquistadores*⁴ que se tornaram *encomenderos*. Os jesuítas chegam nos Andes em 1568 e se interessam por essa questão *a posteriori*, participando dos debates que acontecem com as autoridades civis. Eles adaptam a restituição utilizando-a para financiar as fundações de colégios e as missões. A má consciência dos antigos *conquistadores* é, portanto, usada pelos jesuítas em proveito do financiamento das instituições religiosas.

IHU On-Line – Quais as particularidades das missões na América Andina?

3 **Encomendero**: aquele que realiza a encomenda, que, originalmente aplicada na região das Antilhas em 1503, com posterior projeção em outras porções da América espanhola, constando nos registros legislativos coloniais até o século XVIII, foi uma instituição jurídica imposta pela coroa com vistas a regular o recolhimento de tributos e circunscrever a exploração do trabalho indígena. Estabelecida a partir de um arranjo contratual, caracteriza-se pela submissão de um número variável de indígenas “pagadores de impostos” a um *encomendero* – inicialmente os mais notáveis soldados espanhóis nas guerras de conquista – responsável por viabilizar sua incorporação aos moldes culturais, econômicos e sociais europeus. (Nota da IHU On-Line)

4 **Conquistador**: termo empregado para se referir aos soldados, exploradores e aventureiros espanhóis e portugueses que se aventuraram pelas Américas e pelo oceano Pacífico, nas costas da Ásia, em regiões controladas pelos portugueses e espanhóis entre os séculos XV, XVI, XVII e XVIII. (Nota da IHU On-Line)

Aliocha Maldavsky – As missões jesuíticas na América Andina são principalmente missões volantes⁵ que apoiam a ação dos párocos das *doctrinas* de índios. Encontramos também uma ação missionária nas cidades e em algumas paróquias controladas pelos jesuítas, mas em número limitado, pois isso é contrário às *Constituições* da ordem.

Nos Andes, no século XVII, desenvolve-se também uma ação repressiva por parte das autoridades religiosas e civis sob a forma de campanhas de extirpação da idolatria que são uma particularidade local. Os jesuítas participam, num primeiro tempo, dessas campanhas (nos anos de 1610), mas delas se desvinculam (nos anos de 1660) para evitar que fossem associados à repressão exercida sobre as populações.

“Mesmo que os missionários se interessassem pelos usos e costumes das populações americanas, eles não o faziam por elas mesmas, mas para melhor convertê-las”

IHU On-Line – Quais as contribuições das cartas de mem-

5 **Missões volantes**: estilo de missão popular feita na Europa, também chamada missão romana que consistia em ao menos dois padres saírem pelas periferias da cidade indo às vilas próximas e de média distância para fazer uma pregação, normalmente em tom de Quaresma. Consistia em uma semana ou 15 dias, na qual se faziam catequese, sacramentos e uma espécie de retiro quaresmal. Isto foi, grosso modo, aplicado também em vilas da América espanhola e Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

bro da Companhia de Jesus para o conhecimento dos modos de vida de povos originários da América? E quais os limites desses documentos?

Aliocha Maldavsky – As cartas escritas pelos membros da Companhia de Jesus são de natureza diferente. Embora a questão se refira aos relatos das missões destinadas a um grande público ou aos membros da ordem na Europa, como as cartas anuais, esses são documentos com um caráter edificante que têm por objetivo glorificar a ação dos membros da ordem. Outros documentos, de caráter administrativo, permitem entender situações concretas e sair da esfera da propaganda. Em todos eles, é possível ler nas entrelinhas para encontrar, mesmo nos relatos edificantes, elementos úteis para a compreensão das populações autóctones, desde que sejam cruzados com outras fontes.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre as missões de jesuítas na América e no Oriente? No que essas missões se assemelham e no que se dissociam?

Aliocha Maldavsky – Podemos certamente comparar as missões americanas com as missões no Oriente, embora o que as diferencia primeiramente é o contexto colonial, bem mais presente na América do que no Oriente, onde os missionários são dependentes dos poderes locais. Um primeiro ponto em comum é a importância das elites locais como alvos da evangelização e a formação, dentro dessas elites, de intermediários – catequistas, sacristãos, cantores – pela transmissão de competências de leitura, escrita, música. Isso é encontrado tanto nos Andes e no Paraguai quanto no Japão e na Índia.

Outro ponto em comum é a importância atribuída à língua vernácula em todos os terrenos missionários e a aprendizagem dessas línguas pelos missionários, com estratégias às ve-

zes diferentes conforme as ordens e as épocas. Um terceiro ponto em comum é a promoção das organizações coletivas laicas, como as confrarias ou as congregações marianas, para organizar a devoção católica; portanto, é o papel atribuído aos laicos na organização de novas cristandades.

A principal diferença é o grau de coerção mais elevado na América que na Ásia. Mas isso depende do lugar. Nas zonas de densa ocupação europeia na América, essa coerção é evidente. Ela é menos nítida nas zonas de fronteira, onde os missionários dependem das autoridades locais, como no Paraguai, mas também no Japão ou na China. Mas nem toda a Ásia é redutível ao mesmo esquema: em Goa⁶, os portugueses

exercem um poder que eles não têm no sul da Índia ou entre os mongóis. Consequentemente, a questão do grau de coerção não é unicamente redutível ao continente.

IHU On-Line – Quais foram os principais equívocos no projeto da Missão, tanto na América como no Oriente?

Aliocha Maldavsky – Os atores da história agem em função de

tra a norte e Karnataka a leste e sul, na costa do Mar da Arábia, a cerca de 400 km ao sul de Bombaim. É o menor dos estados indianos em território e quarto menor em população, e o mais rico em PIB per capita da Índia. A sua língua oficial é o concani, mas ainda existem pessoas nesse estado que falam português, devido ao domínio de Portugal na região por mais de 400 anos. Goa, a partir de 1510, foi a capital do Estado Português da Índia, tendo sido integrada à Índia após ser tomada pelo exército indiano em 1961, derrotando as exíguas forças militares portuguesas presentes. (Nota da **IHU On-Line**)

fatores próprios de sua época. O historiador não tem de se pronunciar sobre erros eventuais, como se fosse possível julgar sobre o bem e o mal no século XVI a partir do século XXI. Não penso que esse seja o meu papel de historiadora.

A destruição das culturas locais, pela qual se pode lamentar posteriormente, fazia parte do projeto colonizador e evangelizador. Mesmo que os missionários se interessassem pelos usos e costumes das populações americanas, eles não o faziam por elas mesmas, mas para melhor convertê-las. Estavam convencidos de que o catolicismo era superior. Embora tendo se adaptado, em parte, às circunstâncias, eles pensavam estar agindo bem com a introdução do cristianismo. ■

⁶ **Goa:** é um estado da Índia. Situa-se entre Maharash-



Estâncias missioneiras como horizonte de relações

Helenize Serres pesquisou esse espaço que servia como local de produção, ponto de encontro e também de disputas e tensões dentro das reduções jesuíticas

João Vitor Santos

As reduções jesuíticas situadas entre o que é hoje o sul do Brasil e o Uruguai eram verdadeiros complexos que reuniam diversos povos indígenas, religiosos e também espanhóis e portugueses. Dentro dessas grandes áreas se desenvolveram as chamadas estâncias. “Foram importantes por serem espaço de criação, mas também porque nelas foi desenvolvida uma vida que estava além do povoado, espaço ao qual permaneciam interligadas a partir de diversas questões, entre elas, administrativas, econômicas ou, ainda, de ordem religiosa”, explica a historiadora Helenize Soares Serres. Ou seja, era a paisagem rural da redução, responsável também pela produção de alimentos que subsidiaria as ações dentro desse grande complexo gerido pela Companhia de Jesus.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Helenize observa que essa definição já revela que a estância vai muito além do espectro religioso. “A fundação dos povos e conversão de seus moradores provocou transformações de vários níveis. Os padres jesuítas promoveram mudanças no âmbito religioso, na política e na sociedade, por exemplo”, acrescenta. Mas isso não se dava de forma homogênea, o que vai fazer da estância, além de ponto de encontro entre culturas, um local de disputa. “As estâncias missio-

neiras foram horizontes de relações, em diferentes níveis, com grupos chamados ‘infieis’, com espanhóis fugitivos e mesmo portugueses em busca de gado. Essa situação mostrou o trânsito que havia na área rural a partir dos pontos: invasões e roubos de gado e laços de parentesco ou acolhida como forma de refúgio”, analisa. Assim, a historiadora propõe um olhar desde a perspectiva de fronteira, de troca e de influências mútuas, num espaço que hora permite passagem e hora promove contenções.

Helenize Soares Serres é doutora em História pela Unisinos, tendo realizado estágio doutoral no Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, em Buenos Aires. Também é mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, graduada e especialista em História pela Universidade da Região da Campanha - Urcamp. Entre suas publicações, destacamos: *Os “pueblos de índios” e suas estâncias. Litígios de fronteira no espaço missioneiro* (In: Fronteiras e identidades: reunião de artigos do III EIFI. Pelotas: Edição do autor, 2017) e *Jesuítas e espanhóis na construção do espaço da Estância de La Cruz* (In: Missões em Mosaico: Da Interpretação à prática: um conjunto de experiências. Porto Alegre: Faith Ltda, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No que consistiam e como se configuravam as estâncias missioneiras? E em que se diferenciavam das demais missões e reduções jesuíticas?

Helenize Soares Serres – As estâncias missioneiras ocuparam um papel imprescindível na história das missões jesuíticas. Foram importantes por serem espaço de

criação, mas também porque nelas foi desenvolvida uma vida que estava além do povoado, espaço ao qual permaneciam interligadas a partir de diversas questões, entre elas, ad-

ministrativas, econômicas ou, ainda, de ordem religiosa. Elas compõem o que pode ser considerada como “paisagem agrária” das reduções, as quais foram sendo construídas pela intervenção humana nos ervais, áreas de cultivo e onde se vai criar gado.

A partir de cartas e crônicas dos jesuítas, sabemos que a produção e distribuição de alimentos para os índios reduzidos era um grande desafio. Os períodos de fome costumavam ter consequências muito negativas como fugas e decréscimo populacional. Por isto, pode-se compreender a necessidade que os jesuítas tinham de garantir uma produção alimentícia capaz de sustentar grupos de indígenas das missões, que podiam ser consideravelmente grandes. Nesse sentido, a carne de gado constituía uma fonte essencial de comida.

As estâncias surgiram, ainda, para solucionar um problema que as vacarias ofereciam por suas vastas extensões de terra, pois evitariam a dispersão do gado pelas pastagens, livres para o consumo e o rapto pelos portugueses e pelos nativos da região, como os Charruas¹ ou Minuanos², bem como pelos espanhóis. Por estarem mais próximas das reduções do que as vacarias, elas proporcionavam um maior controle do gado, que permanecia reunido e próximo aos cuidados dos indígenas missioneiros responsáveis pelo trabalho com os animais. Nelas se encontravam capelas, além de casas, currais, galpões e hortas. Tinham, ainda, uma estrutura com afazeres produtivos que eram importantes para a sustentabilidade dos *pueblos* missioneiros. Formavam, portanto, parte do espaço econômico das missões jesuíticas, constituindo unidades produtivas em que se criava o gado que deveria

prover as reduções de animais de abate.

“A redução buscava a estabilidade da população indígena para que pudesse, de fato, consolidar-se uma comunidade cristã”

IHU On-Line – Normalmente, se associa a aglutinação dos índios nas reduções apenas sob uma perspectiva religiosa. Como superar essa visão, estendendo o olhar também para perspectivas econômicas, políticas e sociais das reduções?

Helenize Soares Serres – A redução buscava a estabilidade da população indígena para que pudesse, de fato, consolidar-se uma comunidade cristã, a partir, por exemplo, de práticas de trabalho que seguiam uma relação com a organização econômica das sociedades guaraníticas. Nas missões, eles participavam de uma nova vida social, contribuindo na ocupação do espaço e no desenvolvimento da sociedade colonial espanhola.

Ao lado dos objetivos de alcance espiritual e moral que os jesuítas tinham para as reduções, estavam focados também em construir uma sociedade que pudesse progredir na mesma proporção da dos colonos, com uma vida social, política e econômica organizada, porém, sem ser administrada diretamente pelos espanhóis. Esta era uma alternativa

dentro do mundo colonial, a qual, segundo Bartomeu Melià³ (1997), mostrou-se utópica. Desse modo, os jesuítas no espaço reducional buscavam conduzir os indígenas a viver concentrados, ou seja, em povoados sobre o controle do Estado e da Igreja, interferindo em aspectos sociais, políticos e econômicos de suas sociedades, em um esforço de ocidentalização.

Assim, ela deve ser entendida como algo mais que um fenômeno religioso, uma vez que a fundação dos povos e conversão de seus moradores provocou transformações de vários níveis. Os padres jesuítas promoveram mudanças no âmbito religioso, na política e na sociedade, por exemplo. Não resta dúvida que também as pautas econômicas indígenas deveriam ser transformadas.

IHU On-Line – Qual o papel dessas estâncias missioneiras no processo de colonização da América?

Helenize Soares Serres – As missões na antiga Província Jesuítica do Paraguai⁴, das quais fazem parte os povoados missioneiros, iniciaram-se no século XVII e se desenvolveram sem interrupções até 1767. Foram uma “instituição de fronteira” em que, pela ação dos jesuítas, para desenvol-

³ **Bartomeu Melià**: jesuíta espanhol Bartolomeu Melià, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaigangue e Enawenê-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista *As missões jesuíticas nos sete povos das missões*, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-9-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Melià proferiu a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU – A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, na edição 331, uma entrevista com Melià, intitulada *A história de um guarani e a história de suas palavras*, disponível em <http://migre.me/MqPH>. Confira, ainda, o Perfil de Melià, publicado em <http://migre.me/2pf5p>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Província jesuíta do Paraguai**: foi uma das províncias da Companhia de Jesus na América do Sul antes de sua expulsão do território do Império Espanhol entre 1767 e 1768. Esta região ou província, então dependente do Vice-Reino do Peru, abrangia regiões da corrente: Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia e partes do Brasil e do Chile, e a sede do pai provincial ficava na cidade de Córdoba. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Charruas**: [também grafado como charrúas] índios que habitavam nos campos dos territórios atuais do Uruguai, do nordeste da Argentina (especialmente na Província de Entre Rios) e do sul do Rio Grande do Sul, no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Minuanos**: grupo indígena que habitava os campos no sul do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, bem como o Uruguai. Emprestam o nome ao vento forte vindo do sudoeste, frio e cortante, que sopra no Rio Grande do Sul, depois das chuvas de inverno. Eram índios com origens na região da Patagônia, como os Charruas e os Guenoas, com os quais nunca se sobrepujaram no mesmo território. (Nota da **IHU On-Line**)

ver a “polícia civil e cristã” junto aos povos indígenas, buscava-se contribuir para o controle colonial destes territórios. Isto implicava “reduzir a *pueblos*”, ou seja, interferir no padrão de assentamento disperso dos índios para concentrá-los de forma a facilitar a catequese e o controle sobre eles. As estâncias das missões orientais abarcavam uma vasta área do atual território do estado do Rio Grande do Sul e da República do Uruguai. Trata-se das fundações jesuíticas localizadas na margem oriental do rio Uruguai: estância de *San Borja*; estância de *San Lorenzo*; estância de *San Luis*, estância de *San Nicolás*; estância de *Santo Ángel*; estância de *San Juan Bautista*; estância de *San Miguel*.

Foram estabelecidas no período conhecido como “segunda entrada” dos jesuítas na região, haja vista que eles haviam iniciado suas atividades apostólicas nesta área anteriormente. As fundações das reduções e suas respectivas estâncias ocorreram entre o final do século XVII e início do século XVIII, período de expansão dos povoados. O maior legado das estâncias missioneiras é sua importância na história das missões jesuíticas, pois foram agentes propulsores do desenvolvimento das reduções, vindo a ser uma parte essencial dos povoados.

IHU On-Line – Como compreender as estratégias sociais, políticas e econômicas dos jesuítas na condução das estâncias missioneiras?

Helenize Soares Serres – A criação das estâncias, como forma de organização e desenvolvimento, possibilitou um crescimento e valorização do espaço onde se situavam. Por exemplo, as estâncias, que se encontravam como reservas econômicas e territoriais das reduções. Assim, também tinham a função de vigiar as fronteiras servindo de barreira para o avanço de invasores, além, ainda, da tentativa de evangelização com objetivo de conversão e integração das parcialidades indígenas e mais a manutenção e exploração dos recursos naturais do espaço povoado.

Os jesuítas foram os guias dessa empreitada constituída por relações sociais que foram se desenvolvendo com intuito de reunir os povos através de atividades diversas, envolvendo valores de coletividade e ideias do cristianismo, a partir de uma vida social. Porém, é certo que as relações entre os povos ocorreram por vários meios e que muitos foram os conflitos entre os cristianizados e também com os povos infieis que, mesmo não aceitando a evangelização, tinham acesso a estâncias em aproximações amigáveis ou não.

IHU On-Line – Quais foram as estâncias missioneiras de maior destaque desse período?

Helenize Soares Serres – As estâncias de maior destaque, tanto em extensão de terra quanto de circulação de gado, foram a de *Yapeyú* e *San Miguel*. *Yapeyú* foi a redução mais meridional de todas as da frente missioneira, estando situada à margem direita do rio Uruguai, em frente à desembocadura do rio Ibicuí. Este pode ser considerado como o limite sul do território de ocupação guarani-missioneira. Sua estância, entretanto, estava localizada no lado esquerdo do rio Uruguai. Já a estância e redução de *San Miguel*, ambas estavam localizadas no lado oriental do rio Uruguai, atual estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

IHU On-Line – Como compreender as relações que se estabeleciam nesses espaços?

Helenize Soares Serres – As estâncias missioneiras foram horizontes de relações, em diferentes níveis, com grupos chamados “infieis”, com espanhóis fugitivos e mesmo portugueses em busca de gado. Essa situação mostrou o trânsito que havia na área rural a partir dos pontos: invasões e roubos de gado e laços de parentesco ou acolhida como forma de refúgio. A historiografia hoje reconhece que, nos povoados missioneiros, havia grupos indígenas que não eram guaranis. Alguns deles,

como os Guenoas⁵ e Charruas, eram tidos como hábeis em certas atividades desenvolvidas nas estâncias.

Através do *Diario de viaje a las vaquerias del mar*, escrito pelo Padre Silvestre Gonzalez⁶, por exemplo, conseguimos perceber a participação dos Guenoas atuando como vaqueiros nas áreas rurais. Da mesma forma, hoje também sabemos que reduzidos e não reduzidos encontravam meios de interação, o que verificamos a partir de cartas e pareceres de membros da Companhia de Jesus, encontrados no *Archivo General de la Nación*, em Buenos Aires, Argentina.

As estâncias oportunizavam o contato com diversos sujeitos que não eram “índios reduzidos”, os “infieis” visitavam as estâncias para buscar “regalos” ofertados pelos padres que desejavam atraí-los à catequese, e também para promover assaltos e conflitos. Além de outros nativos, há também gente que se subtrai da esfera hispano-colonial da sociedade e se fez presente nesses espaços. Um dos problemas que se apresentava com constância no cenário das missões diz respeito ao roubo de gado. Via de regra, este era um conflito ocasionado pelos grupos nômades que frequentavam o espaço que os jesuítas consideravam como relacionado às suas estâncias e, corretamente, às suas missões.

IHU On-Line – Como compreender as questões de fundo nas disputas entre indígenas e espanhóis? De que forma a figura do missionário jesuíta se insere nesse contexto?

Helenize Soares Serres – No espaço das missões jesuíticas ocorreram muitas disputas que envolveram diferentes atores sociais. Nos povoa-

⁵ **Guenoas:** [também conhecidos como guanoas]: eram índios da região da Patagônia, região que hoje fica entre Argentina e Chile, que viviam errantes nas terras ao oriente do rio Uruguai, no ângulo sudoeste do estado do Rio Grande do Sul, estendendo-se até o oceano Atlântico. São considerados os charruas setentrionais. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Padre Silvestre Gonzalez:** nasceu em Hueva, Espanha, em 1657. Ele ingressou na Companhia de Jesus em 1675 e chegou a Buenos Aires em 1681. Concluiu seus últimos votos em Santiago del Estero, Argentina, em 1689, e faleceu em Candelária, em 1708. (Nota da **IHU On-Line**)

dos, mesmo havendo prevalência de uma estabilidade no plano interno, não havia ameaças só pelo que vem de fora. A população das missões, de fato, não era homogênea, pois, ao contrário, podemos observar indícios de interações entre diferentes grupos nativos nos povoados. O que existiu foi um território de atuação da Companhia de Jesus, mas não exclusivamente dela. Ele continuou sendo área de vivência de outros grupos indígenas, bem como de novos atores sociais, como espanhóis fugitivos, marginalizados e portugueses da Colônia de Sacramento.

A visão do cenário interno deve ser tensionada, pois houve muitos conflitos que se estenderam a longo prazo. Embora saibamos que relações de tipo diferente deveriam ocorrer de diversas outras formas, aquelas em nível “oficial”, tramadas entre os *pueblos* que formavam o conjunto da Província Jesuítica do Paraguai, no que se refere à figura do missionário, eram estabelecidas através dos seus representantes, que vinham a ser os curas de cada missão. Muitos acordos que foram firmados estreitaram os laços entre eles.

Porém, assim como havia acordos, também encontramos distanciamentos e desavenças entre os povoados. Isso pode ser observado, por exemplo, em pleitos que mostram que havia competitividade. Esses pleitos geralmente se resolviam em longo prazo e costumavam envolver disputas por recursos como terras e gado. Em meio a esses problemas internos, atuavam Provinciais, Superiores e Curas, tentando resolver os litígios, sendo que, em algumas situações, até mesmo o Padre Geral veio a se manifestar. Assim, a atenção a este tipo de ocorrência assinala a necessidade de relativizar a compreensão prevalecente que acentuou aspectos da solidariedade entre os povos.

IHU On-Line – No que a experiência de missão na colonização da América espanhola pode nos inspirar a, hoje, pensar acerca da relação entre povos

originários e o contato com culturas mais “ocidentalizadas”?

Helenize Soares Serres – A experiência de missão na colonização da América é mais uma forma de apresentar a importância desses diferentes grupos indígenas na história da nossa sociedade, a partir de um processo de aculturação que mostra as trocas que ocorreram. De fato, o colonialismo provocou, para os índios reduzidos, diversas rupturas no seu sistema tradicional, mas não há como negar que os jesuítas buscaram elementos de apoio nas formas de vida destes índios, sempre que elas não entravam em choque com os preceitos religiosos, morais e civilizacionais do ocidente cristão.

Desse modo, as referidas rupturas não são um sinal do fim de uma cultura, tanto que, em algumas áreas, as características da organização missionária levaram em conta as práticas indígenas. O regime de trabalho e de produção é uma destas esferas, sendo que se mantiveram, em parte, a organização coletiva do trabalho e a posse comunitária dos seus frutos.

IHU On-Line – Quais os desafios para se pensar numa ideia de missão no nosso tempo, num mundo em que vivemos a chamada crise migratória?

Helenize Soares Serres – A migração segue acontecendo principalmente por questões políticas e econômicas, exemplos contemporâneos é a guerra na Síria, levando milhões de pessoas a deixarem o país em busca da própria sobrevivência, ou ainda, a crise na Venezuela com alta inflação, escassez de alimentos e de produtos de necessidade básica, que também impulsionaram uma forte onda migratória. A relação com a ideia de missão vem a partir da acolhida, da possibilidade de integração entre diferentes culturas, estabelecendo relações em prol da sobrevivência, que busca enfatizar a humanização e a não violência. Acreditado que carece as nações pensarem e agirem com maior tolerância e coletividade, e talvez recorrerem aos

legados da história de formação da nossa sociedade como um todo, em prol de dias melhores.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Helenize Soares Serres – A pesquisa sobre as estâncias missionárias foi realizada através do estudo da historiografia das missões jesuíticas a partir de diferentes abordagens que contemplassem de alguma forma as estâncias. Na tentativa de buscar, desse modo, subsídios que lançassem luzes sobre elas, uma vez que raros foram os trabalhos que trataram especificamente desse tema. Paralelamente, foi analisado um conjunto de documentos elaborados pelos jesuítas, assim como outros, provenientes da administração da colônia espanhola, referentes ao período das reduções, girando em torno das estâncias e envolvendo questões internas e externas a elas.

Os documentos utilizados foram prospectados a partir de pesquisas feitas em Buenos Aires, no *Archivo General de la Nación*, onde foram encontradas várias informações sobre a Companhia de Jesus, entre esses, Memoriais com dados sobre a situação dos povoados, o funcionamento das estâncias e a presença nelas dos indígenas missionários através de atividades laborais. Os Memoriais também traziam elementos sobre os grupos residentes nas estâncias, bem como sobre o tipo e a quantidade de animais que nelas se podiam encontrar.

A partir da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a consulta à Coleção de Angelis permitiu encontrar fontes importantes como Memoriais dos Superiores das Missões do Paraná e do Uruguai. Também, no acervo do Instituto Anchietano de Pesquisa na Unisinos, foram encontrados os Manuscritos da Coleção de Angelis, isto é, documentos que foram editados da referida Coleção, bem como obras que constituem a literatura clássica sobre as missões jesuíticas. ■



Ecofeira

Todas as
quartas-feiras,
em frente ao IHU.

Das 10h às 18h

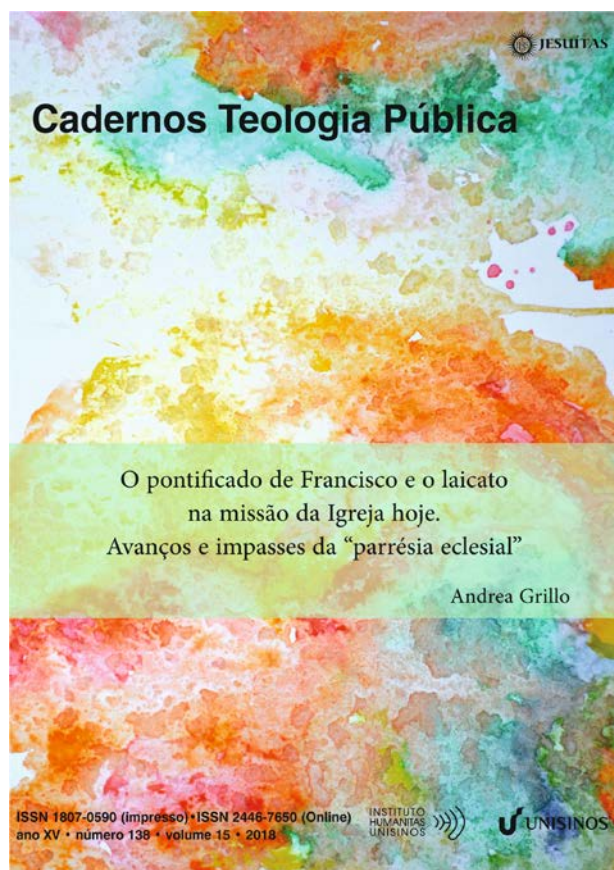
The poster features a rustic wooden plank background. It is surrounded by various fresh vegetables: green and red bell peppers, a purple cabbage, green leafy herbs, and a bunch of carrots. Small white decorative elements, including a clock face and a leaf, are scattered around the text. The IHU logo is in the top right corner.

O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial”

A edição 138 dos Cadernos Teologia Pública apresenta o texto *O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial”*, de Andrea Grillo. Para o autor, parece que “Francisco, exatamente enquanto Papa, teve o mérito histórico de introduzir formalmente – e eu diria plasticamente – um grande paradoxo: para contestar a categoria de ‘leigo’ é suficiente descobrir, reconhecer e admitir que o papa ‘não é primariamente um clérigo’. Ou melhor, apesar de ser ‘clérigo’ pela formação e cultura,

talvez por causa de sua natureza ‘religiosa’ jesuítica, se comporta, fala, pensa como um ‘não clérigo’. É por isso que ele é reconhecido ‘por instinto’ pelos ‘não clérigos’ e é frequentemente mal compreendido – talvez também aqui por instinto ou autodefesa – pelos ‘seus’ clérigos”. Grillo entende que deve então “identificar em que sentido a ‘missão da Igreja’ envolve radicalmente todos os batizados e batizadas. Não porque constituam ‘o laicato’ – que continua sendo uma categoria sociológica com pretensões teológicas –, mas em virtude de seu batismo e de sua comunhão eucarística. No entanto, esta passagem, apesar de estar oficialmente escrita nos textos de Concílio Vaticano 2 (CV2), continua sendo um passo difícil e árduo, pois repousa sobre ‘estruturas’ ainda profundamente ‘leigas’ e ‘clericais’”.

Andrea Grillo é filósofo e teólogo italiano, leigo, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral, de Pádua, é professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália.



A versão completa deste Cadernos Teologia Pública está disponível em <https://bit.ly/2QHVVPO>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Se você é aluno de graduação da Unisinos, o IHU disponibiliza 10 vagas gratuitas para o Simpósio através da plataforma Unisinos LAB.

Confira a relação dos nossos eventos em ihu.unisinos.br/eventos e matricule-se pela plataforma do LAB.



ihu.unisinos.br



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu



Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



A experiência missioneira: território, cultura e identidade

Edição 348 – Ano X – 25-10-2010

Em alusão ao XII Simpósio Internacional IHU – A experiência missioneira: território, cultura e identidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com o PPG em História, da Unisinos, a revista IHU On-Line debate essa experiência, nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai.



A Globalização e os Jesuítas

Edição 196 – Ano VI – 18-9-2006

A celebração mundial do Ano Jubilar Inaciano, fazendo a memória dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e dos 500 anos de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, companheiros do primeiro que fundou a Companhia de Jesus, inspirou a realização do Seminário Internacional Os Jesuítas e a Globalização.

75



Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração

Edição 458 – Ano XIV – 10-11-2014

Era 1773. Do Canadá à Terra do Fogo, da Amazônia brasileira aos recantos da China, espalhavam-se cerca de 23 mil jesuítas, membros da Companhia de Jesus. Coordenando mais de 800 estabelecimentos de ensino, reconhecidos catequistas, educadores e administradores, os membros da ordem criada por Santo Inácio de Loyola viram tudo ruir a partir de um breve papal, que estabeleceu a supressão da Companhia, que perdurou durante 41 anos. Ao retornar, em 1814, são cerca de 600 os inacianos responsáveis por dar continuidade ao projeto missionário. Um processo lento e progressivo, que culmina — mas não se encerra — com a eleição de um papa jesuíta em 2013.



4º Ciclo de Estudos

A reinvenção da política no Brasil contemporâneo

Limites e perspectivas



PROGRAMAÇÃO

8 de novembro de 2018 (quinta-feira)

8h30min – Início do Credenciamento

9h às 11h – O cenário pós-eleitoral no Brasil.
Possibilidades e Limites

Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Junior – UENF

11h às 12h30min – A (nova) biossocialidade brasileira
no cenário pós-eleitoral. Limites e Perspectivas

Prof. Dr. Orlando Fernandes Calheiros Costa – PUCRio

12h30min às 14h – Intervalo

14h às 16h – Juventudes e periferias no cenário
pré e pós-eleitoral brasileiro

MS Henrique Costa

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Mais informações e inscrições em
ihu.unisinos.br/eventos

